Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUARTA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 1973 — N.º 18087 — NO 53.º — PREÇO 1$50

A BOMBA NO MINISTÉRIO DAS CORPORAÇÕES

Funcionamento dos serviços parcialmente afectado

Uma violenta explosão durante a madrugada de ontem, cerca das 2 e 50, destruíu quase totalente as instalacões da secção de Contratação Colectiva do Ministério das Corporações, no edifício situado na Praça de Londres. A explosão, que terá ocorrido duvido ao rebentamento de uma bomba colocada nas instalações sanitárias do 4.º andar esburacou a parede das traseiras do edifício, bem como a divisória da secção com a escada de serviço. Em virtude da violência da explosão, as canalizações foram cortadas e a água invadiu as instalações do 3.º andar, onde durante a manhã de ontem, diversos serventes se atarefavam na limpeza de diversas salas

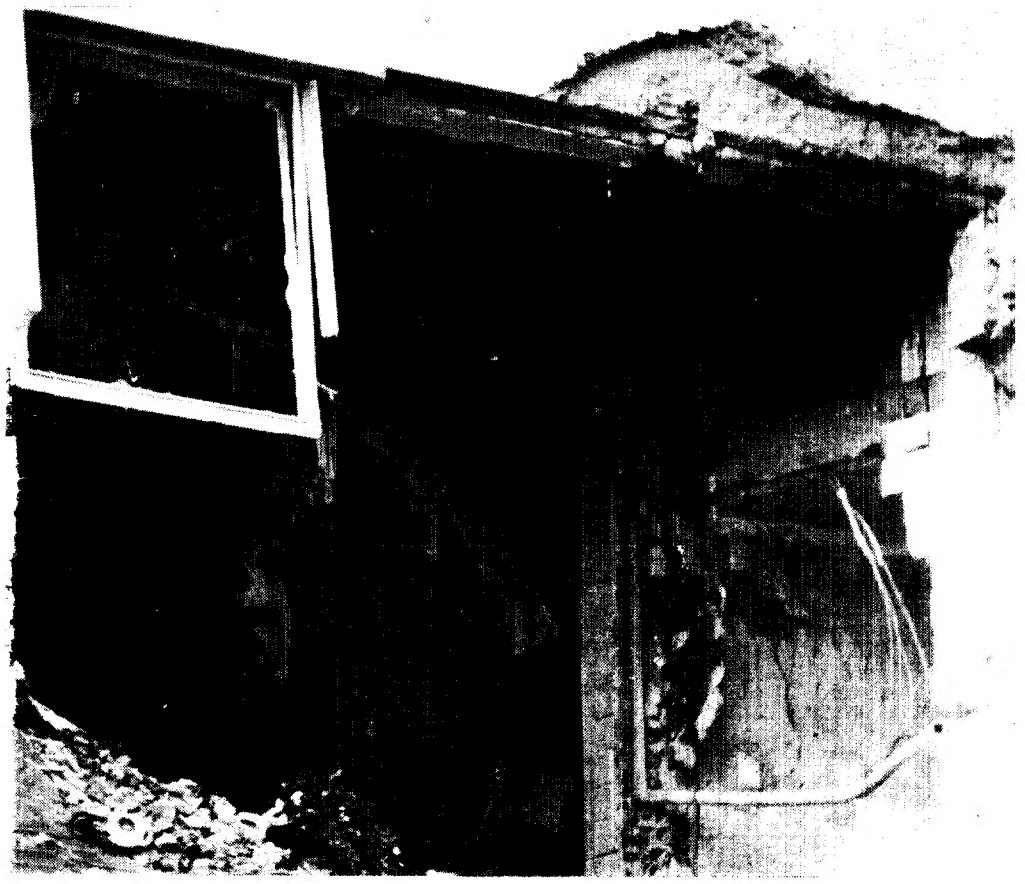
A explosão afectou os diversos serviços ministeriais durante toda a manhã de ontem, já que ficaram avariados os elevadores, o que implicava, em edifício de semelhantes proporções, a subida a pé de 18 andares.

As instalações sanitárias do 5.º andar foram também atingidas muito embora isso não impedisse um certo movimento de pessoal. Após a explosão, compareceram ao local o ministro das Corporações e Previdência Social e Saúde e Assistência e o secretário de Trabalho.

Foram igualmente afectados diversos prédios das redondezas, sendo de salientar que nada sofreram as grandes vitrinas, situadas ao nível do solo, do edifício governamental. No entanto, a montra da Pastelaria Roma, situada por baixo do Ministério, ficou completamente estilhaçada. Os habitantes da área, despertados pelo estrondo da explosão, ficaram, evidentemente, alarmados, tanto mais que aquele edifício já vinha a ser objecto de vigilância especial.

Tomaram conta da ocorrência os elementos da DGS que compareceram no local, estando neste momento a ser investigados os estilhaços e sua possível origem.

Interrogados sobre se o acontecimento teria interrompido os serviços normais, funcionários daquele Ministério informaram que tal não deverá ter acontecido, excepto no que respeita à secção atingida já que foram desfeitos, ou desarrumados, diversos ficheiros ou elementos administrativos de diversa ordem.



onsequências da explosão que abalou o quarto andar do edifício onde está instalado o Ministério das Corporações

O 1º de Maio no Japão

O Primeiro de Maio foi comemorado em todo o mundo das mais diversas formas. Em Tóquio, a capital do Japão, levou-se a cabo uma das maiores manifestações comemorativas do Dia do Trabalho. Aproximadaente meio milhão de pessoas desfilou, levando bandeiras e cartazes, pelas ruas do centro da cidade. O Primeiro de Maio marca a data das grandes greves nos EUA, no último quartel do século passado, a favor da jornada de oito horas. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

LEIA AMANHÃ

Mas, antes de ler, permita ue o informemos de que, des- e o princípio da actual fase o «Suplemento Literário», já e contam mais de 70 colabo- adores: com desculpa da vai- ade, é um bonito número... E, osto isto, tem para ler ama- hã uma entrevista com José omes Ferreira, um artigo de uís Filipe Grenha contra «Per- ido por Cem», o folhetim rtístico de José Augusto rança, um artigo de Miguel erras Pereira sobre os goliar- os, opiniões críticas de An- ónio Rebordão Navarro e de arlos Porto, um conjunto de extos sobre Peter Handke e osé Luis Gomez, a conti- uação do estudo de Fernando uso Soares acerca de Alves edol, uma informação de Luís Monteiro sobre a música co- eana, a conclusão da biogra- a de Picasso, a penúltima par- e do texto de Sidónio Muralha, m poema de Pedro Bandeira reire e a crítica de artes lásticas de José Luís orfírio...

Continuaremos, mesmo con- a alguns ventos e marés, que stão para provar que tudo ontinua igual na república as letras...

NOTA OFICIOSA

Através da secretaria de Estado da Informação e Turismo recebemos do gabinete do ministro das Corporações e Previdência Social a seguinte nota oficiosa:

«Verificou-se na madrugada do dia 1 de Maio, cerca das 3 horas, no edifício do Ministério das Corporações e Previdência Social, uma violenta explosão que, além de outros prejuízos, ocasionou a destruição de algumas das salas do 4.º andar, onde funciona a divisão de contratação colectiva, da direcção dos serviços do trabalho, entre as quais a da respectiva secretaria.

Em consequência, ficou destruída grande parte dos processos relativos às convenções colectivas em curso, bem como estudos e pareceres de grande interesse para a política do trabalho que ali se encontravam.

O Ministério iniciou já um decidido esforço no sentido da rápida reconstituição desses processos e reelaboração de pareceres, mas não poderá obstar a inevitáveis atrasos na homologação de diversos contratos e acordos colectivos, com correlativo e sensível prejuízo para os legítimos interesses de milhares de trabalhadores, que, como estes, o Ministério muito lamenta.»

NÃO HAVERÁ MAIS CONCURSOS DE "MISSES" (Pág. 8)

NOTA DA D.G.S.

Da Direcção Geral de Segurança recebemos a seguinte nota, datada de 1 de Maio: «Hoje, cerca das três horas da manhã, uma violenta explosão destruiu algumas salas do quarto andar do Ministério das Corporações e Previdência Social. Não houve vítimas. Logo após a deflagração estiveram no local para se inteirarem do ocorrido o ministro das Corporações e o secretário de Estado do Trabalho e Previdência. Neste momento e aparte a zona afectada, os serviços estão a funcionar normalmente. A D.G.S. está a proceder a investigações.»

Incidentes em Lisboa e no Porto

Apesar de todas as proibições divulgadas em nota oficiosa, alguns milhares de pessoas concentraram-se, ontem, a partir das 19 horas na zona do Rossio e Praça da Figueira, a fim de comemorarem a passagem do dia 1.º de Maio. Tal concentração originou incidentes com a Polícia que obrigou a dispersar os manifestantes e efectuou algumas prisões, cujo número não nos foi possível determinar.

A título preventivo a PSP distribuiu, por diversas zonas da cidade, elementos que, contudo, não chegaram a intervir, segundo informação oficial.

Pouco depois, um carro da Polícia, munido de altifalante, saíu da rua da Madeira e percorreu as artérias próximas, convidando os presentes a retirarem e descongestionarem a Baixa. Passado algum tempo, com efeito, a maior parte das pessoas dispensaram, não sem que se tivessem efectuado algumas prisões

Na Rotunda da Boavista foram estilhaçadas as montras da sucursal do Banco Português do Atlântico e de um estabelecimento contíguo.

O Trânsito na parte sentral da cidade foi restabelecido cerca das 21 e 30.

(Mais noticias na última página)

NO PORTO

PORTO, 2 — A data de ontem foi assinalada por diversos indidentes nesta cidade, conforme, aliás, se previa, devido ao lançamento, nos dias anteriores, de diversos panfletos alusivos ao 1.º de Maio.

A meio da tarde, em diversos locais tomaram posições forças policiais, para ali enciadas preventivamente. Na Baixa da cidade viam-se numerosos grupos isolados de pessoas, nomeadamente jovens, tendo as autoridades interdito o trânsito de carros particulares e transportes públicos na zona, cerca das 18 horas,

Hoje 32 PÁGINAS INCLUINDO 'MULHER"

FILMES CASTELLO LOPES (30) apresenta

O Filme. O Cinema.
A Arte.

"OS CLOWNS"
de FELLINI

com
FEDERICO FELLINI · ANITA EKBERG
PIERRE ÉTAIX

COLORIDO — GRUPO C - 14 anos

2.ª SEMANA
CINEMA CASTIL

Solenize a
PRIMEIRA COMUNHÃO
com uma

MEDALHA-RELÓGIO
(OURO OU PRATA DE LEI)
Uma prenda maravilhosa
MARCA A HORA E O MINUTO EXACTOS E A DESCRIÇÃO DO ACONTECIMENTO
CRIAÇÃO E FABRICO BONFIM
A VENDA NAS BOAS OURIVESARIAS

De Lisboa ao Extremo-Oriente russo por comboio

Sob os auspícios da União Internacional dos Caminhos de Ferro, o escritor norte-americano Marvin L. Saltzman partiu ontem de manhã de Lisboa, no TER, para uma viagem directa de 12 800 km a percorrer em 219 horas, até Vladivostock, no Estremo-Oriente russo.

A longa jornada, com escala por Madrid, Paris, Frnefort, Berlim, Moscovo e Khabarovsk terá como motivos, além da recolha de elementos para a publicação de um guia turístico — «Como viajar na Europa de comboio» — a elaboração de um relatório destinada ao Comité dos transportes Terrestres do Senado dos Estados Unidos para aplicação da experiência ferroviária europeia no serviço dos caminhos de ferro estadunidenses.

A chegada do escritor Saltzman ao termo da sua viagem, a Vladivostock, está prevista para o dia 16 de Maio, após uma etapa de 149 horas desde Moscovo.

SÁ CARNEIRO RECUPERA

O dr. Sá Carneiro que há dias, como noticiámos, teve um acidente perto de Famalicão, quando se deslocava de carro para o Porto, continua internado na Casa de Saúde da Boavista «**em franca recuperação, muito embora tenha que continuar internado durante bastante mais tempo**». Segundo informações obtidas naquele estabelecimento, todo o perigo se encontra ultrapassado, como já tinha sido tornado público.

LUCIANO MATOS

SUPERMERCADO DE UTILIDADES

pdi

VAMOS MUDAR
PARA MELHORAR!...

DEVIDO À CRESCENTE EXPANSÃO DA NOSSA ORGANIZAÇÃO
NOVAS INSTALAÇÕES
amplas • confortáveis • melhores possibilidades de escolha
na RUA DO BONJARDIM, 282 (junto ao Parque de Estacionamento)
ANTES DA TRANSFERÊNCIA DE INSTALAÇÕES

SENSACIONAIS PREÇOS
DE MUDANÇA

com descontos im-pos-sí-veis em todos os artigos, como:

PANO DE PASSAR A FERRO LUMATEX	SÓ 49$00 EM VEZ DE	65$
ALMOFADA DE CAMA LUMATEX	39$00 EM VEZ DE	50$
COLCHÃO DE ESPUMA LUMATEX	389$00 EM VEZ DE	435$
GRELHADORES ESMALTADOS (Gás e eléctrico)	49$00 EM VEZ DE	65$
CABIDES PARA SAIA E CALÇA 2 por	27$50 EM VEZ DE	37$
CABIDES DE MADEIRA (Suecos)	19$00 EM VEZ DE	25$
LUVAS DE MENAGE (inglesas)	15$80 EM VEZ DE	20$
ALCATIFAS (Aplicação grátis) desde	145$00 O METRO EM VEZ DE	165$
SERVIÇO DE COPOS (meio cristal) 77 peças	1.590$00 EM VEZ DE	1.920$
FAQUEIRO LUMATEX — Inox. — 123 peças	SÓ 720$00 EM VEZ DE	980$
TAPETES DE ALCATIFA LIDER - COURTELLE	16$50 EM VEZ DE	20$
ALCOFA PARA BEBÉ	370$00 EM VEZ DE	420$
LIMPA-CARPETES (SABINAS)	179$00 EM VEZ DE	215$
LAVA CARPETES	585$00 EM VEZ DE	690$
MAQUINA DE CAFÉ EXPRESSO (80 cafes por hora)	1.690$00 EM VEZ DE	1.990$
TELA PLASTICA SUIÇA (1,20 largura) Variadissimos padrões	45$00 EM VEZ DE	60$
TRAVESSAS INOX. (tipo nordico)	39$00 EM VEZ DE	55$

... estes são alguns dos preços especiais. Veja os restantes!!!

SÓ ATÉ MAIO !...

DEPOIS DE MAIO, VISITE-NOS NAS NOVAS INSTALAÇÕES DA RUA DO BONJARDIM E NOS NOVOS
ARMAZÉNS GERAIS LUCIANO MATOS - LARGO DO BONJARDIM, 129 A 135. COM
Parque de Estacionamento Privativo PARA OS NOSSOS CLIENTES.

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Exmos. Clientes que amanhã quinta-feira, dia 3 faremos o serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES, em virtude da Sala COZINSA VELHA se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

A DIRECÇÃO

Coliseu dos Recreios

(Empresa Ricardo Covões, Herd.)

Grupo C — 14 anos

O TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
apresenta, em récita popular
HOJE — pelas 20,45 HORAS
a ópera

«PARSIFAL»

AVISO — São válidos para este espectáculo os bilhetes com data de 1 de Maio de 1973.

DL/OPINIÃO

O fumo do tabaco e outros fumos

Grande foi o alarme das famílias, postas diante da terrível ameaça das chamadas actualizações das rendas de casa, e se é verdade que o termo da legislatura tornou inoperante o projecto de lei, não é menos certo que o cutelo continua suspenso sobre as nossas cabeças e a sua queda pode considerar-se apenas adiada. É caso de dizer que enquanto o pau vai e vem, folgam as costas,mas bom seria que fossem encontradas as maneiras de nos esquivarmos ao próximo golpe, que há-de querer-se definitivo... Desferido ele, ninguém poderá saber até onde irá a escalada das rendas, e a bolsa do cidadão tornar-se-á cada vez mais magra, mais incapaz de assegurar uma vida que realmente valha a pena viver.

Mas se o fim desta legislatura permitiu o suspiro de alívio de que vimos falando, outro adiamento houve que, pelo contrário, e sobretudo pelos termos reticentes e contraditórios em que se exprimiu o parecer da Câmara Corporativa, nos permite pensar que muito tarde virá o dia em que o respectivo projecto de lei se transformará em diploma afirmadamente eficaz: trata-se da «Publicidade do Tabaco». Não podendo ser discutido nesta legislatura, o projecto fica anulado, e o processo terá de recomeçar desde o princípio. Mas, ou muito nos enganamos, ou veremos ressuscitar com maior vigor e prontidão, no tempo próprio, o projecto de lei relativo às rendas de casa... E evidente que no par senhorios e produtores de tabaco, os primeiros querem a lei, os segundos nem por sombras: quanto ao outro par (inquilinos e fumadores), enquanto não restam dúvidas sobre o que queiram os primeiros, talvez se deva dizer que, obscuramente, os segundos gostariam de se verem forçados a abandonar o hábito de fumar, já que não lhes acode ou não é suficiente força de vontade...

À primeira vista, esta questão da «publicidade do tabaco» deveria ter solução fácil. Quando começam a pôr-se em movimento campanhas de defesa do meio-ambiente, quando se definem e põem em prática, quer a nível oficial, quer a nível particular, medidas contra a poluição, não se compreende que sejam tantos ou tão invencíveis os obstáculos que se opõem à regulamentação da «publicidade do tabaco». Afinal, em ambos os casos, trata-se, em última análise, de defender a saúde da colectividade, e essa deveria primar sobre quaisquer outras considerações. A não ser que a luta contra as diversas poluições se veja subitamente compensada pela contrapartida lucrativa de uma nova indústria à qual incumbirá produzir os meios de combate aos efeitos nocivos de outras indústrias circulando os capitais calmamente entre umas e outras e tirando benefícios, ao mesmo tempo, do que suja e do que limpa...

Se assim é, então talvez seja possível compreender melhor o caso do tabaco. Limitada a publicidade, reduzido o consumo em consequência, onde estaria a contrapartida para as empresas tabaqueiras? Não existiria, pura e simplesmente. Não haverá modo de compensar as perdas, pois não parece compensação suficiente a melhoria da saúde pública... Saber, como se diz no parecer da Câmara Corporativa, que «a esperança da vida está diminuída sensivelmente nos fumadores inveterados, que registam mortalidade superior em cerca de 30 por cento-80 por cento, mais nítida entre os 45 e os 54 anos, sendo causas de morte mais correntes as afecções das coronárias, o carcinoma brônquico e a bronquite crónica com enfisema» saber tudo isto, repetimos, não basta para acelerar um processo de condicionamento de uma publicidade que vende, ao mesmo tempo, o prazer e a doença, mas escamoteando esta...

Porque a Câmara Corporativa, reconhecendo, por um lado, que «o primado da defesa da saúde pública não se compadece com dilações na aplicação das medidas preconizadas pelo projecto de lei», logo acrescenta que «tal não invalida o reconhecimento da necessidade de uma cuidada ponderação do modo de atender aos prejuízos das empresas tabaqueiras...»

A "revolução" cultural" de Gaddafi

Não haverá um livrinho vermelho com «citações do presidente Gaddafi». Mas nem por isso deixará de haver uma «revolução cultural» do tipo da revolução chinesa. Só que, em vez de maoismo, trata-se agora de «maomerismo» — a avaliar pelas palavras recentes do presidente Muammar Gaddafi.

«A verdadeira revolução líbia principia agora» — declarou há dias o presidente, explicando que «toda a sua obra», desde que tomou o poder há três anos, teve por objectivo preparar o caminho para a «sua revolução cultural».

Durante a semana que precedeu o dia santo do aniversário do profeta Maomé, esteve reunido o Conselho de Estado líbio, que é, composto por onze personalidades e presidido por Muammar Gaddafi. Disse-se então que estavam a ser ultimados os estudos que conduziriam a acontecimentos que haviam de abalar o mundo árabe — e toda a gente pensou que se tratasse dee iniciativas no conflito israelo-árabe. Soube-se, afinal, que o Conselho se ocupara de assuntos internos da Líbia.

Com efeito, no seu primeiro discurso, de uma série que proferiu então, o presidente Gaddaffi anunciou um programa político de cinco pontos. Os seguintes:

— Abolir todas as leis em vigor e julgar cada caso pelo seu mérito próprio.

— Depurar a Líbia dos seus «doentes políticos».

— Entregar armas a todos aqueles que sejam partidários da revolução líbia, para que as utilizem contra todos aqueles que sejam contrários a essa revolução.

— A própria administração do Governo deve ser derrubada, se constituir um obstáculo à revolução.

— As bibliotecas e os programas de educação devem ser reformados, para que os ensinamentos que deles decorrem se conformem com os ensinamentos do profeta Maomé.

Este programa, com tudo o que contém de assombroso, suscitou vários comentários e especulações em Beirute. Em primeiro lugar, afirma-se que Gaddafi está a encontrar problemas dentro do seu próprio Conselho e pretende, com a «revolução», apoiar-se no povo contra os seus colaboradores directos dissidentes.

Poucos dias depois, novo discurso, que causou novo espanto:O presidente aconselhava os seus compatriotas a «destruirem todos os livros estrangeiros, sejam ocidentais ou do Leste, pois trazem aos líbios ideias reaccionárias». O único livro que convém aos líbios é o «livro bom», o Corão. E só esse deve sobreviver na Líbia.

«Oh, grande povo — bradou Gaddafi — rasga todos os livros importados, que nada de novo te trazem sobre o arabismo, o Islão, o socialismo e o progresso. Queima e destroi todos os programas escolares, pois não exprimem a verdade».

Gaddafi explicou também o que quer dizer ao declarar guerra contra a administração do Governo:

«Calquem aos pés todos os burocratas burgueses que lhes fecham as portas dos gabinetes do Governo na cara, e que queiram viver como parasitas à custa do povo».

Disse ainda que quer o seu povo armado a nível local — e que não é contrário a que grupos antagónicos dirimam os seus desacordos pelas armas. Assim se conseguirá, no seu entender, que a revolução surja das massas. E anunciou que os elementos do Conselho de Estado vão iniciar viagens pelo país, anunciando e explicando a revolução.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

A criança e a história

Ali, de bruços sobre o tapete, a criança esqueceu totalmente o corpo, despiu-o, abandonou-o, partiu para bem longe levada pela história com asas que está a ler. Pergunto a mim mesma se lá por onde anda ela sentirá algum receio pelo futuro, ainda incerto naquela página, do herói, príncipe, rapaz pobre, boneco de Hergé ou de qualquer outro. Ela devia, no entanto, saber — por experiência de outras leituras — que tudo acaba sempre bem, que os maus serão castigados (às vezes até se regeneram, que maravilha), e os bons recompensados e felizes, no fim. Talvez haja, porém, no fundo de si, um leve receio, uma réstea ancestral de suspeita de que as coisas nem sempre sejam assim, uma pequenina ameaça. Por isso o suspiro de alívio quando termina e verifica uma vez mais que ali tudo está certo e é como deve ser.

A criança espreguiça-se um pouco, tranquilizada, entra de novo no seu corpo jovem, levanta-se com ele, pula, grita, corre. E leva consigo aquela grande certeza de que a vida é de confiança. Incapaz, enfim, de uma injustiça.

Pergunto novamente a mim própria se o primeiro livro, o primeiro filme sem fim feliz que aquela criança ler, vir, será para ela um choque, ou se nessa altura a vida já lhe terá dito, antes da ficção, que as coisas não são fáceis como isso, tão claras. Pergunto-o a mim própria porque já não me lembro como aconteceu comigo. Já não me lembro, mas se quisesse recordar os factos verificaria que a vida agiu primeiro.

Exclusivo «The Washington Post» / «DL» JIM HOAGLOUD

O petróleo e o Kuwait

Kuwait — Enquanto outros produtores de petróleo do Médio Oriente tencionam beneficiar financeiramente da crise de energia que afecta o Ocidente aumentando substancialmente a produção e começando eles próprios a vender o petróleo, Kuwait mantém inabalável a sua decisão de limitar a produção aos níveis actuais.

Para o Kuwait, a crise importante do momento não é a da energia, mas sim a da moeda. A situação monetária internacional instável influencia consideravelmente a estratégia do Kuwait, que consiste em «armazenar o petróleo» em lugar de procurar novos rendimentos com o ouro negro.

Este país desértico escassamente povoado, que tem sido um prolífero produtor de petróleo desde há quatro décadas, disfruta da invejável posição de ser tão rico que lhe é impossível dispender ou investir razoavelmente mesmo os 1 500 milhões de dólares provenientes da produção anual actual de 1 000 milhões de barris. A decisão do Kuwait de limitar a produção não deverá ter, julga-se aqui, um efeito severo imediato na intensa procura pelo mundo industrializado doutras fontes de petróleo bruto, em virtude de a Arábia Saudita, o Irão e o Abu Dhabi projectarem duplicar a produção no decurso desta década.

Todavia, o Kuwait tem vindo a preconizar o controlo geral da produção na Organização dos Países Produtores de Petróleo, pelo que os diplomatas ocidentais neste país começam a declarar-se preocupados com a possibilidade de outros produtores de petróleo acabarem por aceitar o ponto de vista do Kuwait caso persista a crise monetária internacional.

«O Ocidente deveria talvez preocupar-se mais com as pressões financeiras que se fazem sentir sobre os países árabes para a limitação da produção do que com as pressões de carácter político», observou um diplomata, ao referir-se ao receio manifestado mais frequentemente de que os Estados árabes diminuam a produção de petróleo como represália contra o apoio americano a Israel. Devido aos frequentes ataques ao dólar, «um barril no solo tem muito mais valor para nós, actualmente, do que um barril no mercado», declarou Abdulwahab Mohamed, Subsecretário do Ministério das Finanças e do Petróleo do Kuwait.

Outro funcionário governamental que preconiza a limitação da produção a fim de que o país possa beneficiar dos preços mais elevados que se espera sejam praticados no futuro, acrescenta: «No caso do Kuwait, não há qualquer interesse em amontoar outro bilião de dólares este próximo ano. Construímos todas as estradas e hospitais de que o país necessita e o investimento no estrangeiro é presentemente muito incerto.»

Enquanto que semelhante ponto de vista poderia parecer deslocado se partisse de praticamente qualquer outra nação do «terceiro mundo», o Kuwait dispoê dos meios financeiros para o justificar. O activo total em divisas estrangeiras do país, incluindo os investimentos no estrangeiro, está avaliado em cerca de 6 000 milhões de dólares. Pouco menos de metade dos 850 000 residentes do país tem a cidadania do Kuwait, e o governo levará este ano aproximaddamente um quarto do seu orçamento operacional aprovado a fundos de reserva.

Ao meio-dia, em Kuwait, cidade de ruas planas onde as casas de 300 000 dólares destinadas a uma só família não são raras, autocarros vazios percorrem regularmente as ruas embora não haja quaisquer passageiros. As bicicletas são igualmente uma raridade. Quase todos parecem possuir, pelo menos, um carro, ou ter fácil acesso a uma viatura automóvel. O Kuwait, que em tempos forneceu um terço de todo o petróleo proveniente do Médio Oriente, aumentou anualmente a sua produção em seis por cento até ao ano passado.

Foi então que o grupo da oposição no Parlamento tornou a conservação do único recurso do Kuwait uma questão política, afirmando que as reservas do petróleo do país estariam esgotadas dentro de algumas décadas. Como resultado, foram imediatamente adoptados controlos da produção.

As esperanças manifestadas por responsáveis das companhias petrolíferas de que esses controlos acabariam por perder a força inicial parecem ter-se desvanecido consideravelmente à medida que a estratégia do «armazenamento do petróleo» conquista aqui mais simpatizantes.

Os controlos da produção são especialmente significativos agora em virtude das novas relações entre as companhias petrolíferas e os produtores do Golfo da Arábia, Kuwait, Qatar, Abu Dhabi e Arábia Saudita vão este ano tomar 25 por cento das actividades das companhias ocidentais nos seus territórios. Espera-se este Verão o acordo de participação.

Nos outros três países é no Irão, a duplicação da produção permitirá às companhias continuarem a receber, pelo menos, a mesma quantidade de óleo para colocarem no mercado muito embora o governo participe nas suas actividades.

A limitação da produção do Kuwait, porém, e a sua gradual participação nas actividades das companhias até atingir 51 por cento por volta de 1982, afectarão a «Gulf Oil Corporation» e a «British Petroleum» que, juntas, são proprietárias da «Kuwait Oil Company», o único produtor importante neste país.

Os países participantes obtêm 25 por cento do petróleo este ano, mas têm de vendê-lo todo, com excepção de 2,5 por cento, às companhias a um preço fixo. Abdulwaab Mohamed revelou no decurso de uma entrevista que homens de negócios de países industrializados se deslocaram a este país a fim de os convencerem a aumentar de novo a produção, assinando contratos de fornecimento a longo prazo.

Segundo ele, um comprador que se recusou a identificar «estaria disposto a adquirir tudo o que pudéssemos vender-lhe durante 25 anos». Mas, acrescentou, o Kuwait «não está interessado neste tipo de negócio. Pretendemos adquirir experiência na colocação no mercado do nosso próprio petróleo, pelo que procuraremos conseguir o maior número possível de acordos directos com refinarias e consumidores comerciais».

É provável que a colocação do petróleo no mercado pelo Kuwait em quantidades significativas ainda leve de três a quatro anos, declararam especialistas locais, dado que a maioria do petróleo que o Kuwait obterá das companhias será directamente entregue à refinaria nacional, que produz actualmente 100 000 barris por dia. Um barril contém 42 galões americanos, sendo o seu custo de produção aqui de cerca de 10 cêntimos. Os impostos governamentais, os lucros da companhia e outras despesas elevam o preço de mercado na Europa a pouco menos de dois dólares presentemente.

DL/GERAL

O Presidente do Brasil em Portugal

BRASILIA, 2 — (F.P.) — A chefia do Governo brasileiro, durante a visita a Portugal do presidente Garrastazu Medici, será exercida interinamente pelo vice-presidente da República do Brasil, almirante Augusto Rademaker, informou-se hoje em Brasília.

O almirante Rademaker exercerá essa chefia a partir das 17 horas, do dia 17 de Maio, ou seja uma hora antes do embarque do presidente Medici para Lisboa, até à manhã do dia 20 de Maio.

Durante a sua permanencia em território português, o presidente Medici pronunciará cinco discursos, participará de três recepções e comparecerá a várias cerimónias públicas, inclusive em Santarém onde depositará uma coroa de flores ao lado do túmulo de Pedro Alvares Cabral.

Antes de regressar a Brasília, no dia 19 de Maio, os dois presidentes assinarão uma declaração conjunta enquanto os chanceleres dos dois países firmarão um convénio turístico.

DEPOIS DE PRESO AGREDIU O POLÍCIA

Um numeroso grupo de indivíduos entretinham-se a fazer barulho na Travessa da Cara, pelo que os moradores pediram a comparência da P.S.P. a fim de se normalizar a situação. O incidente ocorreu ontem às 23 e 30. Quando um guarda compareceu no local a maior parte dos ruidosos noctívagos começaram a abandonar o local, à excepção de um indivíduo de 28 anos, pedreiro, o qual tentou aliciar os outros a agredirem o polícia. Levado para a esquadra, não se conformou com a sua situação e, depois de forte discussão, conseguiu os seus intentos de agredir o captor. Transitou para os calabouços do Governo Civil, onde aguarda o desfecho do seu acto.

GRANADA DE "BAZOOKA" NA 5 DE OUTUBRO

A P.S.P. desarmou a apreendeu uma granada de «bazooka» abandonada, envolta em papel pardo, no meio de um passeio no troço final da Av. 5 de Outubro. O engenho — que não se sabe se estaria em condições de detonar — ficou à vista cerca das 10 horas da manhã, alarmando com a sua inquietante, mas silenciosa, pressença os transeuntes e moradores da área.

A granada teria cerca de cinquenta centímetros e estava deitada junto do n.º 291, prédio em que está ligada uma firma ligada à ITT (Rabor). Teria sido um pracista desta firma o autor da chamada telefónica que levou ao local, cerca do meio-dia, um carro-patrulha da P.S.P. Durante a operação de neutralização do engenho, o trânsito foi interrompido na faixa de rodagem confiante, juntando-se, dezenas de populares, que, meia-hora depois ainta discutiam o sucedido.

Furtos em duas escolas preparatórias

Já que outra coisa não puderam levar, os desconhecidos que se introduziram na Escola Preparatória Eugénio dos Santos, na Rua Lopes Mendonça, furtaram um gira-discos, um microscópio, folhas pautadas, gelados e chocolates, tudo isto no valor de 5.543$00.

Na Escola Preparatória Professor António Pereira Coutinho, em Cascais, os indivíduos que ali se introduziram, depois de escalarem uma janela e de a arrombarem, foram mais modestos, furtando unicamente trezentos escudos em chocolates e ainda a irrisória quantia de 4$00 em moedas.

O Ministério das Corporações adiou trabalhos

Segundo uma notícia da Agência Lusitana o secretário de Estado do Trabalho e Previdência chegaria hoje ao Funchal para presidir à sessão solene do encerramento das «Jornadas Sociais e Corporativas do Distrito do Funchal», integradas no ciclo de conferências comemorativas do 40.º aniversaário do Estatuto do Trabalho Nacional.

Contactando com o Ministério das Corporações fomos, porém, informados de que o dr. Joaquim Dias da Silva Pinto não partirá para a Madeira antes do dia 10, não havendo ainda datas marcadas.

Por outro lado, e também segundo o que soubemos junto daquele Ministério, a conferência de imprensa marcada para hoje, às 10 horas, com o director-geral de Saúde, dedicada à próxima campanha nacional de vacinação contra o sarampo, e que teria lugar no salão nobre do 1.º andar do edifício daquele Ministeprio, na Praça de Londres, foi adiada para o próximo dia 29.

Parece que ambos os adiado edifício daquele ministéao facto de o rebentamento de uma bomba nas instalações do referido ministério, caso que referenciamos noutro local.

Dois mortos e vários feridos em acidentes de viação

Ontem, à tarde, quando regressavam do almoço anual de confraternização do pessoal administrativo e das oficinas do Diário de Noticias, que se realizou em Monte da Caparica, um dos automóveis que fazia parte da caravana na estrada da Fonte da Telha, despistou-se e virou-se. O condutor saiu ileso. Dois dos ocupantes que foram projectados à distância por se terem aberto as portas do veículo, ficaram gravemente feridos. Transportados para Lisboa num outro automóvel, que os conduziu ao Hospital de Santa Maria, chegou ali já sem vida José Carlos Canastro, de 28 anos, residente em Almada, onde trabalhava na delegação daquele jornal. Depois de verificado o óbito foi removido para o Instituto de Medicina Legal. O outro ocupante, Eugénio Nunes Rodrigues, de 49 anos, chefe da mesma delegação, residente no Alto das Oliveiras, na Pontinha, que sofreu graves ferimentos na cabeça, e perda de uma das orelhas, foi ainda internado naquele hospital, mas veio igualmente a falecer.

Também ontem, de tarde, na avenida marginal, em Algés, despistou-se um automóvel conduzido por José da Conceição Santos, de 34 anos, mecânico, morador na avenida dr. Oliveira Salazar, em Linda-a-Velha, que seguia acompanhado de Margarida Anjos Alcantara Santos, de 34 anos, moradora na Rua D. Francisco de Almeida. Do acidente resultou terem ficado os dois feridos. Transportados ao Hospital de S. José, onde a última ficou internada muito traumatizada. O primeiro depois de receber tratamento a ferimentos ligei-

Continua na pág. 10

BILHETES DE CINEMA:

EMPRESÁRIOS PROTESTAM

A propósito dos tabelamentos dos preços dos bilhates de cinema, tem cindo a chegar à Secretaria de Estado do Comércio, várias exposições de mepresários, manifestando o desacorod com a decisão tomada por aquele organismo.

Entretanto, deu ontem entrada naquele departamento de Estado, segundo uma fonte oficial, uma exposição do Conselho de Corporação dos Espectáculos, pois este organismo não encontra condições de exequibilidade do despacho e pode que o esmo seja objecto de nova reconsideração e estudo.

Segundo a mesma fonte até este momento ainda não tinha sido tomada nenhuma decisão nesse sentido, tanto mais que o secretário de Estado do Comércio, dr. Xaviar Pintado partirá hoje para Genebra regressando no fim da semana.

No entanto e até que a Secretaria de Estado do Comércio determine algo em contrário, os preços dos bilhetes serão aqueles que foram homologados por despacho.

Necrologia

MANUEL FERREIRA

Manuel Ferreira, de 62 anos, natural de Santa Maria de Sardoura - Castelo de Paiva, industrial, casado com Ruth Noemia Ferreira da Silva Ferreira. O funeral a cargo da Agência Silva realiza-se amanhã, às 15 horas, da Capela da Senhora dos Remédios, à Rua dos Remédios, para o cemitério do Alto S. João.

D.ª FERNANDA TAVEIRA LOSA

Numa casa de saúde da cidade do Porto, faleceu ontem a sr.ª D.ª Fernanda Taveira Losa, pianista, professora e inspectora do ensino oficial, irmã do sr. dr. Joaquim Losa e Arq. Américo Losa, cunhada da escritora Ilse Losa e de sr.ª D. Esperança Ramos Losa, tia de Alexandra Losa, Margarida Losa, Rui Losa e Helena Losa.

O funeral a cargo da Agência Alberto Xavier, tem lugar amanhã, às 10.30 h. do cemitério de Agramonte, onde o corpo já se encontra depositado.

DESAPARECIDO DE CASA DE SEUS PAIS

Desapareceu, há dois dias, de casa de seus pais, em Alverca do Ribatejo, o jovem, de 25 anos, Joaquim Humberto Cipriano Soares, que na altura envergava calças castanhas, camisa azul com riscas brancas e uma samarra castanha com quadrados. Os pais que, naturalmente se encontram muito aflitos, pedem a quem porventura o identifique, que comunique para o posto da GNR daquela localidade, ou para o telefone 2580652.

A FRENTE DOS GRANDES ÉXITOS EUROPEUS

7 FILMS DE 900 000 A 500 000 ENTRÉES

Le Grand Blond (français)	★	909.253 (17)
Le Dernier Tango à Paris (italo-franç.) ••	★	885.862 (15)
Le Parrain (américain) •		767.930 (16)
César et Rosalie (franco-ital.-all.)		756.574 (21)
Les 101 Dalmatiens (amér. - reéd.)		605 172 (15)
Les Fous du Stade (français)		588.075 (12)
Docteur Popaul (français)		506.401 (12)

o loiro do sapato preto

le grand blond

Eastmancolor

Grupo D-18 Anos

REALIZAÇÃO YVES ROBERT

Com PIERRE RICHARD BERNARD BLIER JEAN ROCHEFORT E MIREILLE DARC

FILMITALUS APRESENTA

AMANHÃ ESTREIA IMPÉRIO

SLOT MACHINES · SALA DE JOGOS

ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS ✽ TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

JIM NELSON

VEDETA DA RADIO E DA TV INGLESA

GERD MARON ✽ VITÓRIA MARIA

ILUSÃO E FANTASIA com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

SYDNEY SET ORPHEU'S QUARTET

FERRER TRINDADE e sua orquestra

SANDY STEWART SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H. Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

O «Wonder-Bar» está hoje reservado, pelo que os clientes habituais serão servidos no Salão Restaurante, onde o «show» começa às 23 e 30.

TV — DL/ESPECTÁCULOS

ARRAIAL ARRAIAL, PELA MISSE DE PORTUGAL!

Quatro horas de televisão, ali, friamente. Por amor da beleza. Ainda há quem diga que a TV não se dedica às grandes causas, os caluniadores que para aí vagueiam! Como assim! Pois se nós vimos, pois se nós tivemos a pachorra durante quatro horas (hem, com breves intervalos para um cochilozito reparador e vingador...) de assistir às passagens, aos passinhos, aos sorrisos apagados das misses que marchavam, saracoteavam, cruzavam, tatooavam ao mando de Artur Agostinho... Ah, nós vimos! Vimos os portugueses pelo mundo repartidos — e repartidos em Beleza! Pelo que, para além do festival feminino propriamente dito, tivemos um festival de ecumenismo português, deste nosso tradicional espírito de aventura

Isto mostra, ao mesmo tempo, a preocupação de ir, no assunto, tão longe quanto possível. Ele foi o «smog» londrino, ele foi o «bidonville», ele foi a «favela», eu sei lá! De realçar que os portugueses estão a enriquecer as outras nações e o resto são cantigas, ouropéis e misses!

Certo. Mas quatro horas de televisão é demais. Que nos lembre, só o ténis conseguira isso. Juro nunca mais pensar, dizer ou escrever que o ténis é aborrecido.

ARY, ARY
SENTES-TE BEM AÍ?

Porque não foram apenas as misses, meus caros. Foram as vastas paisagens do casino, a assistência fumarenta e sonolenta, os empregados a circular com a maior indiferença, e tudo quieto e tudo bem arrumadinho e ordenadinho como se não fossem mais do que as peças de um xadrez jogado por mãos invísiveis; foram os documentários silenciosos, o passeio monocórdico e novo-rico pela Costa do Sol; foram as sessões de anúncios; foram os longos intervalos; foram as variedades, as variedades, meus amigos!

. Não houve ninguém a quem recorrer senão a Paco Bandeira contra quem militam dois contras valiosos: trata-se em primeiro lugar, de um cançonetista medíocre, de um autor medíocre, de um compositor medíocre — e não seria aconselhável que se aproveitasse uma tão vasta audiência para lhes oferecer tanta mediocridade reunida numa só pessoa.

Por outro lado, Bandeira é uma presença habitual na televisão portuguesa.

Ao menos podiam esperar algum tempo mais, para quando Paco Bandeira tiver amadurecidas as suas melodias para os versos de António Sardinha. Isto só com o Ary não vai.

Ary dos Santos: aqui está um nome que resvala para o ridículo, se é que não resvala para pior. Tudo lhe serve para colocar os versos. Começo *Já era tempo, caramba!* — grito para a minha intolerável boa-fé a acreditar que estou na presença não de um poeta, mas de um industrial, um maníaco sôfrego da manjedoura de si próprio, um pobre insensato que não vê como se destrói com estes Pacos onde semeia a poesia, que não vê como tudo morre nesta voz, que não vê que tanto mais se isola quanto mais acompanhado quer estar: um homem não vale só, um homem são também os seus companheiros, os seus amigos.

Ary dos Santos é o poeta oficial, é o poeta-padrinho do Concurso das misses. Os seus versos são de uma pobreza de fazer arrepios, o seu poema é das notas mais lamentáveis disto tudo:

Ai mulheres do meu país
uvas de casta bravia
aonde nasce a raiz
da vossa carne sadia?

É nos campos do Mondego?
. Nos trigais do Alentejo?
Mulheres postas em sossego
pelos corvos do desejo.

Ai mulheres do meu país
amendoeiras cortadas
gavinhas de quem subiu
com ambas mãos amarradas

Ai mulheres do meu país
videira mal amanhada:
quem vos possui não vos quis
quem vos pisa não é nada.

Na «tourada» com que venceu o festival da canção entraram também alguns poetas. Começa agora muita gente a ver de que poetas se trata... Já nem me atrevo sequer a escrever uma palavra de esperança. Ary dos Santos já não precisa disso para nada, a sua opção parece estar feita. Basta de equívocos.

Ora as tais variedades do concurso...

As tais variedades do concurso contaram ainda com a presença da Vartan. A voz era rouca e fraca mas as pernas, essas ao menos... As câmaras de Luís Andrade, tão sóbrias para as misses, tiraram a barriguinha de misérias.

A cançonetista francesa esteve a mais, nada nos trouxe de novo nem de bom. É o exibicionismo do mais descarado cariz comercial.

Vartan, *va-t-en!*

AS SECAS
QUE ENRIQUECEM
E OUTRAS COISAS MAIS

O mais curioso é que, por muito paradoxal que pareça, o concurso não queria ser fastidioso e fez muito para o ser: não houve quebras de ritmo (mas o ritmo é que não valia) as passagens das misses não foram exageradamente demoradas (o processo é que não

Canal de Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

seria o mais aconselhável) e os locutores tiveram o mínimo de possibilidades para dar «barraca», amarrados como estiveram Artur Agostinho e Simone de Oliveira à rédea curta do texto (mas o texto é que, em si mesmo, foi suficientemente «barraqueiro»).

O mal estará certamente na essência do concurso. O mal estará igualmente na atenção que a Televisão lhe dedica. Dedique a televisão quatro horas seja a que for e nada conseguirá resistir à erosão. Em particular quando essas horas vão das dez da noite às duas da madrugada.

Começámos logo por saber *que se tratava, na verdade, de uma grande homenagem ao povo, ao povo que fez as misses tão lindas e tão airosas...*

O tema do povo havia de tornar mais vezes. Quando desfilava a misse número 4 dizia-se: *É povo, só povo, é todo um povo no corpo desta linda rapariga.*

Daí a pouco, quando passava a concorrente n.º 13: *Moça que se veste de povo porque é povo, não é do povo quem quer, só é do povo quem e.* Bravo! Isto com uma guitarradazita e ficava o fado completo.

Ora esperem aí que a brincadeira ainda não acabou.

Além de festa do povo, parece que o concurso também foi uma festa de beleza e de juventude. Assistimos, depois, a várias manifestações deste povo e desta juventude. Algumas moças o que pretendem é empregar-se — e Artur Agostinho foi mesmo ao ponto de fazer o apelo. Houve mesmo aquela misse sem rodeios: entrava no concurso por motivo de auto-promoção.

Estas jovens apreciam muito Alain Delon, para a portuguesa-brasileira a maior personalidade era o presidente Médice. Para algumas a maior personalidade era o presidente americano Nixon. Houve quem gostasse, simultaneamente de António Victorino de Almeida e de Coco Chanel ou de António Victorino de Almeida e Nixon. Uma única excepção, talvez a mais sincera: aquela misse que gostava muito da sua mãezinha.

Ah, mas o palavreado da apresentação, coisa chique, coisa em bom! Ora se tiverem um pouco de paciência vão puxando pela memória com referência à primeira passagem das misses:

1 — *Alentejo, Terra das claras vilas com cegonhas.*

2 — *Cabo Verde, a prova provada da nossa extraordinária capacidade de fazer.*

3 — *Minho: Jóia tão linda como é linda a moça. Qualquer coisa que é barroco, qualquer coisa que é da terra. Povo que sofre, mas não esquece o amor.*

4 — *O Alentejo é orgulhoso. Lenço amarelo de fantasia, quantos sonhos amarelos naquela cabeça.*

5 — *«Os portugueses e portuguesas das Bermudas são bermudenses»... Flores naturais como só há nas Bermudas...»*

6 — *Cabo Verde, «as ravinas voltadas para os ventos aliseos».*

Continua na pág. 8

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

Lauro António

AOS PALHAÇOS: A MAIS BELA HOMENAGEM

TÍTULO: OS CLOWNS (I Clowns)
REALIZAÇÃO: Federico Fellini; 1970 (Itália)
INTÉRPRETES: Federico Fellini, Anita Ekberg, Pierre Etaix, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castello Lopes
ESTREIA: Cinema Castil (25.4.1973)

TÍTULO: A NOITE DO TERROR CEGO (La Noche del Terror Ciego)
REALIZAÇÃO: Amando de Ossorio, 1972 (Espanha-Portugal)
INTÉRPRETES: Cesar Burner, Lone Fleming, Helen Harp, Joseph Thelman, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Imperial Filmes
ESTREIA: Cinema Olympia (23.4.1973)

1. **Os Clowns** (não se percebe muito bem porque não se traduziu para português por **Os Palhaços!**) é um filme imediatamente anterior, na filmografia de Federico Fellini, a **Roma de Fellini** que recentemente vimos. em estreia, no S. Jorge. E posteriores a **Satiricon**, filme que ainda não vimos em **écrans** portugueses, o que dá bem a ideia caótica em que se move a distribuição e exibição cinematográficas no nosso país. Por culpas próprias e alheias, é certo.

Ora poderá parecer uma bizantinice preocuparmo-nos demasiado com a ordem por que os filmes de um realizador são apresentados ao público de Lisboa (e, posteriormente, ao de todo o país), mas a verdade é que no interior de uma carreira há métodos, processos, experiências que são importantes, umas em relação às outras, uma vez por umas serem prolongamentos de outras, outras por que de certo modo podem negar as primeiras, etc.. No caso de **Os Clowns**, Fellini inicia aqui um curioso método narrativo (que tem a sua explicação já no **Fellini 8 1/2** e um pouco em **Julieta dos Espíritos**) e que se caracteriza pela introdução da personagem «realizador» no conjunto das outras personagens. O que viria a acontecer em **Roma**, de forma mais elaborada.

Que pretende Fellini com **Os Clowns**? Pois - oferecer-nos a sua reportagem-homenagem aos palhaços de todo o mundo, figuras de transgressão num mundo que impõe a ordem e a rotina. O Palhaço é assim, aquilo que Fellini explica como a figura que «**incarna os atributos da criatura fantástica que exprime o aspecto irracional do homem, o componente do instinto, aquele quê contestatário e rebelde em relação à ordem estabelecida que existe em cada um de nós.**» Donde o particular carinho que as crianças lhe votam. Ao palhaço, o homem que lhes abre os limites do possível até às insondáveis zonas do impensável. Porque o palhaço ri das suas próprias fraquezas, do ridículo das situações que cria (ou lhe criam); por que a criança não aprendeu ainda o valor do ridículo, por que a criança não conhece ainda a importância da dignidade e dos preconceitos; por tudo isso as crianças amam o palhaço e com ele estabelecem laços de pura confraternização. Pura, porque ainda não maculada pelas regras definitivas de uma lógica rígida, de uma moral severa, de uma normalidade de comportamento. Por isso amam as crianças os palhaços, porque é deles toda a loucuro do mundo. Por isso é sublime o espectáculo da loucura no próprio reino da loucura (Fellini filma um dos episódios de palhaços num hospício). Por isso é indescritível o raro plano (ou o plano raro?) de um velho palhaço chorando lágrimas de saudade dos tempos passados, do circo ido. A elas se juntam as lágrimas do menino que em vez de rir com os palhaços, chora. Pungente, seria o termo, se nele não entrasse grande dose de demagogia. E tudo ficaria ainda de fora, por dizer. O indescritível. Fellini percebe que, com as lágrimas de um palhaço que chora de saudade, nada mais há a fazer do que a solidariedade de um púdico retrocesso, deixando por detrás da janela o rosto do velho **clown**. Para ele vão as nossas lágrimas também. De amigo.

Por entre entrevistas com palhaços retirados (que foram a glória de antigos circos) e reconstituições de velhos **números**, **Os Clowns**, de Fellini, assemelham-se a uma dolorosa peregrinação à procura do tempo perdido. Na verdade, o circo, uma certa forma de circo, parece condenado a desaparecer. As pessoas deixaram de rir, explicam. Fellini, procurando a sua infância longínqua, tenta encontrar o circo de outrora, com «palhaços ricos» e «palhaços pobres», uma amálgama fascinante de luzes e lantejolas, de gargalhadas e secas bofetadas, de longos sapatos e fatos de cores garridas. Na pista, o palhaço que chora; nas bancadas, o palhaço que ri e morre depois de uma última viagem-fuga do hospital, porque o circo descera à cidade. E deste fascínio inexplicável, deste jogo de inocências libertas confessas, desta pantonima grotesca e, contudo, maravilhosamente doce, que nasce a poesia um pouco crepuscular destes **Clowns**. Mais uma obra incomparável de um homem que sente a força mágica do espectáculo como raros cineastas deste tempo. O que não quererá dizer que este seja um filme inatacável. Por vezes, numa ou noutra sequência, sente-se um abrandar de ritmo, uma cedência de estilo, um afrouxar de tensão. Mas o que fica, o que resta é, efectivamente, a mais bela homenagem que qualquer pessoa pode aspirar. A Fellini, os palhaços mereceram-na. Com uma ou outra alteração de somenos, este era um filme que gostaríamos de ter feito. Se para tanto nos chegassem «engenho e arte». O que não se discute.

2. Em Portugal, um filme de terror: **A Noite do Terror Cego**. Filmado em Lisboa, Setúbal, Palmela e Estoril, esta co-produção hispano-portuguesa, assinada por Amando de Ossório dá, realmente, um gozo indescritível, ainda que seja de péssima qualidade. Mas, saber que, depois de ter tomado o comboio do Estoril para a Guarda, uma gentil e **muy guapa** rapariga se perde em antigas ruínas de um convento de Templários, para vir a ser comida pelos cadáveres dos mesmos que dos túmulos saem sedentos de sangue... enfim, é qualquer coisa! Não é todos os dias que se sabe existirem vampiros perto da Guarda, que cavalgam ao **ralenti** em noites de lua cheia, nem é todos os dias que se assistem a sacrifícios que fariam inveja ao «divino marquês» como, por exemplo, toda a sequência em pré-genérico, com uma jovem actriz — que se não é a Carmizé, só poderá ser a irmã gémea — sendo golpeada por uma cáfila de Templários que depois lhe sugam o sangue. Portugal parece, portanto, ter apanhado o comboio da co-produção industrial, estilo «**terror e sexo e etc.**). Se o leitor se tem na conta de uma pessoa com um pouco de sentido de humor, vá pelo nosso conselho: **A Noite do Terror Cego** é um péssimo filme, mas não o perca. Raras vezes se goza tanto...

Diana Rigg intérprete de Racine e Moliére

No próximo ano, Diana Rigg aparecerá no papel de Celimene na obra de Moliére «O Misantropo», que vai ser integrada no programa do Teatro Nacional. Desempenhará igualmente, um dos principais papéis na «Fedra», de Racine. Em Julho, entretanto, parte para Los Angeles, onde participará num programa cómico para a televisão intitulado «The Diana Rigg Show».

Um teatro de sensações

O grupo teatral catalão «Els Joglars» estreou em Barcelona um espectáculo intitulado «Mary D'Ous» que o encenador classificou como «**um teatro de sensações e não de ideias ou literário**».

Este grupo de teatro independente inscreve-se dentro da mesma linha de acção do «Tábano», dos extintos «Goliardos» do «Lebrijano» (Sevilha), do T. E. I. (da Calle Magallanes-Madrid) ainda que cada um deles tenha escolhido diferentes formas de expressão.

Um norte-americano venceu o festival de música de Tóquio

O cançonetismo norte-americano Micjey Newbury foi o vencedor do «Grande Prémio Internacional» do festival de música, realizado em Tóquio, com a canção que tem música e letras suas: «Heaven Helpe The Child».

Os outros premiados foram:

«Prémio de Oiro»: Paul Williams, dos Estados Unidos, com «Look What I Found», que interpretou e tem música e letra suas.

«Prémio de Prata»: Frankie Stevens, da Inglaterra.

«Prémio de Bronze»: «exaequo»: Lili Ivanova, da Bulgária, e George Cliton, dos Estados Unidos.

Prémio do melhor intérprete: Lynsey de Paul, Inglaterra, 2.º Seda Aznavour Didier Marouani, França. 3.º Pilita Corrales, Filipinas.

Melhor arranjo musical: Les Reed, Inglaterra.

Melhor compositor: Andre Popp, França.

viagens IT
PARA AS SUAS FÉRIAS OU VIAGENS DE NEGÓCIOS

Partidas de avião, durante todo o ano, de Lisboa, Porto, Faro, Funchal.
VIAGENS DE 7 DIAS (diárias)
VIAGENS DE FIM DE SEMANA (4 dias) partidas semanais.

?

OS NOSSOS PROGRAMAS ABRANGEM OS MAIS VARIADOS DESTINOS E ITINERÁRIOS, PARA QUALQUER CIDADE DO MUNDO.

Acomodação em bons Hotéis, com pequeno almoço.
VISITAS DE CIDADE.
PEÇA-NOS BROCHURA INFORMATIVA
PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa - Estoril - Porto - Faro - Funchal - Luanda

AGUARDENTE VELHA
Nieupoort
a prova está na prova

VÁ AO TEATRO!!!
VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17
VARIEDADES
39.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos
SÓ ATÉ DOMINGO
com JOSÉ VIANA
no protagonista
SUA EXCELÊNCIA O PENDURA
com
DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Rita Nobre, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA
Todas as noites: 21.45 h.
2.ª feira, excepcionalmente, descanso da companhia
Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingos: 16 e 21.45 h.
Dia 9 — Estreia no Sá da Bandeira — PORTO

TEATRO Tel. 86 47 56
LAURA ALVES
RUA DA PALMA
Hoje: As 21.45
Grupo C M/ 14 anos

ELENCO
(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Poeira, Luís Mata, José Braz
2.ª feira, descanso da C.ª
ULTIMOS DIAS

TEATRO Tel. 32 74 93
CAPITÓLIO
19.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com
FLORBELA QUEIROS

No elenco: IRENE ISIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, OCTÁVIO DE MATOS
Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira, descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO
«Matinée» às 16 horas e à noite às 21.45 h.

BREVEMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ»
um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

A BANDA FOI À ESCOLA

«Podem apontar-se defeitos a realizações deste tipo, evidentemente, mas pretende-se despertar o gosto musical das crianças, e a importância disso ultrapassa o peso dos defeitos», dizia o dr. Calvet de Magalhães, director da Escola Preparatória de Francisco Arruda, momentos antes de começar o concerto que a Banda da Armada foi realizar a essa escola. E continuou:

«Fizemos, também, um convite ao Ministério do Exército, mas responderam-nos que iniciativas deste género não estavam nos seus planos...»

Cerca de 700 alunos comprimiam-se no ginásio da escola. O concerto ia começar e a «malta» lá estava, pronta a ouvir os «tambores», as «cornetas», os «pífaros» e o resto.

E claro que a atenção de crianças de idade compreendida entre os 10 e os 14 anos não pode prender-se por muito tempo. Sabendo isso, pode dizer-se que o comportamento dos pequenos assistentes foi, simplesmente, impecável. E, depois, o reportório que a banda levou à escola estava inteligentemente escolhido. — Pelo menos as crianças assim o entenderam.

«Para um desfile militar», uma marcha de **Marcos Romão dos Reis**, abriu o concerto. Um rufar de tambores, violento, despertou aquelas centenas de miúdos: a música tinha começado. Tudo sem alaridos de qualquer espécie, desde a entrada do chefe de banda, o capitão-de-fragata Marcos Romão dos Reis, (autor da 1.ª marcha), até ao romper do silêncio-zumbido que as crianças mantiveram até ao momento dos primeiros rufos e acordes.

Depois, seguiram-se o **terceiro andamento do «Concerto para Trompete e Orquestra»**, **de Johann Hummel** (muitas palmas para o solo de trompete tocado pelo 1.º sargento **José Augusto**), as **«Duas Danças Norueguesas»**, **de Grieg**, **«De Manhã Cedo»**, **de John Martindale**, **«Dança Final (Malambo) do Bailado Estância»**, **de Ginastera** e **«Portugal em Festa»**, uma rapsódia seleccionada e orquestrada por **Dennis Farnon.** Estes dados foram, aliás, retirados do programa que foi distribuido por todos os alunos que assistiram ao concerto e do qual retirámos (e aplaudimos) as notas seguintes:

1. Pianista, compositor e director dos concertos de Sua Alteza o Príncipe Esterházy, o autor do concerto para trompete, Hummel, foi aluno de Mozart, que o instalou durante dois anos na sua própria casa, e de Clementi. Gozou da intimidade de Goethe, tocando frequentemente em sua casa, mas teve relações agitadas com Beethoven, a quem igualava na reputação de improvisador. O concerto incluído no programa de hoje, cuja transcrição é do sargento ajudante músico Manuel Maria Baltazar, foi terminado em 8 de Dezembro de 1803 e teve a sua primeira audição, na Corte, a 1 de Janeiro de 1804.

22. Grieg foi o mais original dos musicos escandinavos e a principal figura do nacionalismo musical norueguês do século XIX. Pela sua inspiração, o seu pitoresco e a sua audácia harmónica pode considerar-se um continuador de Chopin e um percursor de Debussy e de Ravel. As suas «Danças Norueguesas» datam de 1881, tendo sido escritas primeiramente para piano a quatro mãos, depois transcritas para piano a duas mãos e mais tarde para orquestra.

3. A pequena fantasia, intitulada «De manhã cedo» tem como génese um simples tema bucólico trabalhado por John Martindale que, variando a sua estrutura o faz ouvir através de seis escassos minutos. Data de 1969.

4. O compositor Alberto Ginastera nasceu em Buenos Aires em 1919. Professor do Conservatório desta cidade, é autor muito apreciado de obras coreográficas, sinfónicas, de música de câmara, de piano, etc. A sua «Dança Final» faz parte do bailado «Estancia», escrito em 1941.

5. A partitura «Portugal em Festa» foi gentilmente oferecida pelo seu autor à Banda da Armada. Trata-se de uma composição de carácter popular, sobre melodias do Minho, das Beiras e do Algarve. Dennis Farnon, que nasceu em Toronto (Canadá) e reside presentemente em Cascais, tem-se dedicado principalmente a escrever música de fundo para filmes e para a Televisão.

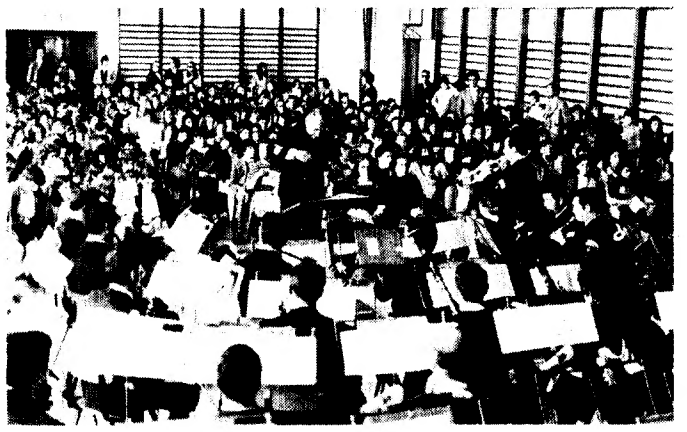
OS MÚSICOS

Vitor Santos, que encontrámos fardado a tocar o instrumento que já lhe viramos tocar com outra roupa, ao lado de Thilo Krasmann, de Pedro Osório, etc., declarou-nos:

. **«Acho que isto é muito importante para as crianças. Não só por poder despertar-lhes o interesse pela música como, ainda, pelo facto de, ouvindo um grande número de instrumentos diferentes, elas se poderem, eventualmente, começar a interessar por um deles. Com continuação e com um acompanhamento educacional adequado, talvez nasçam aqui futuros bons músicos».**

Cirilo Coutinho toca trombone-de-varas e é um dos dois músicos da banda da Marinha que frequentaram (há anos) a Francisco de Arruda. Disse-nos:

. **«Aprendi música com o meu pai. Comecei pelo violino. Depois estudei com o prof. Santana de Brito. Passei pela orquestra ligeira da Emissora, pela Sinfónica, também da Emissora, pela Filarmónica de Lisboa e pelo Coro Gulbenkian. Dedico-me, também, à música ligeira. Estou satisfeito por verificar que, depois de tantos anos, a escola continua impecável. Acho, também, que se deviam fazer mais concertos como estes. Numa escola não se deve, apenas, dar as matérias do programa. As aulas devem ser acompanhadas com outras actividades e a música é uma coisa essencial.**



OS ALUNOS

«Tou a gostar. Acho bonito. Gostava que houvesse mais vezes.» (Augusto José António de Freitas, de 11 anos, aluno do 1.º ano)

Maria Isolina Alcobia Lagoa tem 13 anos, frequenta o 1.º ano e gostou, também:

«Achei giro!»

Porquê?

«Porque gosto de música».

E de qual é que gostaste mais?

«Da primeira».

A Isolina também gostava que **«houvesse mais vezes»**. Ela e o **Armando Jorge**, de 13 anos e aluno do 1.º ano.

«Acho que gostei», disse-nos o Armando.

E gostavas mais de ver só o filme (a seguir haveria uma sessão de cinema), ou gostas mais do concerto?

«Cada coisa no seu género», afirmou, muito seguro de si.

E se houver mais concertos?

«Venho!»

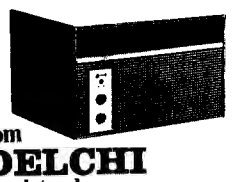
A Banda da Marinha terminaria o concerto com um extra: uma marcha que os alunos, quebrando a rigidez de um concerto, resolveram acompanhar com palmas, manifestando exuberantemente o seu contentamento.

Nuno Gomes dos Santos

Não exagere!

Com Delchi afastar o calor é muito mais fácil

Basta ligar o interruptor e Você estará refrescado como se nunca tivesse ouvido falar em Verão. DELCHI é um prazer total. Terá PRIMAVERA permanente, com DELCHI em sua casa. A sua instalação poderá ser fixa ou portátil.



com DELCHI não há calor

Agradecemos nos enviem mais detalhes sobre os aparelhos de ar condicionado DELCHI.

Nome _____

Ramo de Negócio _____

Rua e Número _____

Localidade _____ Telef. _____

GARANTIA OCL OLAVO CRUZ LDA

Envie este cupão para os representantes exclusivos: OLAVO CRUZ, LDA. Departamento Industrial – Rua das Flores, 59 – Lisboa

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

MAIO DE 1973

Dias 4, 7 e 9 às 21,45 h.

Dias 5, 6 e 8 às 18,30 h.

grupo de bailado de anna mascolo

Direcção de Anna Mascolo

com

JOSETTE AMIEL ★ TESSA BEAUMONT

ROBERT BESTONSO ★ JUAN GIULIANO

e

MARTINE CHAUMET ★ GILDA FALLARD

PROGRAMA

Dias 4 — Noite
5 e 6 — Tarde

VALSES NOBLES
música de Franz Schubert
coreografia de Anna Mascolo

GYMNOPÉDIES
música de Eric Satie
coreografia de Anna Mascolo

FESTA DAS FLORES EM GENZANO
música de Helsted
coreografia de Bournonville

** SALOMÉ
música de Richard Strauss
coreografia de Janine Charrat

** A LIÇÃO (extraído da peça de Eugene Ionesco)
música de Georges Delerme
coreografia de Flemmin Flindt

* ADAGETTO
música de Gustav Mahler
coreografia de Joseph Lazzini

* ESTRO ARMÓNICO
música de Vivaldi
coreografia de Juan Giuliano

ANNABEL LEE (segundo um poema de E. Allan Poe)
música de Byron Schiffman
coreografia de George Skibine

Dias 7 e 9 — Noite
8 — Tarde

ESTRO ARMÓNICO
música de Vivaldi
coreografia de Juan Giuliano

** MUERTE DE AMOR
música de Wagner
coreografia de Oscar Araiz
canto de Birgit Nilsson

A LIÇÃO (extraído da peça de Eugene Ionesco)
música de Georges Delerme
coreografia de Flemmin Flindt

VALSES NOBLES
música de Franz Schubert
coreografia de Anna Mascolo

GYMNOPÉDIES
música de Eric Satie
coreografia de Anna Mascolo

JULIETA
música de Serge Prokofiev
coreografia de Anna Mascolo

PAS DE QUATRE
música de Cesare Pugni
coreografia de Anton Dolin

D. QUIXOTE
música de Minkus
coreografia de Petipa

ANNABEL LEE (segundo um poema de E. Allan Poe)
música de Byron Schiffman
coreografia de George Skibine

* Estreia absoluta ** Estreia em Portugal

BILHETES À VENDA

Preços Populares, a partir de 20$00

Desconto de 50% aos jovens até 21 anos (excepto na estreia)

Tardes: Grupo A — M/ 6 anos Noites: Grupo B — M/ 10 anos

DL/NACIONAL

CARLA BARROS, TALVEZ A ULTIMA MISS PORTUGAL

A última miss Portugal?

Carla Luísa dos Santos Paiva Barros, de 19 anos, antural de Lisboa e estudante de Pintura, eleita na madrugada de terça-feira (primeiro de Maio) Miss Portugal 1973, será — segundo tudo leva a crês — a última «rainha de beleza» a empunhar o ceptro (um automóvel, jóias, relógios, viagens, uma peruca, uma aníquina de lavar, um gira-discos, um esquentador, um frigorífico, um aparelho de televisão portátil, um candeeiro, vestidos de dinheiro, outro prémio de 30 mil escudos, etc) e o honroso título das melhores busto (90 cm), cinta (63) e anca (90) lusitanos.

RAZÕES

«Vera Lagoa disse-me que para o ano não haveria concurso. Que nunca mais se metia noutra. Que teve muitos problemas para organizar este e que, por isso, não quer fazê-lo mais», informou-nos ontem, ao fim da tarde, retida no leito do hotel a mais infeliz das candidatas, o manequim Maria Luísa Teodoro Nunes, a única que não desfilou na «passerelle» do casino. Um súbito desmaio sirgui momentos antes da entrada no palco impediu-a de concorrer.

O seu estado chegou a inspirar cuidados, e esteve, durante toda a noite, acompanhada de um médico e uma enfermeira. Segundo nos disse a razão do desmaio deve-se essencialmente a um enorme estado de fadiga, acrescido do natural nervosismo. **«Foram muitos dias de recepções, ensaios e viagens»**, explicou. Grande apreciadora do xadrez Luísa Nunes não se importou muito com o azar.

«Aquilo interessava-me apenas como meio de mais ráidamente obter aquilo que ambiciono: ser um bom manequim profissional. Seria mais conhecida e teria outras possibilidades na minha carreira. Mas nada está perdido. Uma pequena desilusão, apenas».

RAINHA 73

Carloa Barros a vencedora tem dois passatempos: costurar e fazer modelos. Ambição na vida: ser independente — o noivo presente na sala, também participou na sua numerosa e elegante «claque» —.

Declarações finais da rainha: **«O concurso foi bom para mim. Deu para que nos conehcessemos, mais ou menos, umas às outras. Vou aproveitar bem as viagens que a vitória de dá. E vou continuar a estudar pintura. Quanto ao casamento só daqui a um ano. É o que manda o regulamento do concurso»**.

Vera Lagoa, às 3 da manhã: **«Este concurso correu bem. Tal como o do ano passado. Começou apenas de uma forma muito mais calma e acabou a horas justas e decentes»**.

Outras vencedoras: **Miss Jovem** foi a candidata de Cabo Verde Maria Manuela Aires Manjua, estudante de 16 anos, que gosta de leitura e quer ser engenheira.

Miss Simpatia coube a Filomena do Sotto, de 15 anos empregada de escritório, amante da leitura e da música e futura arquitecta.

Miss Imprensa não houve. Muito longe do local de desfile das misses, os jornalistas e fotógrafos presentes recusaram-se a votar. A mesa que lhes foi destinada era a mais afastada da «passerelle».

Damas de Honor: 1.ª, Helena Martins, concorrente 17, Miss Comunidades Portuguesas no Estrangeiro; **2.ª,** Aida Tavares, n.º 18; **3.ª;** Maria Pilar Pereira, concorrente n.º 8 e finalmente a **quinta** dama Dama de Honor que foi a Miss Comunidade Portuguesa no Brasil, a concorrente n.º 5 Ester Andrade.

O JÚRI E O POEMA

No Júri avultavam os nomes de D. Sereira Amzalak Bensaúde, D. mariana Távora Lobato Guimarães, locutora Maria Leoner, Monsieur Claude Berr, escultor Charters de Almeida, actor Jacinto Ramos, Alfredo Jardim, Redondo Júnior, director de «O Seculo Ilustrado», João Coito (chefe da Redacção do «Diário de Notícias»), António Bívar (chefe das Relações Públicas da RTP) e, em representação do dr. Manuel José Homem de Mello, conde de Águeda, deputado e director de «A Capital», o dr. Avilez dos Santos.

O poeta Ary dos Santos prometera a Vera Lagoa um poema comemorativo do acontecimento. Intitulado «Às Mulheres do Meu País», a referida ode, apesar de não ter sido lida publicamente durante o desfile, abria o rpograma do concurso, vendido a 50 escudos o exemplar. Eis o inédito:

Ai mulheres do meu País
uvas de casta bravia
aonde nasce a raíz
da vossa carne sadia?
É nos campos do Mondego?
Nos trigais do Alentejo?
Mulheres postas em sossego
Pelos corvos do desejo
Ai mulheres do meu País
amendoeiras cortadas
gavinhas de quem subiu
com ambas mãos amarradas.
Ao mulheres do meu País videira
videira mal amanhada:
quem vos possui não vos quis
quem vos pisa não é nada.

HOJE ÀS 22 HORAS NO MUNDIAL

ANTE ESTREIA DE GALA a que se digna a assistir
Sua Excelência Senhor Presidente da República

A receita integral da Ante-Estreia destina-se a favor dos "LARES CHESHIRE" e da CRUZ VERMELHA

Um filme de CARL FOREMAN
RICHARD ATTENBOROUGH

O JOVEM LEÃO
(YOUNG WINSTON)

ROBERT SHAW em Lord Randolph Churchill · ANNE BANCROFT em Lady Jennie e SIMON WARD

JACK HAWKINS · IAN HOLM · ANTHONY HOPKINS · PATRICK MAGEE · EDWARD WOODWARD e JOHN MILLS

CARL FOREMAN · RICHARD ATTENBOROUGH · ALFRED RALSTON

GRUPO C 14 anos — Distribuido por COLUMBIA & WARNER

LOTAÇÃO ESGOTADA

A MUSICA DESTE FILME ESTA GRAVADA EM DISCOS "HIS MASTER'S VOICE" DISTRIBUIÇAO VALENTIM DE CARVALHO

BILHETES À VENDA PARA AS 2 PRIMEIRAS SEMANAS

Cabo da Cruz

Continuação da pág. 5

8 — *Uma grande comunidade estabelecida no Canadá, ai enriquece a grande nação da América do Norte e enobrece Portugal com a capacidade do seu trabalho, a honradez dos seus homens, a beleza das suas raparigas...*

9 — *Timor — uma provincia que é uma beleza com moela. «Cada um dos desenhos que adornam o vestido um sentido. Esta narra a história de um guerreiro que, heroicamente lutou por Portugal durante a invasão japonesa, na Terceira Guerra Mundial».*

10 — *O cordão dourado do pescoço dá-lhe a riqueza frugal que o Douro amorosamente rega.*

12 — *São centúrias de paciência enriquecendo o vestido, centúrias de amor eterno,, de beijos roubados nas romarias... Um corpo lindo, apaixonadamente possuido... «Bouquet» das flores mais brancas, mais puras, mais virginais.*

14 — *As secas (de Cabo Verde) que empobrecem as ilhas enriquecem as gentes. Cabo Verde foi feito a punho como quem faz tudo de novo.*

16 — *Madeira, um festival de flores perdido no mar. Uma gente forte e bela que se não deixa vencer.*

17 — *Quase meio milhão de portugueses enriquecem a França.*

Não quero acabar esta crónica sem uma breve referência ao júri.

Algumas figuras já conhecidas como a Maria Leonor, a Ana Paula, também já misse, o Claude Berr, presidente da Mondial Events Organization, fabricante do certame, António Bívar, da Televisão Portuguesa. João Coito também, em uma das suas mais importantes tarefas.

Vou-me entretendo a olhar.

A olhar e a sorrir.

Olha o Jacinto Ramos... Olha o Redondo Júnior... Olha o Magalhães dos Santos...

Continuo a olhar.

A olhar e a sorrir.

Quando as misses aparecem para desfilar em fato de noite ainda estou a sorrir.

ESTANTES METÁLICAS

— POR ENCAIXE — SEM PARAFUSOS — PLASTIFICADAS
— MONTAGEM FÁCIL E RAPIDA — SEM FERRAMENTAS
— CANTONEIRA PERFURADA
— MÓVEIS METÁLICOS

CORTAL
COMÉRCIO METÁLICO DE ÁGUEDA, LDA.
STAND EM LISBOA:
Avenida Júlio Dinis, 4-A — Tels. 777344 - 777406 — LISBOA

T-10-73 a11p

ULTRAPASSAMO-NOS CONSTANTEMENTE

Todos os anos sucede-nos o mesmo.
As nossas previsões mais optimistas,
que nem sequer divulgamos,
são sistematicamente ultrapassadas
pelo dinamismo da nossa empresa,
pela sua progressiva valorização,
pelo seu constante e seguro crescimento.
Todos os anos nos sucede o mesmo,
mas preferimos continuar
a prever prudentemente o futuro.

TORRALTA
UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

DL/GERAL

11º ANIVERSÁRIO DA AGÊNCIA LATINA

A Agência de Publicidade Latina celebrou ontem o seu 11.º aniversário. Por esse motivo os serviços estiveram encerrados e o dia foi dedicado à confraternização entre os trabalhadores daquela empresa, nomeadamente com um almoço nas suas instalações.

Sociedade de Língua Portuguesa

Amanhã, pelas 18 e 30, realiza-se na sede da Sociedade de Língua Portuguesa, na Rua de S. José 41-2.º, uma conferência subordinada ao tema «A Crise do Direito Internacional Marítimo», a qual será proferida pelo comandante Manuel Limpo Serra. A entrada é livre para quem queira assistir.

Dois mortos e vários feridos

Continuação da pág. 4

ros, recolheu a casa.

Recolheram ainda ao Hospital muito traumatizados: António Marques, de 27 anos, desenhador, morador em Estarreja, vítima de despiste do automóvel que conduzia, próximo de Rio-Maior; José Correia Carvalhosa, de 19 anos, empregado no comércio, morador em Vila Moreira, Queluz, pelo choque entre a sua motoreta e um automóvel, em Carenque, Belas; Vitor Manuel de Oliveira Sousa, de 24 anos, tipógrafo, residente na Rua D. Domingos Jardo, que foi agredido com uma facada nas costas, durante uma desordem no Martim Moniz; Albano Marques Costa, de 81 anos, vendedor ambulante, natural de Covas, Tábua, que foi atropelado por um automóvel, na Rua Morais Soares; José Carlos Ferreira Gomes, de 31 anos, canalizador, morador na Venda do Pinheiro, que caiu da motoreta em que seguia, próximo de casa; Marcelino José Marques, de 20 anos, morador no Alto do Farelhão, Setúbal, que caiu da motoreta que conduzia próximo da residência; Idalina Dores Sequeira, de 62 anos, morador na rua do Tarujo, que foi vítima do choque do automóvel em que viajava, com outro na avenida António Augusto Aguiar; Horácio Lima, de 69 anos, morador no Castelo em Sesimbra, que foi atropelado por um automóvel, próximo daquela vila; Adelina de Jesus, de 80 anos, cuja morada se ignora, que foi atropelada por um automóvel na avenida Almirante Reis; Alvaro Santos, de 68 anos, morador na rua Aliança Operária, foi atropelado por um automóvel na rua de Alcantara.

Comércio irregular de produtos alimentares

A acção repressiva exercida pela Inspecção-Geral das Actividades Económicas levou, no período de 8 a 21 de Abril, à instauração de 212 processos e à apreensão devários produtos, incluindo 10 mil pães, 645 litros de óleo de amendoim, 41 quilos de carne, 32 quilos de açucar e algmas latas de conserva de peixe; foram aind inutilizados, por impróprios para consumo, cerca de 17 quilos de bacalhau.

Dos processos instaurados ao longo daquelas duas semanas destacam-se: 42 respeitando o comércio irregular de produtos alimentares; 38, a especulação em produtos alimentares, espectáculos públicos, indústria hoteleira e similares, electrodomésticos, inquilinato e serviços-auto; 88, a falta de afixação de preços; 4 a falta de certificado de comercinte; outros processos dizem respeito à falta de higiene, de caacerísticas legais, de peso, e ainda a falsificação, matança clandestina, etc.

PETARDO EM OLHÃO

OLHÃO, 2 — Nesta cidade também rebentou, no passado dia 29, um petardo que espalhou numerosos panfletos. O rebentamento deu-se cerca das 20 horas junto a um canteiro de flores no jardim João Lucio em plena Avenida da República.

Traga o seu Opel às novas instalações da Licar em Cabo Ruivo as maiores da Europa

Recentemente inauguradas as novas instalações da Licar são as maiores e mais modernas da Europa.

Esta é uma das vantagens extra que a Licar oferece.Vantagem extra porque nas suas novas instalações a Licar dispõe do mais actual equipamento electrónico de medida e controle; equipamento que permite um diagnóstico rápido e seguro do seu OPEL.

DE 1 A 15 DE MAIO

Venha experimentar.

A Licar oferece-lhe um diagnóstico grátis, integrado no programa GM-EUROSERVIÇO.

É uma boa oportunidade para visitar as novas instalações da Licar, na Rua Dr. José Espírito Santo. Um local de fácil acesso servido por vias rápidas.

LICAR

O que é também uma vantagem extra.

CONCESSIONÁRIA PARA A LINHA OPEL

ASSISTÊNCIA: RUA DR. JOSÉ ESPIRITO SANTO • CABO RUIVO • STAND: Av. CASAL RIBEIRO, 48 A

PROGRAMAR PARA GANHAR MAIS faça um depósito de poupança

BF/18-73

Criámos um novo processo de aplicar as suas economias.
Programe a sua poupança
e aplique-a com maior rendimento
à medida que ela se vai formando.
Temos pessoal competente para o ajudar na escolha do plano
que melhor se adapte ao seu caso específico.
Consulte-nos.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

AVEIRO · BRAGA · BRAGANÇA · COIMBRA · ÉVORA · FARO · LISBOA · PORTO · SANTARÉM · SETÚBAL · VILA REAL · VISEU

O CASO DA HERA

Ai dos cidadãos, ai dos países, em que o Direito Penal passasse a estar à mercê de interpretações mais ou menos hábeis dos textos incriminatórios, e em que se pudesse desrespeitar a enumeração dos elementos essenciais de qualquer crime, respeito que é a única segurança da defesa e da liberdade dos indivíduos.

Estas palavras foram ditas pelo dr. Manuel João da Palma Carlos, na 412.ª sessão do mais longo julgamento de que há memória, — o chamado caso da Herança Sommer.

O causídico da defesa terminara à sua exposição relativa ao processo de inventário de Henrique Sommer, com a citação de inúmeros documentos e depoimentos que comprovam ter sido tal inventário quase inteiramente simulado, simulação efectuada para diminuir os encargos dos herdeiros com o imposto sucessório.

Após ter concluído a demonstração que levou a cabo, exclamou o dr. Palma Carlos:

QUEM TEM O DOSSIER HERANÇA?

A que esforço foi obrigada a defesa de António Champalimaud pela má-fé dos assistentes, que, tendo eles, como venho afirmando, em seu poder, o dossier herança, o subtriram propositadamente ao exame e atenção de V. Exas, e à possibilidade, de através dele, António Champalimaud, muito mais rapidamente e com menos esforço, demonstrar como sempre procedeu com toda a licitude, com inteira boa-fé, com uma lealdade de posição em relação aos seus irmãos, absolutamente contrastante com a má-fé, com que eles, sim, actuaram.

Já que não foi bastante a interpelação oral que dirigi ao ilustre advogado dos assistentes na sessão de julgamento de 12 do corrente, tem o tribunal ainda à mão, a faculdade que lhe é permitida pelo art.º 528.º do Código do Processo Civil, de notificar os assistentes para que o apresentem.

Da recusa da apresentação perante a notificação de V. Exas, tirarão V. Exas as necessárias conclusões para efeitos probatórios.

Mas que se vinculem os assistentes a uma declaração expressa: que o apresentem visto que o têm ou que mintam expressamente, negando tê-lo.

Mas que não se lhes facilite a comodidade da dubieza de posição que lhes tem sido consentida.

ASPECTO CHOCANTE

E mais adiante, afirmaria o dr. Palma Carlos:

Mas o que é espantoso, é que os arranjos simulatórios levados ao processo do inventário, cuja existência foi tão contrariada nesta audiência de julgamento pelos assistentes, achava-se já nos autos, reconhecida por eles próprios, com toda a clareza.

Este é um dos aspectos neste processo de muitos aspectos chocantes dos não menos chocantes!

Durante intermináveis meses, Carlos Champalimaud, pode ficar em situação especial na marcha do julgamento.

Mas se nós compulsarmos as declarações dos Assistentes, nós veremos e apenas por alto, pois já lhes fiz referência noutra altura das minhas alegações, nós veremos que V. Exas não podem deixar de concluir que os próprios senhores assistentes reconheciam e confessavam o seu conhecimento directo das simulações operadas no processo inventário.

Henrique Champalimaud disse em 20/12/65, perante o Inspector Manuel Fernandes:

«O declarante tomou parte, juntamente com Constantino Sobral, na liquidação do activo e passivo do espólio deixado por Henrique Sommer.

Na liquidação efectuada por esta forma não foram consideradas as acções dadas ao inventário, uma vez que o declarante considerava que tais acções tinham sido dadas às tias».

E o mesmo Henrique Champalimaud no próprio julgamento, ao ser interrogado pela primeira vez na sessão de 6 de Julho de 1970, não só confirmou as declarações prestadas na Polícia Judiciária que acabei de citar, como ainda esclareceu e acrescentou, ao afirmar textualmente o seguinte:

«E assim que um dia António Champalimaud chamou o declarante ao seu gabinete, onde se encontrava o dr. Octávio de Brito e mostrando-lhe de longe um mapa de inventário ou um mapa de estudo lhe disse: «Estão aqui referidas neste mapa de inventário acções da Empresa de Cimentos de Leiria mas elas não nos pertencem, pertencem às tias, o tio Henrique lhas havia dado em vida, há uma carta» e acrescentou: «mencionaram-se para não levantar problemas com o fisco pois o tio Henrique era muito conhecido como sendo um dos principais accionistas da Empresa de Cimentos de Leiria». O declarante surpreso com esta declaração olhou para o dr. Octávio de Brito e este naturalmente respondeu-lhe que era conveniente na realidade mencionar acções no inventário».

Ora, confirmou afinal Henrique Champalimaud, perante V. Exas, tudo quanto tenho vindo a expôr, — que o inventário foi um arranjo simulatório, que as acções pertenciam a suas tias, e que apenas foram relacionadas no inventário, segundo ele, com fins fiscais, mas simuladamente como sustento.

Não reconheceu ele ainda que essa distribuição efectivada no inventário «era simplesmente formal, dado que só no final poderia fazer uma divisão exacta em valor pelos cinco herdeiros» . . palavras textuais de Henrique Champalimaud!?

Não afirmou Henrique Champalimaud a V. Exas que foi o próprio dr. Octávio de Brito quem lhe explicou que «o arranjo dos bens, objecto desse inventário entre os cinco herdeiros estava orientado para satisfazer exigências de ordem legal, ou seja o equilíbrio dos bens repartidos»?

Tudo isto foi dito perante V. Exas.

Tudo isto foi afirmado nesta sala de audiências.

Tudo isto respondido a interrogatório do próprio Tribunal.

Que importa que Henrique Champalimaud, posteriormente, tenha aqui, nesta sala do Tribunal, querido enganar V. Exas atribuindo a explicação diferente, ao que V. Exas. claramente tinham compreendido?

Quem supunha ele que V. Exas eram? Juízes ou criaturas ingénuas, que estavam dispostas a ouvir-lhes mudar as opiniões de cada vez ele as quisesse mudar?

«RESPEITO A PROFISSÃO DE ADVOGADO»

E referindo-se, depois, ao testemunho prestado em julgamento por um advogado de Henrique Champalimaud — o dr. Serafim da Silva Garcia — o dr. Palma Carlos ponderou:

—Tenho pela profissão de advogado e pelo exercício dela o maior respeito, respeitando em todos os momentos a actividade dos advogados no exercício da sua profissão; mas quando eles efectivamente vêm mascarar, ou sobrepôr, à sua qualidade de advogados, a sua qualidade de interessados, estão-se a demitir da sua qualidade de advogados.

E, para cúmulo, é o sr. dr. Serafim da Silva Garcia, que mesmo para além da simulação do inventário que o sr. Henrique Champalimaud reconheceu, vem também ele, aqui, assumir a posição de defensor da dignidade e integridade do dr. Octávio de Brito, que os assistentes trataram ignobilmente no decurso de todo o processo.

Com a autoridade que o dr. Silva Garcia tinha para com o seu constituinte, na qualidade de advogado dele, mais valia, e seria posição mais dignificante, que o tivesse aconselhado a não desrespeitar outro advogado.

Justifica-se de resto, a minha inteira adesão à posição assumida pelo ilustre magistrado do Ministério Público, quando — em face da afirmação do dr. Silva Garcia, de que o dr. Octávio de Brito seria incapaz de intervir numa simulação processual — logo pondera que se o dr. Octávio de Brito não havia intervindo numa simulação processual, teria então praticado uma sonegação de bens, o que seria ainda pior.

Dado o ponto de vista de um íntegro magistrado do Ministério Público, a sua observação estava certa.

D. LUISA E D. ALBANA APROPRIARAM-SE DAS ACÇÕES

Após ter concluído o estudo do processo de inventário, o causídico da defesa mudou de tema, passando a descrever o que se passou com as famigeradas acções da Empresa de Cimentos de Leiria que pertenceram a Henrique Sommer.

A este propósito, esclareceu o advogado:

As acções da Empresa de Cimentos de Leiria, que haviam pertencido a Henrique Sommer e estavam em contas conjuntas com D. Maria Luísa, após a morte dele entraram logo, e na verdade, na posse material de suas irmãs D. Maria Luisa e D. Albana, e foram elas, na verdade, quem das mesmas acções materialmente dispuseram.

Recordo a posição assumida a este respeito pelo ilustre magistrado do Ministério Público: reconhecimento da exactidão de todos os factos articulados sobre tal matéria nos art.ºs 13.º a 24.º, 38.º, 41.º, 43.º e 47.º na contestação de António Champalimaud.

Não irei deter-me, portanto, sobre essa matéria, com a mesma minucia, com que, sobre outras matérias entendi dever debruçar-me.

Mas para que as minhas alegações não percam a sequência lógica que procurei imprimir-lhes, lembrarei a V. Ex.ª que à morte de Henrique Araújo Sommer, as suas acções da Empresa de Cimentos de Leiria encontravam-se; 100 nominativas, na Empresa de Cimentos de Leiria, como caução do seu lugar de administrador; 1.000 ao portador, numa caixa de folha fechada, em nome de Henrique Sommer, existente nos cofres da Empresa de Cimentos de Leiria e entregues a D. Alice Vila Franca; 3.005 nominativas, endossadas em branco e guardadas «nos cofres de Sommer e C.ª, Ld.ª», à ordem de Henrique Sommer ou Maria Luisa Sommer; 2.622 ao portador, nas mesmas condições das anteriores; 3.350 ao portador, no Banco Espirito Santo, caucionando um crédito em conta conjunta solidária com sua irmã D. Maria Luisa; 1.010 ao portador no Banco Nacional Ultramarino em conta conjunta solidária com sua irmã D. Luisa; 19 nominativas no Banco Nacional Ultramarino em conta conjunta solidária com D. Maria Luisa; 775 nominativas no Banco Nacional Ultramarino em conta conjunta solidária com D. Palmira; 1.291 ao portador no Banco Nacional Ultramarino em conta conjunta solidária com D. Palmira.

Estou a referir-me às acções da Empresa de Cimentos de Leiria, embora me pareça relevante recordar que, segundo se vê da carta do Banco Nacional Ultramarino, de fls. 6.746 dos autos, naquele Banco, quer na conta de Henrique Sommer/D. Palmira, quer na conta Henrique Sommer/D. Maria Luisa, existiam milhares de acções de outras companhias e empresas — muito maior número na conta Henrique Sommer/D. Palmira — acções essas que tanto D. Palmira como D. Maria Luisa levantaram, sem que, alguma vez, qualquer um dos herdeiros, tenha contestado a legitimidade e tal procedimento.

Por parte de D. Maria Luisa, o levantamento desses outros títulos, teve logo lugar em Maio de 1944, e ela também logo os dividiu com sua irmã Albana.

No tocante às acções da Empresa de Cimentos de Leiria, também não mereceu reparos aos sobrinhos de Henrique Sommer, e nomeadamente aos assistentes nestes autos, que D. Palmira houvesse levantado as acções que em nome do seu marido e dela se encontravam depositadas, e delas dispusesse como única proprietária.

Efectivamente, dessas acções da Empresa de Cimentos de Leiria, as acções nominativas foram averbadas a Jorge Monte Real e D. Maria da Luz Monte Real, em 29/6/1944, que delas cobraram dividendos, através o Banco Nacional Ultramarino;

Isto quanto às acções nominativas que estavam na conta conjunta Henrique Sommer/D. Palmira, porque quanto às acções ao portador, os dividendos delas foram também cobrados por Jorge ou Maria da Luz Monte Real em 7/6/1944.

Vejamos, então, o destino material das acções da Empresa de Cimentos de Leiria, a que Henrique Sommer fazia referência na sua carta de 20/10/1942.

O Dr. Palma Carlos descreveu, na sequência do propósito que anunciou, e com grande minúcia, toda a movimentação sofrida pelas acções da Empresa de Cimentos de Leiria em discussão, demonstrando que todas elas foram parar às mãos das Senhoras D. Maria Luisa e D. Albana, que as averbaram em nome delas, receberam os dividendos, as depositaram na Empresa de Cimentos de Leiria, para efeitos de assembleias gerais e para uma nova emissão de acções — a chamada 8.ª emissão —, etc.

Todos os actos, que enumerou, como praticados pelas duas senhoras, foram pelo advogado comprovados através de numerosos documentos.

A dada altura da sua descrição comentou o dr. Palma Carlos:

IMPRATICÁVEL A TEORIA DO PROF. VAZ SERRA

Toda esta multiplicidade de actos materiais, completamente ignorada pelo prof. Vaz Serra no parecer que emitiu, manifestamente alheado do conhecimento comezinho destas realidades, foram praticados pelas senhoras, não podiam ter deixado de ser praticados por elas.

A realidade dos seus escritos ou assinaturas, respeitantes a estes múltiplos actos materiais, praticados pelas sr.as. D. Maria Luisa e D. Albana, são facilmente visiveis, mesmo por quem não queira ver: a sua letra está nos autos, as suas assinaturas estão apostas em recibos, em cartas a conceder poderes em assembleias gerais, em cautelas de depósito de acções, etc.

Todo este pormenorizado descritivo, que venho de fazer a V. Ex.as — tudo isto, encarado no seu conjunto, demonstra iniludivelmente que as sr.as D. Maria Luisa e D. Albana, logo imediatamente após a morte de Henrique Sommer, como titulares das acções dele recebidas, agiram como perfeitas, únicas e totais, donas dessas acções.

Só elas praticaram e exerceram, em relação a todas as acções em causa, todos os actos inerentes à sua qualidade de proprietárias.

Não se alcança que qualquer outro proprietário de títulos de sociedades anónimas, pudesse exercer, em relação aos seus títulos, outros poderes, actos

HORÁRIO DAS SESSÕES:

TODOS OS DIAS: 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

ÀS SEXTAS E SÁBADOS: SESSÃO SUPLEMENTAR ÀS 24.15 HORAS

BIO-STRATH

SUPER ALIMENTO NATURAL À BASE DE LEVEDURA

Restitui ao organismo as energias necessárias para o desenvolvimento físico e intelectual.

Aumenta as possibilidades de sucesso escolar.

Revigora as células e equilibra o sistema nervoso.

Produto Suíço preparado por STRATH LABOR-ZURICH

A venda nas farmácias

Viagens apolo 73

CANÁRIAS

VIAGEM EM AVIÃO ESPECIALMENTE FRETADO **8/15 DIAS**

Partidas todas as 5.as Feiras de Julho a Setembro.

PREÇOS A PARTIR DE **2.770,00**

Estadia em regime de pensão completa ou quarto com pequeno almoço. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

MAIORCA

VIAGEM EM AVIÃO ESPECIALMENTE FRETADO. **8/15 DIAS**

Partidas todas as 3.as e 5.as Feiras de Junho a Setembro.

PREÇOS A PARTIR DE **3.400,00**

Estadia em regime de pensão completa. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

TORREMOLINOS

VIAGEM EM AUTOCARRO COM AR CONDICIONADO **8/15 DIAS**

Partidas todas as 3.as e 5.as Feiras de Junho a Setembro.

PREÇOS A PARTIR DE **2.320,00**

Estadia em regime de pensão completa.

CONSULTE A SUA AGÊNCIA HABITUAL

ANÇA SOMMER

materiais de natureza diversa ou diferente, daqueles que praticaram as sr.as. D. Maria Luisa e D. Albana.

São actos como os que enumerei que constituem os actos materiais tradutores da propriedade das acções.

Que outros actos materiais quereria o sr. prof. Vaz Serra, que as sr.as. D. Maria Luisa e D. Albana praticassem?

Que andassem a passear com os títulos debaixo do braço pelas ruas de Lisboa? Ou a mostrá-los às amigas?

A pagarem com os títulos compras em estabelecimentos ou contas em salões de chá?

Ou deveriam tê-los guardado nas arcas de suas casas, para à noite se deleitarem, nelas afundando as suas mãos?

As senhoras, portanto, elas e só elas praticaram todos os actos que deixei descritos — outros mais terão praticado, que os autos não documentam, e só através dos autos e do bom senso comum eu faço a V. Ex.as o meu descritivo — e posso resumir a sua actividade nos termos que vou anunciar:

— **Todas as acções Nominativas** que haviam pertencido a Henrique Sommer **vão à posse material de D. Maria Luisa** e **são averbados** a favor dela; em seguida, deposita-as em seu nome, juntando-as e misturando-as com outros títulos nominativos que anteriormente já possuia.

— **Todas as acções ao Portador**, sem uma única excepção, **foram também movimentadas pelas senhoras**, que igualmente em relação a elas praticaram todos os actos inerentes a tal qualidade de proprietárias.

— **De todas as acções nominativas e ao portador as senhoras sobram directamente os respectivos dividendos** nos anos de 1944 e 1945, (com excepção das que se encontravam em bancos já que em relação a estes, como sucede sempre em relação a acções depositadas, a cobrança compete aos bancos em que as acções se acham depositadas. Mas o produto dos dividendos, pelas senhoras é que seria arrecadado.

— **Todas as acções foram levadas à 8.ª emissão pelas senhoras**, que assim, através da subscrição, duplicaram o número de acções que haviam recebido de Henrique Sommer.

Em relação às 1.010 acções em depósito no Banco Nacional Ultramarino, até operaram entre si a divisão das mesmas, e D. Maria Luisa, mesmo das 505 que lhe couberam, fez reverter 10 a favor do sr. dr. Félix Machado.

Na actuação inerente à sua qualidade de proprietária das acções as senhoras acharam, pelo menos, 8 recibos de dividendos, 5 cautelas de depósitos, 3 cautelas da 8.ª emissão, tendo D. Maria Luisa assinado ainda, não só os documentos que já referi, a atribuir a Henrique Champalimaud, poderes de representação em Assembleias Gerais, como, também, todos os documentos necessários para o levantamento das acções depositadas nas contas solidárias existentes no Banco Nacional Ultramarino e no Banco Espirito Santo.

Desta relacionação de factos, há que chegar à conclusão — a única possível, de que logo em seguida à morte de Henrique Sommer, são as sr.as D. Maria Luisa e D. Albana, que passam a dispôr na sua integralidade, de todas as acções que a Henrique Sommer haviam pertencido.

Não se encontra, por parte de António Champalimaud, durante todo o período de tempo que se vem referenciando, a partir de fins de Março de 1944 até fins de Novembro de 1945, a prática de um único acto respeitante à movimentação das acções que haviam pertencido a Henrique Araújo Sommer.

Relembro, aliás, de resto, que durante o mencionado período de tempo, António Champalimaud, esteve durante largos meses ausente em Moçambique: desde 21 de Outubro de 1944 a 10 de Abril de 1945.

Todas as afirmações que produzo, no tocante à movimentação das acções, exclusivamente por parte da sr.ª D. Maria Luisa e da sr.ª D. Albana — sem que possa apontar-se a António Champalimaud a prática de um único acto em relação a um só desses títulos — se é certo que não constava de documentação junta aos autos, constava, na sua maior parte, da escrita apreendida, escrita que fazia parte do processo, na medida em que continuava apreendida, e que não podia consequentemente ser ignorada, quando foi lavrada a pronúncia.

Afigura-se-me, consequentemente, perfeitamente desolador que se tenha consignado, como aconteceu no art.º 15.º da pronúncia, que foi «o arguido quem a partir de 28 de Março de 1944, frente ao circunstancialismo já traçado, passa a dispôr materialmente das acções da Empresa de Cimentos de Leiria integradoras da herança».

Para mais, quando este «processo herança», desce pela primeira vez da Policia Judiciária a este Tribunal da Boa Hora, onde viria a ser distribuido ao 4.º Juízo Criminal, a cuja competência viria mais tarde a ser subtraído, — logo no relatório do Inspector dr. Pinto Caldeira, antes de se concluir então «não ter existido o crime denunciado», já se realçara, através de transcrição de declarações das próprias sr.as D. Maria Luisa e D. Albana, que sempre uma e outra é que «tinham disposto das acções em causa».

Essa afirmação, produzida do primeiro relatório policial, justificaria em meu entender, uma mais atenta ponderação da matéria factual que se viria a consignar no art.º 15.º da pronúncia, — e cuja realidade, repito, seria facilmente desmentida e contrariada, através o exame da documentação apreendida, que conduziria frontalmente à verificação de não ser verdadeiro o facto afirmado, porque todos os factos que eu há pouco realcei a V. Ex.as já constavam efectivamente de escrita, já constavam efectivamente do processo, já se encontravam no Tribunal, quando a pronúncia veio a ser lavrada.

Eu sei que V. Ex.as responderão agora negativamente a um quesito que formulem sobre a matéria do art.º 15.º da pronúncia.

O CRITÉRIO DA DÚVIDA CONTRA ANTÓNIO CHAMPALIMAUD?

Tal constatação, porém, embora se revele muito positiva no estado actua, da questão, não impede que afirme, que nem eu, como advogado de António Champalimaud nem principalmente António Champalimaud como arguido nestes actos, deixemos de lamentar a falta de um exame mais atento dos autos e da documentação que os integrava no momento da pronúncia.

Isso teria permitido evitar, isso evitaria necessariamente, que se produzisse no art.º 15.º da pronúncia de António Champalimaud, a afirmação puramente gratuita que em tal artigo se inseriu.

A pronúncia acrescentaria ainda mais, e porém, — no seu art.º 57.º — que foi na sequência de comandos de António Champalimaud que as 3.024 acções nominativas, a que ontem fiz referência, — 3.005 que se encontravam em Sommer e C.ª, Ld.ª e 19 que se encontravam no Banco Nacional Ultramarino — foram, em 15 de Julho de 1944, averbadas a D. Maria Luisa de Araújo Sommer.

Esta, foi outra afirmação espantosa da pronúncia, que não encontra o mais ligeiro alicerce, em um só documento, em uma única declaração, fosse em que material probatório fosse.

Ao ouvir as doutas alegações do ilustre Magistrado do Ministério Público, conclui que S. Ex.ª, ao deduzir a sua acusação, teria formulado para si mesmo a dúvida sobre quem teria dado as ordens ou instruções, para que o averbamento das acções nominativas, fosse efectuado na referida data de 15/7/44 a favor de D. Maria Luisa Sommer; a acusação omitiria então — omissão que de seguida passou a pronúncia — que em 19/1/45 é que foram averbadas em nome de D. Maria Luisa, as 19 acções nominativas, em depósito solidário no Banco Nacional Ultramarino à data da morte de Henrique Sommer.

Talvez o facto tenha passado despercebido à data da dedução da acusação; mas se apercebido tivesse sido, teria sido naturalmente acrescentado e incluido no art.º 57.º da pronúncia, com o mesmo critério que presidiu à elaboração dela.

Mas qual critério? — pergunto eu ainda hoje a mim mesmo.

O da dúvida?

Mas **pode conceber-se que o critério da dúvida — que em todos os locais do mundo e em todas as legislações milita a favor dos arguidos, haja militado neste caso concreto de António Champalimaud, em desfavor dele?**

Investigação especial, Tribunal especial, pronúncia especial: tudo contra António Champalimaud!

Mas todas estas considerações que acabo de formular, é porque do resumo que ontem fiz da movimentação das acções por parte das sr.as D. Maria Luísa e D. Albana, e só por elas, permite-me emitir em definitivo duas conclusões.

Uma, é a de que, a comprovação da apropriação das acções pelas sr.as, tendo sido conhecida, necessáriamente de todos os funcionários da Empresa de Cimentos de Leiria que intervieram nas operações que descrevi, tendo sido necessariamente conhecida dos Bancos onde D. Maria Luisa procedeu ao levantamento dos títulos, tendo sido, ainda, necessariamente sabida na Casa Sommer onde também foram levantados os títulos, ali em depósito, teve por igual, de ser conhecida dos herdeiros testamentários de Henrique Sommer, sócios todos eles de Sommer, e particularmente de Henrique Champalimaud seu gerente, e que foi a pessoa a quem D. Maria Luísa, utilizando acções provindas de Henrique Sommer, conferiu poderes para representá-la em até Assembleias Gerais:

Na sequência desta primeira conclusão, alicerça-se o princípio de que o conhecimento generalizado da apropriação das acções pelas senhoras D. Maria Luísa e D. Albana, traduziu o acatamento também geral da vontade de Henrique Sommer expressa em complementaridade na sua carta de 20/10/42 e no seu testamento de 18/1/43.

Mas há uma segunda conclusão a extractar — e esta já de ordem jurídica, e respeitante ao fundo desta causa.

É sabido que o primeiro elemento do crime de abuso de confiança se traduz numa entrega de valores móveis ao agente do crime:

«Aquele que desencaminhar ou dissipar, em prejuízo do proprietário... dinheiro... ou títulos... que lhe tenham sido entregues» — diz o art.º 453.º do Código Penal.

Resulta da simples leitura da pronúncia que essa entrega, no caso dos autos, nem sequer foi invocada pela acusação.

CONSTRUÇÃO ABSTRUSA

A pronúncia consagraria, como consagrou, uma abstrusa construção, segundo a qual as acções foram postas nas mãos de António Champalimaud sem que alguém delas lhe houvesse feito entrega.

António Champalimaud aparece, portanto, segundo a pronúncia, detentor das acções, logo a partir da data da morte de Henrique Sommer, ou seja desde 28/3/44 e mercê tão somente de uma confiança ilimitada, que a pronúncia alega em abstracto, mas não estrutura em nenhum facto concreto.

Essa posição foi necessariamente determinante da construção que o sr. dr. Eridano de Abreu viria a equacionar nas suas alegações finais, e segundo a qual, a entrega do objecto já não se tornaria necessária para a existência de um crime de abuso de confiança.

Segundo tão original construção do meu distinto colega bastaria, para a verificação do 1.º elemento do crime, que o objecto viesse a estar em qualquer momento na disponibilidade do agente do crime, mesmo sem entrega dele.

Mas, por mais interessante que tal construção jurídica se ofereça, ela viola frontalmente o expressamente estatuido no art. 453 do Código Penal, ela conduziria à subversão dos mais elementares princípios reguladores do direito penal, de acordo com os quais, quando não se verifica a existência, de todos os elementos essenciais de um crime, nos termos exactos em que a legislação penal os contempla, define e pune, não existe acto punível.

De outra forma, com outro entendimento, ai dos cidadãos, e ai dos países, em que o Direito Penal passasse a estar à mercê de interpretações mais ou menos hábeis dos textos incriminatórios e em que se pudesse desrespeitar a enumeração dos elementos essenciais de qualquer crime, — respeito que é a única segurança da defesa e da liberdade dos indivíduos.

A tese aqui enunciada perante V. Exas., pelo meu distinto colega sr. dr. Eridano de Abreu tem, pois, o único mérito de provir de um advogado invulgarmente inteligente e talentoso, mas a possibilidade da sua aceitação está, consoante venho de referir, liminarmente rejeitada.

Mas a tomada de posição assumida, nas suas alegações finais, pelo distinto advogado dos assistentes, o que nos permite concluir, é que, se ele se abalançou à equacionação da tese que deixei referida, fazendo-o inteligentemente, mas sem o menor apoio na Lei, e antes violando frontalmente o contexto desta, foi por haver reconhecido, obviamente, que a prova factual rejeitava a mais infima possibilidade de dar como provada a matéria consignada no art.º 15.º da pronúncia.

A comprovada apropriação material das acções em causa, nos termos que expus, pelas sr.as D. Maria Luísa e D. Albana, desde logo após a morte de Henrique Sommer, significou exactamente que a realidade dos factos foi inteiramente oposta à que no art.º 15.º da pronúncia se incluira, para permitir a ossatura acusatória, que aqui, na autópsia que me propus efectivar, procuro desmantelar osso por osso.

Naufragada, por essa forma, uma matéria de facto, cuja prova teria sido imprescindível à acusação, para sustentar as bases em que se alicerçara, contentar-se-ia esta, como naufrago que perdeu o seu navio, em agarrar-se a uma simples tábua, — cuja aceitação conduziria, porém, à absoluta subversão de uma outra regra legal imperativamente de acatar.

É que o art.º 447.º do Código Processo Penal, efectivamente, expressamente estatui e dispõe que «todos os elementos constitutivos de qualquer infracção só podem ser extractados de factos que constem do despacho de pronúncia.

Não podem, pois, nem invocar-se, nem quesitar-se, factos que no despacho de pronúncia não hajam sido articulados ou enunciados.

Seguro de que o meu ilustre colega advogado dos assistentes não ignora a elementaridade destas disposições legais que acabei de citar — tenho por seguro que, sem prejuízo do aprazimento com que todos o escutámos, ele não conseguiu fazer chegar aos olhos de V. Exas. a poeira com que pretendeu velá-los.

Mesmo que V. Exas. sem — pre com violação expressa do mesmo art.º 453.º entendessem poder considerar que seria suficiente para a existência de um crime dessa natureza, a simples e anódina circunstância de o arguido, em qualquer momento, e em quaisquer circunstâncias, poder-se encontrar na disponibilidade material das acções em causa seria necessário, no caso concreto destes autos, seria sempre absolutamente indispensável, que António Champalimaud se houvesse encontrado na disponibilidade das acções da Empresa de Cimentos de Leiria a que os autos se referem, nas circunstâncias precisas e rigorosas que constam do art.º 15.º do despacho de pronúncia.

É evidente srs. juízes, que estas referências que estou produzindo, resultam da minha deformação ou conscencialização jurídica, — porque a matéria factual extractada do julmento, bem me poderia dispensar de produzi-las.

Em qualquer caso, se a acusação particular, entendeu poder, perante V. Exas. enunciar teses absolutamente contrárias à lei, não me ficará mal, que eu relembre o texto e alcance exacto desta, e que estamos perante matéria de Direito Penal e matéria de Direito Processual Penal, cuja observância tem de ser imperativamente acatada, sob pena de, e como há pouco disse: ai dos cidadãos e ai dos países em que tais regras possam ser postergadas!

É que António Champalimaud viria efectivamente a ter em seu poder as acções, mas sem que ele nem ninguém ignorasse que a propriedade delas pertencia às sras. D. Maria Luísa e D. Albana, e que se limitaram a emprestá-las a António Champalimaud nos fins do mês de Novembro de 1945.

Foi mais um acto de posse das acções que elas praticaram como únicas proprietárias e donas delas, e que mesmo por isso, eram as únicas que estavam em condições de praticar.

Só elas, só as sras. D. Maria Luísa e D. Albana podia, pois efectivamente, e portanto, emprestar as acções quando e a quem quisessem.

Fizeram-no em fins de 1945, nas condições que vou relatar, — e de tal empréstimo, vejam V. Exas., até resultaram benefícios para os próprios assistentes e queixosos neste processo.

Para alcançarmos as razões que determinaram António Champalimaud, a contrair em fins de Novembro de 1945, um vultuoso empréstimo no Banco Totta, garantido por caução prestada com títulos da Empresa de Cimentos de Leiria, em que viriam a ser integradas as acções da empresa provindas de Henrique Sommer, que lhe foram emprestadas por suas tias, parece-me conveniente remontar atrás, à data em que António Champalimaud foi escolhido para membro da direcção daquela empresa.

Sabemos que o facto ocorreu ainda em vida de Henrique Sommer, uma vez que a sua eleição se acha documentada na acta da Assembleia Geral de 30/3/1942.

António Champalimaud estaria presente, na primeira reunião da direcção, que teve lugar em 1/4/1942 tendo até a presença de António Champalimaud tido consignação em acta nos termos que relembro a V. Exas.

«Congratularam-se com a presença do accionista Senhor Champalimaud, eleito para a Direcção pela Assembleia Geral realizada no passado dia 30 de Março fazendo votos para que a sua cooperação seja proveitosa para os interesses da Empresa».

O tempo viria a demonstrar, através da espantosa obra realizada por António Champalimaud, quão justificados foram os votos então formulados, na primeira reunião de direcção em que interveio.

Posso dizer que tudo começaria, com a aquisição da fábrica de cimentos da Matola — processada durante a viágem que António Champalimaud fez a Moçambique, escassos meses após a sua escolha para director delegado da Empresa de Cimentos de Leiria.

Partiu, como sabemos, a 21/10/1944, e regressaria tão somente em 10 de Abril de 1945.

Ainda durante a vida de Henrique Sommer, estudara a Empresa as possibilidades de aquisição dessa fábrica de cimentos da Matola, que o Banco Nacional Ultramarino se vira forçado a adquirir em hasta pública, muitos anos atrás, para ressarcimento de um crédito seu sobre a sociedade sua anterior proprietária, «The Mozambique Portland Cement Company, Limited».

Henrique Sommer, não entusiasmado com o alargamento da actividade cimenteira da Empresa de Cimentos de Leiria a Moçambique, nem, ao tempo, seguro em das vantagens investimentos no Ultramar, usou do seu prestígio e da sua influência para rejeitar a oferta de compra da fábrica da «Matola», que lhe foi feita pelo Banco Nacional Ultramarino.

António Champalimaud,

Continua na página seguinte

JAPÃO
VIAGEM MARAVILHOSA
7 a 20 de Maio
Visitando TOKYO, HONG KONG e MACAU
Preço:
Esc. 27 500$00
Incluindo: Passagem aérea de ida e volta em avião a jacto ★ Assistência aos embarques por Delegados da Agência ★ Transfer's de chegada e partida ★ Visita das cidades ★ Alojamento em hotéis de categoria, em regime de quarto e pequeno almoço.
VIAGEM ESPECIAL EM OUTUBRO
Preço:
Esc. 25 145$00
Inscrição e Informações:
NORTUR/PM-TURISMO
Rua Barata Salgueiro, 8
LISBOA
Telefs. 58722 - 58785 - 58791 - 58874

1 SEMANA em LONDRES
SÓ abreu
LHE OFERECE ESTAS VANTAGENS:
1) PARTIDAS AOS DOMINGOS (TODOS OS DOMINGOS ATÉ OUTUBRO)
2) MODERNOS JACTOS «TRIDENT»
3) CHEGADAS E PARTIDAS AO AEROPORTO CENTRAL DE LONDRES (HEATHROW)
4) MELHORES PREÇOS
5) A TRADICIONAL QUALIDADE abreu
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
FUNDADA EM 1840
LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27001/27002

Continuação da pág. 13

O CASO DA HERANÇA SOMMER

mais novo, mais corajoso, de visão mais larga, não obstante o decurso da Guerra Mundial, e as dificuldades dali decorrentes, usou, por si, do prestígio e posição decorrentes do exercício das suas funções de Director Delegado da Empresa de Cimentos de Leiria, e negociou, e alcançou, com notável visão, a aquisição da fábrica da «Matola».

Na Assembleia Geral Ordinária da Empresa de Cimentos de Leiria, que teve lugar em 29/3/1958, o próprio meu constituinte, sr. António Champalimaud, teve ocasião de pronunciar-se, com extraordinária clareza, sobre as dificuldades que houve que enfrentar na realização desse empreendimento.

Não resisto a ler a V. Exas. alguns passos das suas afirmações — para que V. Exas. mesmo possam aprender, como começou efectivamente a processar-se a gigantesca obra empresarial, cuja importância, alcance e utilidade para a indústria nacional, o decurso dos anos viria tão expressivamente a documentar.

E não só por isso.

Para demonstrar também que, decidida pela Direcção da Empresa de Cimentos de Leiria a aquisição da Matola, não teria sido possível alcançar-se solução para os problemas económicos e financeiros dali decorrentes sem a efectivação dos empréstimos bancários a que vou de seguida fazer referência.

Empréstimos bancários, que se entroncariam uns nos outros como solução inteligentemente concebida para os financiamentos e investimentos exigidos pela grandeza da empresa que já então se projectava.

Dizia António Champalimaud, nessa assembleia Geral de 1958:

«Estava-se em meados de 1944. Henrique de Sommer havia falecido em 28 de Março último. Surgiu então o conhecimento de que o Banco Nacional Ultramarino estaria definitivamente na disposição de vender a fábrica de Cimentos que tinha em Lourenço Marques. As informações sobre a mesma eram limitadíssimas só se sabendo de concreto que a sua produção orçava pelas 20 mil toneladas anuais, que o seu estado de conservação era muito mau e que os jazigos de matérias primas estava prestes a findar.

Não havia carreiras de aviões, não havia telefones, não tinha a Empresa de Cimentos de Leiria um único conhecimento válido em Lourenço Marques, sendo impossível, portanto, obter mais informações no curtíssimo espaço de tempo que o Banco Nacional Ultramarino nos dava para decidir sobre o nosso interesse pela operação da compra da Fábrica.

A breve trecho e com **concorrência com o grupo suísso** que tem grandes interesses na indústria do Cimento na Africa do Sul, foram-nos dados 8 dias para entregar uma proposta que, efectivamente, veio a ser formulada, devendo nos 8 dias subsequentes, o Banco Nacional Ultramarino dar uma resposta definitiva.

As condições da operação indicavam o pagamento a pronto, contra a recepção da Fábrica e a entrega de 10 por cento de acções da Companhia que, obrigatoriamente, o comprador devia constituir dentro de determinado prazo para explorar a referida fábrica.

Consultados os bancos que trabalhavam com Cimentos de Leiria e Cimentos Tejo, todos se recusaram a prestar qualquer concurso para realização da operação.

E que é preciso não confundir quer a Africa, quer os Cimentos de Leiria e os Cimentos Tejo, de 1958 com o que eram em 1944, ano em cujo balanço os lucros reais e as amortizações efectuadas em ambas as companhias se situam entre os 5 a 6 mil contos e cujo passivo, a curto prazo ascendia a 62 mil contos.

O mercado encontrava-se ávido de cimento, mas mesmo assim, a Liz não conseguiu produzir mais do que mais ou menos 180 mil toneladas e a Tejo mais ou menos 65 mil toneladas.

Era raro poder pagar-se uma letra sem grandes reformas, num monumento em que a guerra durava já há cinco anos e que por ter levado ao esgotamento total de «stocks» de produtos laborados de peças de reserva, de material de embalagem e de combustíveis, seria natural, que simultâneamente se tivesse operado uma transferência para meios de tesouraria dos bens que não tinham sido substituídos, actualizados ou reintegrados.

Mas na indústria das companhias em causa, por motivos diversos, não só se tinha conseguido durante a guerra a prosperidade que as principais indústrias tinham conhecido, como a uma situação de penúria fabril não correspondia desafogo financeiro para que, com o advento da paz, se pudesse substituir, reintegrar e actualizar industrialmente, o que durante os cinco anos de guerra se havia perdido quer em bens materiais do activo, quer em posição industrial.

Recusado, como se disse, qualquer concurso para a efectivação de operação da compra da Matola por parte dos banqueiros da casa, conseguiu-se, contudo, resolver a situação mediante o recurso a um banco da família da minha mulher com a qual a empresa de Cimentos de Leiria não tinha relações comerciais e ao aval do meu sogro.

Isto é, a transacção da Matola, não só foi concebida e realizada inteiramente por mim, em campo de actividade absolutamente estranho para Empresa de Cimentos de Leiria, mas também só se tornou possível financeiramente devido à minha intervenção pessoal com a qual facultei à Empresa de Cimentos de Leiria os necessários recursos.

De facto tenho obtido, pessoalmente, nas condições atrás expostas, um crédito de 25 000 contos, facultei-o à Empresa de Cimentos de Leiria para ela realizar o negócio por mim concebido, preparado e depois inteiramente realizado.

Deste modo, realizou-se um contrato de financiamento no valor de 25 000 contos que continha uma cláusula que tornava obrigatória a sua liquidação no momento em que fosse realizado o capital da companhia que, por imposição do Banco Nacional Ultramarino se deveria formar em prazo determinado e que seria a proprietária da Matola.

Ainda em plena guerra segui para Lourenço Marques a bordo do «Angola» a 21 de Outubro e ali cheguei em 25 de Novembro seguinte, acompanhado do eng.º Granger, falecido em fins do ano passado. Imediatamente procedi com a maior rapidez às diligências para a tomada da fábrica e por indicações telegráficas que enviei de Lourenço Marques, pagou-se em Lisboa, a 27 desse mesmo mês de Novembro, ao Banco Nacional Ultramarino a importância da compra.

Tratei sem descanso do que era necessário fazer para pôr de pé a desmantelada fábrica e logo, em 9 de Janeiro seguinte, reconhecendo o que a economia da colónia viria a solicitar de nova indústria, requeri a autorização para instalação duma nova fábrica na Beira, tendo-se também dado todos os passos necessários para a efectivação desta ideia que veio a tornar-se uma realidade em 11 de Abril de 1951, com o arranque da Nova Maceira.

Isto disse-o, em termos claros, António Champalimaud na Assembleia Geral de 25/3/958.

A aquisição da Matola importava, pois, como V. Exas. ouviram, pesados encargos: o preço de 20 000 000$00, acrescido ainda do pagamento, quer de matérias-primas e de consumo, quer do valor de outros produtos oportuna e devidamente relacionados, e que ainda alcançaram a elevada verba de 3 709 879$70.

O EMPRÉSTIMO DA EMPRESADECIMENTOSDELEIRIA NO TOTTA

A Empresa de Cimentos de Leiria, em 14/9/1944, viria a sinalizar o contrato assim concluído, com a prestação de 1 000 000$00.

A necessidade de efectivar o pagamento da restante parte do preço da venda, e dos demais encargos, face à falta de disponibilidades por parte da empresa, conduziu esta, nas condições já expostas, a contrair o empréstimo na casa bancária «José Henriques Totta, Lda.», até à quantia de 25 000 000$00, em que figuraria também como responsável a Companhia Cimento Tejo e, como fiador e principal pagador, a firma «Sociedade Geral do Comércio, Indústria e Transportes, Lda.», que se vinculou pela assinatura do próprio D. Manuel de Melo.

O contrato foi afirmado em 27/11/1944, e com o dinheiro assim obtido, a Empresa de Cimentos de Leiria pagou ao Banco Nacional Ultramarino:

O prazo fixado para a entrega da fábrica explica e justifica a deslocação que António Champalimaud efectivou a Moçambique, com partida em 21/10/1944 e ali, em 21 de Dezembro, pelas 7 horas, tal entrega teve efectivamente lugar à Empresa de Cimentos de Leiria, representada por António Champalimaud.

Ora, o empréstimo do «Totta» fora concedido pelo prazo de 6 meses, embora prorrogável, e foi efectivamente concedida uma primeira prorrogação, que dilatou a obrigação do pagamento por parte da Empresa de Cimentos de Leiria, para 27/11/1945.

Mas a Empresa de Cimentos, a solicitar o empréstimo, pela premência do pagamento do preço de aquisição da «Matola», tinha naturalmente todo o interesse em obter fundos e em liquidar ao banco.

A 9.ª EMISSÃO DA EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Para tal fim, a Empresa de Cimentos de Leiria buscou a angariação do capital necessário através duma nova emissão de acções — a chamada «nona emissão» — que elevou o capital da Empresa de Cimentos de Leiria, de 24 000 contos para 50 000 contos.

Vencia-se, entretanto, em 27-11-45, o crédito de José Henrique Totta, e era conveniente e necessário liquidá-lo, tanto mais que o respectivo pagamento estaria assegurado pela cobertura das acções da nova emissão.

Enuncio toda esta série de factos e deligências, para que melhor se alcance que a actividade de António Champalimaud se desenvolvia a nível de direcção empresarial, em termos absorventes, não lhe sobrando, pois, o tempo, para andar a preocupar-se com os problemas e pormenores dos actos que eram praticados por seus irmãos, em inteira liberdade de actuação e decisão, e que estes no processo se permitiram vir dizer que eram todos comandados por António Champalimaud.

Então António Champalimaud não tinha coisas muito mais importantes de que se ocupar?

Mas há outro aspecto a considerar.

A verdade é que, a actividade que tinha necessariamente de preceder o lançamento da 9.ª emissão de acções, impediria que o pagamento do débito da Empresa de Cimentos de Leiria à Casa Bancária «Totta» viesse a ser liquidado, através do produto da subscrição das acções da «9.ª emissão», na data o seu vencimento, 27 de Novembro de 1945.

A acta da reunião da direcção da Empresa de Cimentos de Leiria, que teve lugar em 5/12/1945, dá explicação da solução que foi encontrada para a liquidação ao «Totta», do empréstimo dos 25 000 contos.

Nesta acta, podem V. Exas. ler o seguinte:

«**Tendo expirado em 27 de Novembro p.p. o prazo para a liquidação do empréstimo de 25 000 contos concedido à empresa, em participação com a Companhia Cimento Tejo, para a aquisição da Fábrica da Matola**, e não existindo ainda em caixa importância necessária para a liquidação do saldo, por o pagamento da subscrição para a nova emissão terminar só no fim do corrente mês, aceitou-se o oferecimento do senhor director-delegado António Champalimaud de efectuar de sua conta o pagamento à firma José Henriques Totta, Lda. da importância de 20 000 contos (vinte mil contos) para liquidação do referido empréstimo, quantia que será creditada àquele senhor na sua conta com a empresa. **Esta fica muito reconhecida ao senhor António Champalimaud por lhe ter facilitado a liquidação da referida operação**».

Ora, como é que António Champalimaud obtivera os 20 000 contos, que lhe permitiram pagar ao Banco Totta o débito de igual quantia da Em-

Continua na pag. 16

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONCESSÃO DE LICENÇAS PARA A EXPLORAÇÃO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS NA AEROGARE DO AEROPORTO DO FUNCHAL

1. — Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 22 de Maio de 1973, no Aeroporto do Funchal e perante a comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para a concessão de licenças para a exploração de estabelecimentos comerciais na aerogare do Aeroporto do Funchal.

2. — Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de Esc: 2 000$00 (DOIS MIL ESCUDOS), na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou nas suas filiais, à ordem da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Aeroporto da Madeira —, até às 15 horas da véspera do dia do concurso, mediante guia passada pela Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, ou pela Secretaria do mesmo Aeroporto, no Funchal.

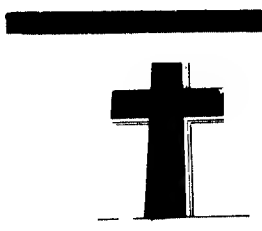
3. — O depósito provisório pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Aeroporto da Madeira —, devidamente aceite pelo Ministério das Finanças.

4. — O depósito será de Esc: 30 000$00 (TRINTA MIL ESCUDOS) para o estabelecimento «A» e Esc: 20 000$00 (VINTE MIL ESCUDOS) para os estabelecimentos B, C, D e E.

5. — O programa do concurso e o Caderno de Encargos relativos à concessão, poderão ser consultados ou adquiridos, durante o prazo do concurso, na Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, sita na Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, ou na Secretaria do Aeroporto do Funchal.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 26 de Abril de 1973.

O DIRECTOR-GERAL
Eng.º Victor Veres



DAVID FERNANDES DE SOUSA

F A L E C E U

Sua esposa, filho, mãe e restante família participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 h., da Igreja dos Jerónimos para o cemitério da Ajuda. Às 10,30 horas será celebrada missa de corpo presente.

A Funerária da Boa Hora

ENGENHEIRO MANUEL AMARO VIEIRA

MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

Dora Alcântara de Almeida Vieira, Maria Manuela de Almeida Vieira de Andrade Rocha, João Andrade Rocha e filhos, irmãs e mais família participam que amanhã, dia 3, será celebrada missa pelo eterno descanso de seu marido, pai, sogro, avô, irmão e parente, na Capela de Monserrate (Jardim das Amoreiras) pelas 19.15 h, agradecendo desde já a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto.

MORADIAS VENDEM-SE NA ZONA DE CASCAIS

ÓPTIMAS MORADIAS COM 5, 7 e 9 ASS., EM LOCAL DE GRANDE VALORIZAÇÃO E LINDA VISTA.

PREÇOS: DESDE 650 CONTOS

TRATA: **BARAONA & BARAONA, LDA.**

Mediador Oficial

AV. VALBOM, 28 - 1.º

Telef. 280749 — CASCAIS

DL/ESTRANGEIRO

ESCÂNDALO WATERGATE

Ainda longe da verdade

WASHINGTON, (F. P. e R.) — 2. A imprensa americana concorda em reconhecer que o presidente Richard Nixon enveredou pelo bom caminho, ao declarar assumir a responsabilidade do escândalo de Watergate, mas os editorialistas salientam também, com um cepticismo mais ou menos marcado, que se está ainda longe da verdade e da restauração da autoridade do presidente dos Estados Unidos».

O «Wall Street Journal», representante dos meios financeiros, diz que a Casa Branca deve tornar-se menos hospitaleira para os homens de concepções estreitas». A escolha dos colaboradores da Casa Branca, acrescenta o jornal, levanta o problema da confiança que o presidente, no seu «isolamento», pode ter nos que o rodeiam, e é caso para perguntar «em quantas outras ocasiões» ele se terá enganado também. «Mesmo após as demissões e do discurso presidencial, continuam muitas perguntas de pé», declara o jornal financeiro.

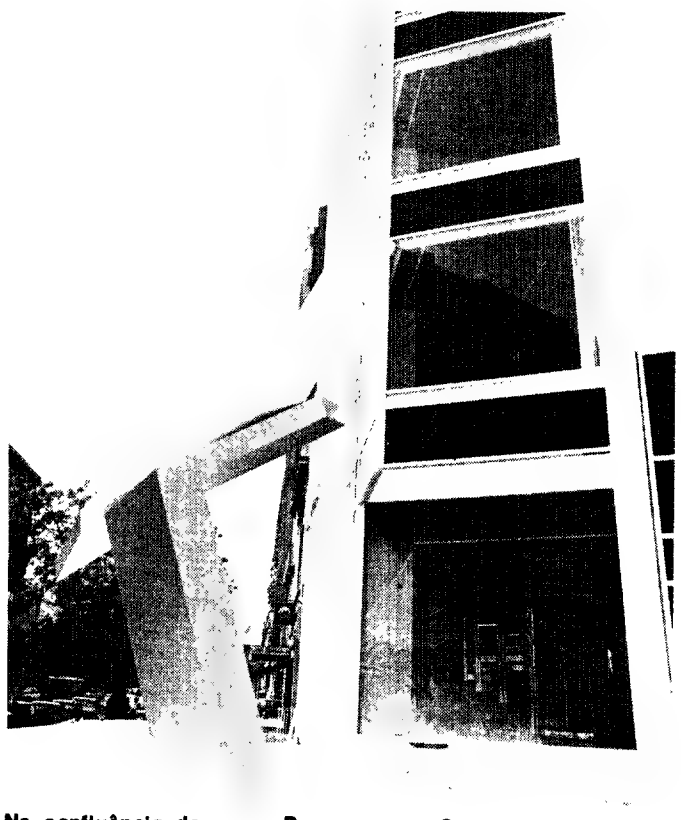
Para o «Washington Post», liberal, Nixon, «limitou-se a satisfazer as exigências mínimas da opinião e dos meios políticos». Tudo se passa, acrescenta o jornal da capital, como se o presidente procurasse «o nível de tolerância da opinião pública que lhe permita um mínimo de concessões.

Para o «Evening Star-News», jornal conservador da capital, geralmente favorável a Nixon, «ha ainda muito a fazer» e o problema de Watergate está longe de desaparecer.

No seu discurso, o chefe do executivo pediu ao país «para lhe dar uma nova oportunidade», mas «poucos homens e ainda menos presidentes, podem obter uma segunda oportunidade», e não são os «barões políticos arrogantes» que o rodeavam que teriam estado dispostos a conceder uma segunda oportunidade aos seus adversários, comenta o «Star-News». Mas, prossegue o jornal, «o presidente humilhou-se, e nós não gostaríamos de o ver mais humilhado.

Por seu turno, o «Sun», de Baltimore, escreve que Nixon «deu um primeiro passo no sentido da restauração da integridade da Casa Branca». Mas, «se a confiança do público não se renovar» e se o presideme «permanecer pessoalmente suspeito», «a força moral e a eficácia necessária para atingir os grandes objectivos faltar-lhe-ão».

O DISCRETO ENCANTO DA NOVA LOJA DAS MEIAS



Na confluência das ruas Braancamp e Castilho, aberta sobre uma notável escultura de formas puras, a nova Loja das Meias é um marco da moda e do requintado bom gosto

Em Lisboa, a moda habita a Loja das Meias.

É aí que no princípio de cada estação se vai ver o que se irá usar, se vai viver o que de melhor se poderá vestir durante esse período.

E se a moda é efémera, a Loja das Meias cuida de se eternizar na memória de gerações diferentes que aprendem a conhecer o significado de cada peça de vestuário, de cada objecto ou perfume que aí adquirem. É que tudo transporta uma marca de bom gosto dificilmente igualável.

Mas a Loja das Meias para se eternizar, actualiza a sua imagem. E sem deixar o Rossio, antigo centro de Lisboa, abriu mais uma Loja numa rua que está mais próxima dos novos eixos da vida comercial da cidade e num edifício de notável arquitectura.

Referimo-nos à Rua Castilho e ao Edifício Castil.

É aí que, olhada pelas formas puras de uma notável escultura da autoria de Conduto, a Loja das Meias se desenvolve por três andares, num ambiente de inexcedível bom gosto. Ambiente que sublinha no infinito o reconhecido valor do que só a Loja das Meias sabe oferecer e propor a quem sabe o que é moda.

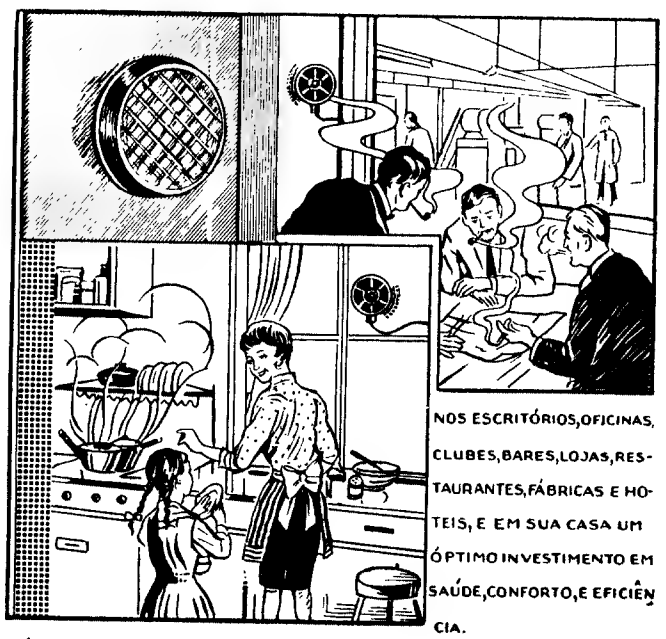
Os seus diversos sectores cresceram e requintaram-se, como se a lei da vida lhes impusesse um gosto ainda mais adulto, um gosto ainda mais internacional e civilizado.

A Loja das Meias, que já era padrão da moda no Rossio, é agora um monumento à moda. Um monumento de moda que entrou irremediavelmente na geografia da cidade.

Em AZEITÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é venddio por José Augusto Sacramento & Filhos, Ld.ª

Vent-Axia

RENOVA O AR QUE VOCÊ RESPIRA



☆ Milhares de exaustores "Vent-Axia" montados em Portugal comprovam as suas incomparaveis caracteristicas técnicas
☆ Pessoal técnico especializado
☆ Assistência assegurada

Representantes:
SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA
Av. dos Aliados, 168-A - PORTO
Rua Filipe Folque, 7-E - LISBOA

Revendedor autorizado:

CASA JOSÉ COSTA

RUA DE S. PAULO N.º 11 — LISBOA

XYLOFENE

Preservação com garantia

ESTAÇÕES LICENCIADAS XILOFENE PARA TRATAMENTO DE MADEIRAS:

ABRANTES-Construtora Abrantina, Lda.
ALCÁCER DO SAL-Construções A. Supico, Sarl.
ALHANDRA-Abílio Silva, Lda.
BEJA-Joaquim Raul Chaínho
BENAVENTE-Sociedade de Madeiras do Ribatejo, Lda.
BRAGA-Custódio Joaquim Barbosa & Filhos Lda.
FARO-Carmo & Braz, Lda.
FIGUEIRA DA FOZ-Alberto Gaspar & Ca. Lda.
FUNDÃO-Serração e Móveis do Fundão, Lda.
LISBOA-Serração Mecânica de Construções Modernas, Lda. e
-Empresa Industrial de Madeiras, Lda.
LOUSÃ-Viuva de Joaquim Fernandes de Almeida, Lda.
MANTEIGAS-Serração e Carp. Mecânica de S. Pedro de Manteigas, Lda.
MARINHA GRANDE-Serração Mecânica Marinhense, Lda.
MONCHIQUE-Júlio & Patrocínio, Lda.
PORTO-Empresa Anglo Portuguesa de Madeiras, Lda.
RIO MAIOR-Sicem, Lda.
SANTIAGO DO CACÉM-Joaquim Raul Chaínho
TOMAR-Manuel Freitas Lopes

Peça informações a:

XILOFENE
Sociedade Portuguesa de Conservação de Materiais, Lda.
Rua Damasceno Monteiro, 42 - 2º LISBOA Telef: 372646

Continuação da pág. 14

presa de Cimentos de Leiria e Tejo, ao mesmo banco?

O caso da herança Sommer

O EMPRÉSTIMO DE ANTÓNIOCHAMPALIMAUDNO TOTTA

António Champalimaud, efectivamente, solicitara, e obtivera, na casa bancária «José Henriques Totta, Lda.», a concessão de um crédito em conta corrente, até à quantia de 15 500 000$00 por contrato de 26 de Novembro de 1945.

A data da obtenção do crédito, em conjugação com a data em que deveria efectivar-se a subscrição das acções da «9.ª emissão» da Empresa de Cimentos de Leiria, a data da obtenção, a data do contrato 26 de Novembro , em conjugação com a data da subscrição das acções da 9.ª emissão da Empresa de Cimentos de Leiria de 26 a 30 de Novembro , em conjugação ainda com a data do vencimento do débito da Empresa de Cimentos de Leiria no Totta, permite, compreender, na verdade, como se procurou a solução mais ajustada para o conjunto de todos estes factores.

Portanto, um dos objectivos nitidamente visados por António Champalimaud ao obter o empréstimo, seria alcançar capital para participar na subscrição das novas acções da nona emissão da Empresa de Cimentos de Leiria.

Compreende-se o seu interesse pessoal na subscrição, já que o aumento de capital, visava exactamente cobrir os encargos resultantes de uma arrojada iniciativa sua, e em que ele e só ele punha a fé e a confiança, que o tempo viriam inteiramente a justificar.

Mas uma emissão de 260 000 acções, ou seja, de acções em número àqueles que ao tempo existiam 240 000 implicava que António Champalimaud tivesse também justificado interesse, em que quer os seus familiares quer a «Casa Sommer», quer os seus amigos, utilizassem todos os direitos preferenciais, que na «9.ª emissão» lhes eram reconhecidos, pois se tal não acontecesse, a concentração de maior número de acções do que aquelas que eles tivessem, em outras mãos, poderia fazer perigar a força accionista, que o conjunto das acções de várias pessoas ligadas por interesses sociais, necessariamente representava.

O crédito alcançado no «Totta», pelo contrato de 26 de Novembro de 1945, era como uma indispensável ajuda a todos, para a efectiva subscrição, que para todos parecia obviamente aconselhável.

Mas para alcançar o crédito no «Totta», mesmo com a ajuda de D. Manuel de Melo, António Champalimaud teria de caucionar o empréstimo solicitado.

E para esse fim, e para esse efeito, que António Champalimaud, obtém de todos os interessados na subscrição seus irmãos, mãe e «Casa Sommer» acções próprias de cada um, para, conjuntamente com as dele, caucionar o empréstimo bancário dos 15 500 000$00 que o «Totta» lhe concedeu, e de que viriam a beneficiar, todos os irmãos, sua mãe, a Casa Sommer, e ainda outros, já que, sem o dinheiro proveniente do empréstimo do Totta, não poderiam, nenhuma delas, fazer face aos encargos decorrentes da aquisição das acções da 9.ª emissão.

Tratou-se de um financiamento bancário que teve vários beneficiários e por isso cada um deles entrou com a quota parte de acções.

Não seria lógico nem justo que, destinando-se a obtenção do empréstimo a financiar também os familiares atrás referidos, só António Champalimaud suportasse os encargos decorrentes da operação.

Entre as acções cuja entrega foi feita a José Henriques Totta, utilizou, António Champalimaud, por empréstimo de suas tias, as acções que tendo sido de Henrique Sommer haviam passado à propriedade de D. Maria Luisa e D. Albana, as quais emprestaram não só essas, que haviam sido de Henrique Sommer, mas também outras mais que possuiam.

O empréstimo das acções por D. Maria Luisa e D. Albana, foi aliás testemunhalmente confirmado durante o decurso deste julgamento.

Após ter citado os depoimentos das testemunhas de defesa, António Lima Bayard, José Cruz Silva, dr. Fernando Cruz e José Pedro Sommer Ribeiro, confirmativos do empréstimo que as sr.as D. Maria Luísa e D. Albana fizeram a António Champalimaud, das acções provindas de Henrique Sommer, o dr. Palma Carlos prosseguiu:

António Champalimaud consegue, pois, e assim, nos termos expostos, prestar à Casa Bancária «José Henriques Totta, L.da», a caução de 27 000 acções da Empresa Cimentos de Leiria, contra cuja entrega o «Totta» concedeu o crédito dos 15 500 000$00, e que foi utilizado por diversos beneficiários, tantos quantos entraram com acções para a caução.

MALEDICÊNCIA DOS ASSISTENTES

Não há nenhuma incongruência entre estes dois factos, que perfeitamente se conciliam: o de D. Manuel de Melo que dominava o «Totta», estar disposto a conceder crédito a António Champalimaud, e o de o «Totta», ao conceder o empréstimo, exigir a prestação de uma caução.

E não há incongruência, porque é comumente sabido, que nenhum Banco ou Casa Bancária pode fazer empréstimos, mormente de montante elevado, sem um mínimo de garantias; mas, mesmo com garantias, os créditos nem sempre são concedidos ou alcançados.

Ainda há pouco disse a V. Ex.ª que quando a Empresa de Cimentos de Leiria e a Companhia dos Cimentos Tejo, junto dos Bancos onde usualmente trabalhavam, pretenderam alcançar um empréstimo com que seria paga a aquisição da fábrica da Matola, nem uma nem outra obtiveram um empréstimo.

É que os empréstimos nem sempre são concedidos ou alcançados.

Portanto, D. Manuel de Melo, autorizando a concessão de um empréstimo, a Casa José Henriques Totta, L.da, autorizando a concessão de um empréstimo, efectivamente poderia fazê-lo, mas, no exercício das actividades bancárias, teria de exigir, como fez, a prestação de uma caução.

Por outro lado, não se esqueçam V. Ex.as que no Totta, estava ainda em débito, à data em que foi pedida a concessão deste empréstimo, estava ainda, ainda por liquidar o débito da Empresa de Cimentos de Leiria e da Companhia dos Cimentos Tejo.

Mas a ajuda de D. Manuel de Melo — mesmo com exigência da caução ao empréstimo, de nenhum Banco poderia prescindir — já podia traduzir-se em outros aspectos não menos importantes, como fossem, por exemplo, o da concessão de um empréstimo correspondente a mais de 90 por cento do valor de bolsa das acções dadas em caução e em consentir que o limite máximo fixado para o empréstimo viesse a ser excedido, quando António Champalimaud solicitou e obteve, do «Totta», que em 29-11-1945, fossem transferidos 20 000 contos desta sua conta caucionada para a conta aberta em nome da Empresa de Cimentos de Leiria, em consequência do empréstimo por esta solicitado em 27-11-1944.

Quer dizer.

V. Exas. vêem que o contrato caucionado do Totta de 26-11-45 era um contrato caucionado até 15 500 contos e, no entanto, a primeira entrega que o Totta faz por conta desse empréstimo não são 15 500 contos mas 20 000 contos.

Entretanto, se eu fiz esta referência é para responder à maledicência dos assistentes neste processo, que no seu MEMORIAL de fls. 7 736 escreveram o seguinte:

«Como se vê, apesar de ser genro do dono do Banco «Totta» o arguido carecedor de recursos financeiros para chegar ao domínio total da Empresa de Cimentos de Leiria — isto é de um espírito delirante — não consegue do sogro um tostão de empréstimo que não seja mediante a prestação de fortes garantias».

Porque é que os srs. Assistentes não fizeram estas contas para verificar que a importância do empréstimo excedeu até o valor de bolsa das acções?

Porque é que os assistentes não comediram mais uma vez a língua, já que tão pouco a comediram no decurso do processo?

Quem sabe mesmo se D. Manuel de Melo não teria imposto, como condição para a bertura do crédito dos 15 500 000$00 que o crédito anterior, a favor da Empresa de Cimentos de Leiria, até ao valor de 25 000 contos, fosse correlativamente extinto?

O que é certo é que, António Champalimaud, obtido que teve o crédito no «Totta», consegue, através da respectiva conta, que lhe sejam creditados 20 000 contos, que logo — em 29 de Novembro — manda transferir a crédito da Empresa de Cimentos de Leiria, (e a débito, portanto, da sua conta pessoal caucionada no «Totta»), para extinguir o débito da Empresa de Cimentos de Leiria, ao «Totta», — aproventando esse pagamento ou transferência — verdadeira subrogação —, para ser creditado na Empresa de Cimentos de Leiria, pela mesma quantia que à Empresa de Cimentos de Leiria abonara: 20 000 000$00.

E é através do crédito de que assim fica detentor na Empresa de Cimentos de Leiria, que António Champalimaud é debitado, logo também em 30 de Novembro, pelas quantias correspondentes às acções da «9.ª emissão», subscritas quer por ele próprio, que por «Sommer e C.ª, L.da», quer por sua mãe e seus irmãos.

OS BENEFICIÁRIOS DO EMPRÉSTIMO TOTTA

António Champalimaud, portanto, é que obteve do «Totta» o financiamento que possibilitou a todos, a subscrição na 9.ª emissão: adiantando a «Sommer e C.ª L.da os 3 800 000$00, para que esta pudesse subscrever acções da «9.ª emissão» da Empresa de Cimentos de Leiria, e pagando integralmente as acções subscritas por sua mãe, seus irmãos e pela própria cunhada Maria Madalena, esposa de seu irmão Henrique.

Ora, as 27 000 acções que caucionaram a operação foram entregues no Totta em 3 sucessivos lotes, nas datas respectivamente de 27, 28 e 29 de Novembro de 1945.

Ali entraram, pois, acções das sr.as D. Maria Luísa e D. Albana, que elas haviam recebido, das acções provindas de Henrique Araújo Sommer.

Por isso, é que eu disse atrás que as referidas sr.as, D. Maria Luísa e D. Albana, em fins de Novembro de 1945 haviam emprestado a António de Sommer Champalimaud as acções provindas de Henrique Sommer.

CARLOS CHAMPALIMAUD SUBTRAÍU VÁRIOS PAPÉIS

Do empréstimo contraído or António Champalimaud no Banco Totta, caucionado, em parte, com as acções da Empresa de Cimentos de Leiria que suas tias lhe emprestaram, o jr. Palma Carlos passou a outro assunto: o do empréstimo de 1 000 das acções provindas de Henrique Sommer, empréstimo concedido por D. Maria Luísa à sociedade Montez Champalimaud, L.da.

A propósito deste tema, diria o dr. Palma Carlos: vários documentos dos autos, dão notícia de que a sr.ª D. Maria Luísa ter efectivamente levantado da Casa Sommer, em data anterior a 30-5-44, 1 000 das 2 622 acções ao portador, que haviam sido de Henrique Sommer, para as emprestar a Montez Champalimaud, para Montez Champalimaud perfazer o total das 10 000 acções da Empresa de Cimentos de Leiria, que tinha que entregar como caução no Crédit Franco Portugais.

Referenciarei a V. Exas. esses documentos:

— A nota das acções da Empresa de Cimentos de Leiria pertencentes à D. Maria Luísa Araújo Sommer, e a esta dirigida.

Nessa nota das acções da sr.ª D. Maria Luísa, faz-se referência a 1 000 acções levantadas por ordem de D. Maria Luísa e entregues «conforme sua carta de 23-5-44»;

— A carta de 8-6-44, e dirigida por Montez Champalimaud a D. Maria Luísa dando em seu poder 1 000 acções ao portador «que V. Ex.ª nos cedeu por empréstimo para reforço de caução de um crédito aberto a nosso favor no Crédit Franco Portugais».

Evidentemente que os assistentes, pejariam os autos com suspeições sobre a circunstância de, esta carta de 8-6-44, haver apenas sido junta em cópia, e não em original.

O sr. dr. Eridano de Abreu voltaria a lançar a mesma indefinível suspeição sobre a carta nas suas alegações finais produzidas nesta audiência, — salientando a circunstância de a carta da sr.ª D. Maria Luísa para Sommer, de 23-5-44, referida na nota a que à pouco aludi, não ter sido encontrada em Soommerr.

m, o que razoável, de correntio e de normal, se pode encontrar, quer no facto de a carta de D. Maria Luísa para Sommer não haver sido encontrada, quer no facto de também não haver sido encontrado o original da carta de Montez Champalimaud L.da para D. Maria Luísa.

A carta de D. Maria Luísa para Sommer dirigida a esta sociedade, tinha como local próprio de arquivamento os arquivos de Sommer.

Sabemos que, quando, de surpresa, Carlos Champalimaud iniciou as suas ofensivas contra António, no ano de 1957, foi exactamente ele, Carlos Champalimaud, quem dominava Sommer, e quem a dominou até princípios de Junho de 1962, vésperas da Assembleia Geral, como V. Ex.as sabem.

E assim desde 1957, inicío das ofensivas de Carlos Champalimaud, até 8 de Julho de 1962, quem tinha o domínio da Casa Sommer era Carlos Champalimaud.

De Sommer, Carlos Champalimaud levou necessariamente, como tenho dito, o dossier herança; mas levou, confessado por ele, muitos outros numerosos documentos.

Ainda na sessão de julgamento de ontem, citei as declarações de Carlos Champlimaud, produzidas na sessão de julgamento de 4-11-70 em que ele confirmou que «quando deixou de ser gerente de Sommer e C.ª, L.da trouxe vários papeis e documentação referentes a processos e outros».

Quer dizer, nessa altura, além de oferecer a apreensão da escrita de Sommer para as mãos do dr. José Francisco Viegas, como também referi numa das primeiras sessões de julgamento — Carlos Champalimaud fez mais: no momento em que deixou de ser gerente de Sommer, subtraíu de Sommer vários papéis, documentação referente a processos e outros.

Ainda ontem, quando decidi fazer também esta citação, referi exactamente as 64 acções da Companhia Cimento Tejo, que ele também levou com os mais pepéis que levou.

TÉCNICA E TÁCTICA DE SUSPEIÇÕES

Carlos Champalimaud, portanto, terá levado também a carta de D. Maria Luísa de 23-5-44. Convinha-lhe o seu desaparecimento, à sua técnica e táctica de suspeições.

Efectivamente, se a carta da sr.ª D. Maria Luísa, dirigida a Sommer, tinha necessariamente de estar em Sommer, se não aparece em Sommer, quem tinha efectivamente à data em que surgem estes problemas a documentação de Sommer em seu poder, é que a pode ter feito desaparecer.

Portanto, Carlos Champalimaud levou a carta de 23-5-44 da sr.ª D. Maria Luísa, que de-

Continua na pág. 21

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

ALCATIFAS	TELEVISORES	MÁQUINAS DE LAVAR	CANDEEIROS
MOBÍLIAS	GRAVADORES	FOGÕES	ASPIRADORES
MAPLES	GIRA-DISCOS	ESQUENTADORES	ENCERADORAS
PAPÉIS DECORATIVOS	ALTA FIDELIDADE	FRIGORÍFICOS	FRITADEIRAS

E TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS

M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 18-A

Contrato colectivo dos empregados bancários

O Tribunal Arbitral para o Contrato Colectivo dos empregados Bancários considerou ilegais as disposições da contraposta gremial, que viriam a prejudicar, se fossem aceites, o mapa de densidades e o regime sindical das promoções automáticas. Também ficou assente que devem ser excluidas do objecto do litígio as cláusulas da contraproposta que ofendam os direitos estabelecidos no actual Contrato Colectivo de Trabalho, assim como as que desrespeitam normas imperativas da Lei ou a cláusula 70.ª do mesmo contrato.

O Tribunal, que ainda está, pràticamente, no início da sua missão, admitiu, no entanto, à discussão, um dos pontos mais contestados pelo Sindicato dos Bancários: exactamente o que trata do trabalho eventual e que, segundo o organismo representativo dos trabalhadores, a ser praticado, afectaria sèriamente as condições de emprego, e segurança de emprego, dos trabalhadores bancários.

TELEFONES

-MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA
-MELHOR PREÇO

JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª,L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

Novo produto para DEIXAR de fumar

Recomendadas por distintos médicos portugueses, as drageias «FUMANO» eliminam eficazmente a necessidade de fumar e são inofensivas. Preço a pronto 375$00, ou em 2 mensalidades de 200$00 cada. Pedir o produto a cobrança ou folhetos elucidativos grátis aos únicos distribuidores: Zemig - Departamento Distribuidor.
Estabelecimento: Rua de S. Dinis, 594 — PORTO — Telef. 67272.

LEIA motor

APARENTEMENTE NÃO HÁ NENHUMA RELAÇÃO ENTRE UM POLÍCIA INGLÊS E UMA FOTOCOPIADORA

3M

PARA NÓS HÁ!
EQUIPÁMOS AS 180 ESQUADRAS DA POLÍCIA METROPOLITANA DE LONDRES COM FOTOCOPIADORAS 191

Envie-nos este cupão. Será visitado por um dos nossos Vendedores para uma demonstração gratuita e sem compromisso.

MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA.
R. do Conde de Redondo, 98-102 — Tel. 53 55 36 - 53 66 09/20 LISBOA - 1
Alameda Eça de Queirós, 82 r/c — Tel. 49 81 04 — PORTO

Nome .....
Companhia .....
Morada ..... Telefone

— Copia livros, documentos, objectos, etc.
— Simples de utilizar;
— Executa matrizes para Offset;
— Corta ao tamanho do original;
— Produz cópias em frente e verso e em papel de cor.

3M

BEJA — 26 e 27 DE MAIO DE 1973

EXPOSIÇÃO NUMISMÁTICA E FEIRA DA MOEDA

PODER ACADÉMICO E PODER POLÍTICO

CONCURSOS PARA ADMISSÃO DE MÉDICOS DOS QUADROS CLÍNICOS DAS INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA

Estão abertos de 2 a 21 de Maio de 1973 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Av. Dr. Lourenço Peixinho, 110 AVEIRO	Águeda	Pediatria
	Avanca	Clínica Médica
	Aveiro	Estomatologia Pediatria
	Oliveira de Azemeis	Clínica Médica
	Vila da Feira	Otorrinolaringologia
	St.ª Maria de Lamas	Cirurgia
	S. João da Madeira	Pediatria
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Braga Av. Marechal Gomes da Costa, 491 BRAGA	Barcelos	Ginecologia Obstetrícia
	Braga	Ginecologia Obstetrícia
	Fafe	Ginecologia Obstetrícia
	Gerez	Clínica Médica
	Guimarães	Ginecologia Obstetrícia
	Queimadela	Clínica Médica
	Ribeira	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Bragança Praça Dr. Cavaleiro de Ferreira BRAGANÇA	Espinhosela	Clínica Médica
	Freixo de Espada à Cinta	Clínica Médica
	Mirandela	Clínica Médica
	Serra da Nogueira	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viana do Castelo Largo 5 de Outubro, 69 VIANA DO CASTELO	Viana do Castelo	Oftalmologia
	Vila Franca	Clínica Médica
Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia União Fabril e Empresas Associadas R. D. Francisco Manuel de Melo, 5 LISBOA	Central de Lisboa	Oftalmologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Rua Infante D. Henrique, 34-1.º FARO	Portimão	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito da Guarda Palácio das Corporações GUARDA	Gonçalo	Clínica Médica
Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios Av. João Crisóstomo, 67 LISBOA-I	Covilhã	Estomatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Av. Heróis de Angola, 59 LEIRIA	Valado de Frades	Clínica Médica
	Turquel	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Portalegre Rua de Olivença, 33 PORTALEGRE	Nisa	Cirurgia Estomatologia Obstetrícia Oftalmologia Otorrinolaringologia Pediatria Psiquiatria
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Largo do Milagre, 49 SANTARÉM	Mação	Estomatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO	Póvoa de Varzim	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa Av. Estados Unidos da América, 39 LISBOA-I	Área de Lisboa	Estomatologia
	Loures	Estomatologia
	Queluz	Cirurgia Pediatria
	Sintra	Ginecologia Obstetrícia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viseu Av. 28 de Maio, 31 VISEU	Viseu	Estomatologia
	Pinheiro de Lafões	Clínica Médica

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18, do dia 21 de Maio de 1973, na Inspecção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos, n.º 37-5.º, Esq.º, Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 16 de Maio de 1973.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

"Diminuiu a investigação no Ultramar"

A propósito da notícia que publicámos sob o título «Diminuiu a investigação no Ultramar», recebemos do presidente da Junta de Investigações do Ultramar, dr. Justino Mendes de Almeida, a seguinte carta:

«No jornal de 27 do corrente, de que V. é mui ilustre director, foi publicada na página 19 uma notícia sob o título «Diminuiu a investigação no Ultramar», que nos parece merecer informação adicional, a fim de os leitores do «Diário de Lisboa» ficarem elucidados acerca da expansão das actividades científicas no Ultramar.

Os inventários do potencial científico e tecnológico que têm vindo a ser publicados pelo Ministério do Ultramar quantificam os recursos financeiros e a mão-de-obra absorvidos em actividades científicas e tecnológicas (ACT) praticadas no e para o Ultramar. As ACT definidas pela OCDE e UNESCO englobam além das actividades de investigação e desenvolvimento (ID), as actividades científicas conexas (ACC), que compreendem todas as actividades científicas e tecnológicas que não possuem carácter inovador. Assim, as despesas efectivas são o somatório dos gastos em (ID), e (ACC), que aumentou de 352 529 contos de 1967 para 1970 (ou sejam 97 por cento) a preços correntes, (245 615 contos a preços constantes de 1963 ou sejam 79 por cento).

Efectivamente, em 1970 os gastos em (ID) diminuiram em relação a 1967 de 17 000 contos a preços constantes de 1963 (ainda que hajam aumentado de 6 113 contos a preços correntes), mas os gastos em ACC aumentaram de 351 696 contos a preços correntes (ou sejam 283 por cento) (264 375 a preços constantes de 1963, ou sejam 251 por cento).

O aumento registado foi sobretudo absorvido pelo estudo do meio (geografia, metereologia, geologia, pedologia, fitogeografia, zoogeografia, etc) e dos recursos naturais.

O esforço realizado a favor de ACC revela a adopção de uma política científica de acordo com as solicitações práticas do desenvolvimento económico-social em que se encontra o Ultramar que levaram a Administração a dar prioridade aos estudos de carácter pragmático».

Bolsa de Lisboa

Anuncia a Câmara de Corretores de Fundos Públicos da Bolsa de Lisboa que foram admitidas à cotação 100 000 acções de O Alentejo Companhia de Seguros, S.A.R.L., do valor nominal de 50$00, representando o capital de 5 000 000$00, com os números 500 001 a 600 000, em títulos de 1, 5, 10, 20, 50 e 100 acções.

OFICIALIDADE DA G.N.R.

Foram nomeados para prestar serviço na G.N.R. o brigadeiro Luís Frederico Pinto Tavares de Figueiredo e o major graduado do serviço de administração militar, Fernando Soares Pinto Simões.

ASSEMBLEIA-GERAL NO ESTRELA DA AMADORA

O Clube de Futebol Estrela da Amadora realiza, no próximo dia 11, pelas 20 e 30, no edifício da sede, a Assembleia Geral do Clube, constando da ordem de trabalhos a apresentação e aprovação das contas no período de 1 de Agosto de 1971 a 31 de Julho de 1972 e ainda a eleição dos novos corpos gerentes. Na mesma Assembleia, espera-se que venham a ser ventilados assuntos da maior importância, não só para o clube, mas também para a própria vila da Amadora.

Militares condecorados

Foram louvados e condecorados por serviços prestados no Ultramar os seguintes militares: tenente-coronel Dionísio de Almeida Santos (Angola) e tenente-coronel piloto-aviador Vítor João Lopes de Brito (Moçambique), major Adão Antunes Baptista (Angola) e major pára-quedista José Ramalho da Rua Moçambique) e capitão piloto aviador Orlando Manuel da Silveira Bettencourt (Angola), medalha de prata de serviços distintos, com palma; capitão Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso (Angola), primeiro-cabo João Carlos da Conceição Ferreira (Guiné) e chefe de milícias do Governo do Distrito do Niassa, Francisco Daniel Roxo (Moçambique), medalha de cruz de guerra de primeira classe.

Empréstimos internos

Vem no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 101) a relação dos números dos títulos representativos de 4 200 obrigações do empréstimos de renovação e de apetrechamento da indústria da pesca, 4 por cento, 8.ª série, II Plano de Fomento, sorteados em 15 de Março findo e a reembolsar de 1 de Abril último a 31 de Março de 1978.

Vem, igualmente, a relação dos números dos títulos representativos de 25 000 obrigações do empréstimo interno amortizável, 3 1/2 por cento, V Centenário do Infante D. Henrique, 1960, segunda emissão, sorteados em 15 de Maio passado e a reembolsar de 15 de Abril findo a 14 do mesmo mês de 1978.

Agente Oficial:

J. F. S. ROMEIRAS PALMA

Rua da Escola Politécnica, 27
Telef.: 370806 — LISBOA

ESQUENTADORES franceses
E.L.M.
água quente barata!

LUSTRES
Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.
VENDA AO PUBLICO

DL/GERAL

Novo director geral dos hospitais

Em substituição do dr. Amadeu Lobo Nogueira da Costa, requisitado para o quadro do Corpo de Inspecção da Assistência na Doença aos Servidores Civis do Estado, vai ser nomeado, em comissão de serviço, director geral dos Hospitais, o dr. Mário José Nunes Marques.

Concluído, em 1948, com alta classificação, o curso de Medicina o dr. Gomes Marques, depois da frequência do Internato Geral dos Hospitais Civis de Lisboa, do Internato Complementar de Clínica Médica e de obter o primeiro lugar no concurso para interno graduado da Clínica Médica, abandonou transitóriamente as suas funções nos H.C.L., ocupando o cargo de chefe dos Médicos Policlínicos do Hospital de Santa Maria. Em 1956 transitou de novo para os hospitais civis e em 1967 obteve o doutoramento pela Faculdade de Medicina de Lisboa com 19 valores. O novo director possui o curso superior de Medicina Sanitária e o Curso de Medicina Tropical. Foi bolseiro do Internato dos H.C.L. em Londres, e da Fundação Calouste Gulbenkian para investigação científica e galardoado com o prémio do Internato dos Hospitais Civis e com o prémio Alexandre Cancella de Abreu. Faz parte, desde Abril do ano passado, da Comissão Directora e Instaladora dos Hospitais Civis de Lisboa. Tem-se interessado pela investigação científica, no campo da cardiologia, nomeadamente, e publicados numerosos estudos.

Portugueses e Argentinos estudam problemas da Previdência Social

Decorreram no fim do passado mês, na sede da Caixa Central de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes, as reuniões de trabalho entre as delegações portuguesa e Argentina para dar execução prática à Convenção de Acordo Administrativo Luso-Argentino de Segurança Social.

Das matérias constantes da agenda de trabalhos, destaca-se a apreciação da situação dos emigrantes portugueses na Argentina, nomeadamente os que aí estão como trabalhadores rurais, no que respeita ao tempo de serviço não contributivo. Também no campo da previdência social foi ainda abordado o problema dos montantes das prestações por invalidez, velhice e morte. O imposto fiscal que onera as tranferências pecuniárias da Argentina para Portugal foi igualmente alvo da atenção dos participantes nos trabalhos, chefiados, do lado argentino, pelo dr. Alberto Paillas, subsecretário dos Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça da Argentina, e do lado português, pelo dr. Mário da Fonseca Roseira presidente da Comissão de Estudo de Convenções Internacionais sobre Segurança Social. Na reunião estabeleceram-se os procedimentos administrativos a adoptar pelos organismo de previdência social de ambos os países, tendo-se procedido também ao estudo e aprovação dos formulários mais adequados a uma maior eficácia e rapidez na troca de elementos entre os citados organismos.

Carochinha

MODAS

JUVENIS ATÉ

20 ANOS

Av. Guerra Junqueiro, 19-C
Telef. 72 67 31

QUINTÃO a casa que V. Ex.ª deve preferir para compra de
TAPETES, CARPETES E ALCATIFAS
CASA ESPECIALIZADA 30, Rua Ivens LISBOA

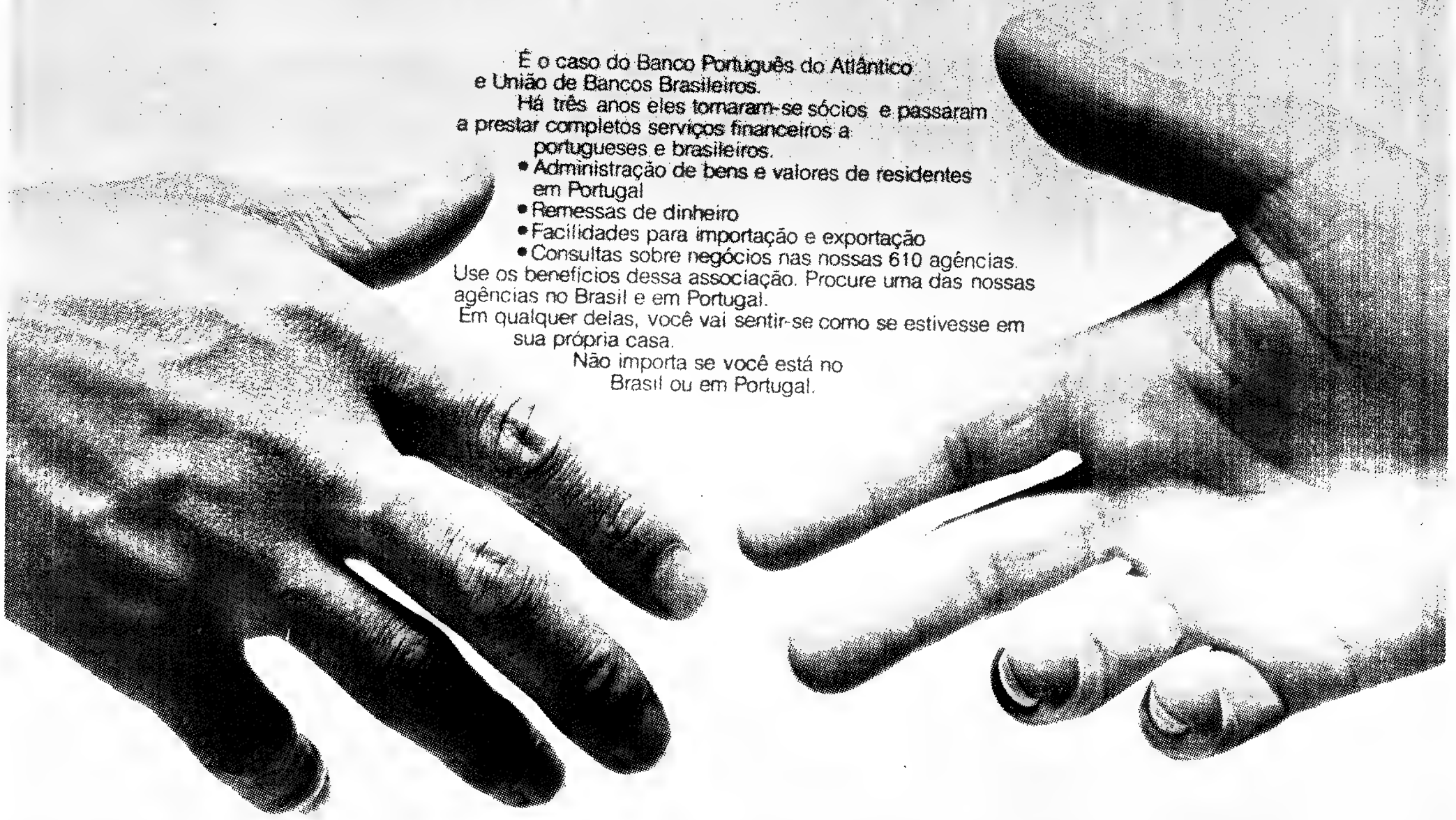
CLÍNICA DE DIAGNÓSTICOS DR. FERNANDO TEIXEIRA
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Rua Rodrigues Sampaio, 38-1.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61
ENFERMAGEM GERAL E DE REABILITAÇÃO ESPECIALIZADA
PEDIATRIA — PARTOS
ASSISTÊNCIA MÉDICA
SERVIÇO PERMANENTE NA SEDE E DOMICILIÁRIO
DEPARTAMENTO DE ANÁLISES CLÍNICAS
Rua Rodrigues Sampaio, 30-C, 2.º Dt.º
Telefs. 55 55 27 - 55 55 61
SERVIÇO PERMANENTE INCLUINDO DOMINGOS E FERIADOS
SERVIÇO DE URGÊNCIA
COLHEITAS DOMICILIÁRIAS

S. REMO
CABELEIREIRO DE SENHORAS
GERÊNCIA DE MARIA CELESTE (DIPLOMADA)
Penteados modernos — Ondulações — Tintas e Descolorações
Depilações a cera
AV. DE ROMA, N.º 35 - 2.º - F — LISBOA — TELEF. 76 12 26

Existem várias maneiras de aproximar dois povos
Uma delas é associar dois Bancos

É o caso do Banco Português do Atlântico e União de Bancos Brasileiros.
Há três anos eles tornaram-se sócios e passaram a prestar completos serviços financeiros a portugueses e brasileiros.
- Administração de bens e valores de residentes em Portugal
- Remessas de dinheiro
- Facilidades para importação e exportação
- Consultas sobre negócios nas nossas 610 agências.

Use os benefícios dessa associação. Procure uma das nossas agências no Brasil e em Portugal.
Em qualquer delas, você vai sentir-se como se estivesse em sua própria casa.
Não importa se você está no Brasil ou em Portugal.



BPA BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
UNIÃO DE BANCOS BRASILEIROS

DL/DESPORTOS

CHEGADA EM PELOTÃO NA 5.ª ETAPA DA «VUELTA»

O holandês Gerben Karsten alcançou a sua segunda vitória ganhando ao «sprint» a quinta etapa da Volta à Espanha, entre Cuenca e Teruel (191 km), no termo da qual o espanhol José Pesarrodona mantém o seu lugar de «líder».

Mais uma vez os «sprinters» deram leis nesta etapa que decorreu em condições atmosféricas desastrosas e por estradas sinuosas, cheias de dificuldades.

O belga Eddy Merckx, segundo em Teruel, encontra-se actualmente a 1' 15" do «líder» e com 24" sobre o espanhol Luis Ocaña, o seu mais sério adversário. Merckx controlou a etapa e exerceu uma vigilância apertada sobre os seus rivais mais perigosos.

Classificação na etapa:

1.º, Gerben Karsten (Holanda), 4-58-00 (com bonificação: 4-57-40); 2.º, Eddy Merckx (Bélgica), 4-58-00 (com bonificação: 4-57-50); 3.º, Pieter Nassen (Holanda), 4-58-00 (com bonificação: 4-57-55); 4.º, Jacques Esclassan, (França), 4-58-00; 5.º, Jean Jacques Fussein, (França), mesmo tempo; 15.º, José Martins, M.T.; 20.º, Joaquim Agostinho, M.T.; 49.º, Venceslau Fernandes, M.T.; 58.º, José Pereira, M.T.; 60.º, Fernando Mendes, M.T.; 61.º, Fernando Ferreira, M.T.; 74.º, Orlando Alexandre, M.T.; 76.º, João Pinhal.

Classificação geral da Volta à Espanha em bicicleta após a 5.ª etapa: 1.º, José Pesarrodona (Espanha), 22-17-32; 2.º, Eddy Merckx (Bélgica), 22-18-47; 3.º, Gerben Karstens (Holanda), 22-18-54; 4.º, Domingo Perurena (Espanha), 22-18-56; 5.º, Joseph De Schoenmaker (Bélgica), 22-19-08; 6.º, Luis Ocaña (Espanha), 22-19-11; 7.º, Bernard Thevenet (França), 22-19-19; 8.º, Pedro Torres (Espanha), 22-19-20; 9.º, Gonzales Linares (Espanha), 22-19-22; 10.º, Herman Van Springel (Bélgica), 22-19-30; 16.º, Joaquim Agostinho (Portugal), 22-19-57; 34.º, Fernando Mendes (Portugal), 22-21-16; 38.º, Venceslau Fernandes (Portugal), 22-22-50; 41.º, José Martins (Portugal), 22-22-55; 54.º, Fernando Ferreira (Portugal), 22-23-19; 76.º, José Pereira (Portugal), 22-26-48; 77.º, Orlando Alexandre (Portugal), 22-28-34 e 78.º, João Pinhal (Portugal), 22-35-04.

Classificação geral por equipas: 1.ª, Kas, 66-32-53; 2.ª, Molteni, 66-32-54; 3.ª, Casera, 66-35-18; 4.ª, Bic, 66-35-18; 5.ª, Rokado, 66-35-53; 6.ª, Peugeot, 66-38-00; 7.ª, Monteverde, 66-39-57 e 8.ª, Benfica-Coelima, 66-41-07.

Hoje disputa-se a sexta etapa na distância de 150 quilómetros, entre Teruel e Playa Puebla de Farnals. A chegada está prevista para as 15,13 horas, com uma média horária calculada em 39 km. Esta etapa tem, como a de ontem um percurso complicado, recheado de curvas perigosas, descidas pronunciadas e piso difícil até se chegar à serra, onde se toma a direcção de Playa de Puebla de Farnals. Neste ponto o piso é bom e os corredores encontram uma descida de vinte quilómetros.

Não alinhará à partida o ciclista francês Roger Pingeon que ficou ferido numa queda, na etapa de ontem. Pingeon, vencedor da «Vuelta» em 1969, sofre de comoção cerebral e tem um ferimento profundo na região abdominal. Foi transportado para Cuenca de ambulância.

A 4.ª ETAPA

Entretanto, na quarta etapa, corrida anteontem entre Alcazar de San Juan e Cuenca, na distância de 160 quilómetros, triunfou um dos homens da equipa de Merckx, o belga Schoemaker, à média de 41,158 quilómetros por hora.

Um dos grandes animadores da etapa foi o espanhol Luís Galdamez, que vive no Porto e que está integrado na equipa portuguesa Coelima-Benfica. Galdamez arrancou do poletão quando tinham sido percorridos 29 km, isolou-se e só foi agarrado no 80.º quilómetro.

Galdamez chegou a ter três minutos de vantagem sobre o pelotão mas acabou por ser agarrado devido ao sol e às irregularidades do terreno.

A classificação da etapa foi a seguinte: 1.º, Joseph De Schoemaker (Bélgica), 4-06-22 (com bonificação: 4-06-02); 2.º, José Pesarrodona (Espanha), 4-06-25 (com bonificação: 4-06-15); 3.º, Eddy Merckx (Bélgica), 4-08-36 (com bonificação: 4-08-32); 4.º, Domingo Perurena (Espanha), 4-08-38; 5.º, Pedro Torres (Espanha), 4-08-40; 6.º, Luis Ocaña (Espanha), mesmo tempo; 9.º, Joaquim Agostinho (Portugal), 4.08.48; 31.º, Fernando Mendes (Portugal), 4-09-18; 39.º, José Martins (Portugal), 4-09-43; 52.º, José Luis Galdamez (Espanha, Benfica-Coelima), 4-1-03; 54.º, Fernando Ferreira (Portugal), M.T.; 63.º, José Pereira (Portugal), 4-11-15; 64.º, Pascual Fandos (Espanha, Benfica-Coelima), M.T.; 79.º, Orlando Alexandre (Portugal), 4-15-26 e 80.º, João Pinhal (Portugal), 4-20-09.

Notícias e factos

UNIVERSITÁRIO DE ANGOLA: O CDUA (Centro Desportivo Universitário de Angola), que se tem dedicado particularmente à promoção das actividades desportivas entre as camadas mais jovens, acaba de colher, ao nível competitivo, os frutos desse labor. Com efeito, ao vencer, em jogo disputado em Malange, o Vila Clotide por 67-60, o CDUA sagrou-se vencedor do Campeonato Provincial de Basquetebol, na categoria de juvenis.

HÓQUEI EM PATINS: Prosseguiram no Norte, as fases distritais de hóquei em patins a contar para o Campeonato Metropolitano da II Divisão. Na 7.ª jornada do distrital do Porto, obtiveram-se os seguintes resultados: Candal-Vilanovense, 4-3; E. F. do Norte-Boavista, 2-15; C. D. U. P.-Vigorosa, 4-5; e Vilacombense-S. Caetano, 5-6.

Fase Distrital de Aveiro (1.ª jornada): União de Lamas-Beira Mar, 3-8; e Alba-Mealhada, 4-2.

Fase Distrital de Braga (7.ª jornada): Famalicense-Hóquei de Barcelos, 13-3; Vizela-Riba de Ave, 2-10; e Académico de Braga-Barcelinhos, 8-2.

AGÊNCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade 160

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

	1	X	2
CUF - União Tomar	1		
Barreirense - Setúbal		X	
Sporting - Leixões	1		
Farense-Porto			2
Espinho - Braga			2
Varzim - Fafe		X	
Salgueiros - Penafiel		X	
Tirsense - G Vicente		X	
Caldas - Portimonen			2
U Leiria - Olhanense	1		
Sintrense - Oriental		X	
Sacaven - T. Novas	1		
Tramagal-Marinhen.		X	

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE-JA A
ORCOSI
Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

O CONCURSO DESTA SEMANA - N.º 35

SÓ II DIVISÃO, COM MUITOS JOGOS DECISIVOS!

«Taça de Portugal», que «é sempre taça»; e jogos de II Divisão, constituem o calendário deste concurso n.º 35.

Se uns parecem difíceis, pois há três clubes à procura de «lugar ao sol» que só tem espaço para um, os outros são, seguramente, jogos de desfecho inesperado, em que tudo pode acontecer, mas a maioria podem considerar-se de efeitos definitivos, numa altura em que o Campeonato está a aproximar-se do fim.

Vejamos, em rápidas pinceladas, o que promete cada um dos jogos.

1 — CUF (7.º-27) — UNIÃO TOMAR (15.º-14) — «Taça è Taça», costuma dizer-se, como que a significar que tudo pode acontecer. Já tem acontecido... mas é raro. Neste caso, por exemplo, só há diferença de posições e de postos no Campeonato, bastaria para dar todo o favoritismo á CUF, mas há ainda que acrescentar que, nos dois jogos que até agora disputaram, a CUF ganhou (2-1) em casa e empatou em Tomar (1-1). Isto além da vantagem de jogar em casa. Vitória prevista da CUF.

2 — BARREIRENSE (10.º-22) — SETUBAL (3.º-33) — A proximidade geográfica, que permite ao Vitória jogar práticamente «em casa», as duas vitórias dos setubalenses no Campeonato (5-0 e 3-2) e as preocupações que ainda atormentam o Barreirense em relação á sua posição no Campeonato, são argumentos suficientes para vaticinar a vitória dos setubalenses.

3 — SPORTING (5.º-32) LEIXÕES (9.º-26) — O leixões tem sido, nesta época, uma «sombra negra» na carreira do Sporting, pois veio ganhar a Alvalade (1-0, num jogo que durou escassos seis minutos!) e empatou no Bessa (2-2). Mas, mesmo assim, é de prever que o Sporting, dada a necessidade que tem de ganhar e a vantagem de jogar em casa, consiga eliminar o Leixões sem recorrer a prolongamento.

4 — FARENSE (13.º-19) PORTO (4.º-32) — O Porto, tal como o Sporting e o Vitória de Setúbal, procura «passar» na Taça, para assegurar, com uma vitória final, a participação na «Taça das Taças»; o Farense, por seu turno, está muito mais preocupado com o Campeonato, pois ainda está em zona perigosa. Aliás, o Farense ainda não ganhou este ano ao Porto (4-1 nas Antas e 1-1 em Faro). Vaticina-se a vitória dos portuenses.

5 — ESPINHO (6.º-26) BRAGA (2.º-32) — O Braga tem aspirações e o Espinho está em «mar de tranquilidade». Na primeira volta, o Braga ganhou (2-0) e agora também deve arrancar os dois pontos ou, pelo menos, o empate.

6 — VARZIM (4.º-32) FAFE (3.º-32) — Encontro de «gigantes», em que um tem de cair. Dada a vantagem de jogar em casa e a sua maior experiência, é natural que o Varzim derrube o adversário.

7 — SALGUEIROS (13.º-23) — PENAFIEL (14.º-23) — Ambos estão mal, mas o que ganhar pode fugir ao perigo da «liguilla». Perante isto, o Salgueiros, que perdeu na primeira volta por um magro 1-0, deve ganhar com certa facilidade.

8 — TIRSENSE (16.º-20) — GIL VICENTE (5.º-29) — O Tirsense tem a sua última oportunidade para procurar «salvar-se», mas precisa de ganhar, o que parece estar ao seu alcance, por jogar em casa e até porque o seu adversário vai para o campo sem qualquer preocupação.

9 — CALDAS (13.º-21) — PORTIMONENSE (4.º-36) — O Portimonense, numa luta «sem quartel» que tem desenvolvido desde o início do Campeonato, ainda pode chegar á «liguilla», mas para isso, não pode perder mais pontos; o Caldas, está na mesma, mas para fugir à «liguilla» da descida. E de crer que o Portimonense ganhe.

10 — UNIÃO DE LEIRIA (5.º-35) — OLHANENSE (1.º-41) — O Olhanense, apesar dos seus quatro pontos de avanço, ainda precisa de mais dois, mas os leirienses já não devem ter aspirações. E de crer que o Olhanense não perca ou consiga até ganhar.

11 — SINTRENSE (6.º-30) ORIENTAL (2.º-37) — O Oriental está agarrado ao segundo lugar com «unhas e dentes» e o Sintrense não tem quaisquer preocupações. E de vaticinar, por isso, a vitória do Oriental.

12 — SACAVENENSE (14.º-20) — TORRES NOVAS (12.º-22) — A vantagem de jogar em casa, em quase igualdade de circunstâncias, pode ser favorável ao Sacavenense, que procuraria, assim, fugir aos últimos lugares. Prognostica-se a vitória dos sacavenenses.

13 — TRAMAGAL (11.º-22) — MARINHENSE (3.º-37) — Ao Marinhense, verdadeiramente, só pode interessar a vitória, mas o Tramagal, se ganhar um ponto que seja, fica quase aliviado. Acredita-se, no entanto, na vitória do Marinhense.

Atenção ao Regulamento

— Se verificou ter direito a prémio consulte a lista dos números dos bilhetes premiados, em qualquer agência, antes de terminar o **prazo de reclamações**.

VAMOS FALAR DE SISTEMAS

Para o sr. Armindo J. Alves, de Luanda, desdobramos hoje um sistema de 9 duplas, condicionadas ao «12», mas com mais de 20% de probabilidades para o treze.

As cinco primeiras duplas são as únicas condicionadas ao «12» já que as restantes são integrais.

DUPLA	1	1	1	1	X	X	X
DUPLA	1	1	1	X	1	X	X
DUPLA	1	X	X	1	1	1	X
DUPLA	X	1	X	1	1	1	X
DUPLA	X	X	1	1	1	1	X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X

Este sistema desdobra-se em 7 boletins de 16 apostas e custa, portanto, 224$00.

As duplas apresentam-se para 1-X mas podem ser alteradas — uma ou várias — para 1-2 ou X-2 conforme desejo dos apostadores.

CURIOSIDADES

Um concurso com 133 410 prémios

Também acontece, embora com pouca frequência, haver concursos com proliferação de prémios. Isto sucede, geralmente, quando a «lógica» do futebol é mesmo lógica.

O concurso em que houve maior número de prémios foi o n.º 30 da 10.ª época (1970), com 15.411 primeiros (226$30) e 117.999 segundos (29$50).

Recorde-se a «chave» do concurso para se imaginar e compreender a razão desta avalanche: 11 111 111 1121.

No TOTOBOLA tudo pode acontecer...

O concurso da próxima semana - n.º 36

1 CUF - Sporting
2 U Coimbra - Barreir
3 B Mar - Belenenses
4 Leixões - Porto
5 Montijo - U Tomar
6 Atlético - Farense
7 Riopele - Famalicão
8 Braga - Varzim
9 Covilhã - Academica
10 U Lamas - Oliveiren
11 Seixal - Nazarenos
12 Portimon - U Leiria
13 T Novas - Tramagal

DL/DESPORTOS

Portugal e Bulgária: esperança para 2 jogos

À hora a que o nosso jornal começa a circular, está a disputar-se em Sófia o encontro entre as selecções principais da Bulgária e de Portugal, da fase preliminar do Campeonato do Mundo de 1974. Desnecessário se torna acentuar a importância que tem para a nossa selecção o desgecho deste jogo, pois um ponto que venha a ser conquistado na capital da Bulgária representa muito para as aspirações de todos nos. José Augusto (um treinador-seleccionador que conta apenas com uma derrota, e essa contra o campeão domundo,mbrasil)sstá confiante num bom resultado e todos os jogadores se mostram interessados em praticar uma bele proeza.

Entretanto, recordemos que Portugal mantém o primeiro posto da sua série (com 5 pontos em 3 jogos) contando a Bulgária 4 pontos em 2 jogos. No entanto, este é o último encontro que Portugal terá que efectuar fora do país, já que a 13 de Outubro receberemos no nosso país a selecção da Bulgária e a 14 de Novembro a Irlanda donorte.

Mas o contacto português com ofutebol europeu nãose limita ao encontro de Sófia: logo à noite nas Antas, as «esperanças de Portugal e da Bulgária encontrar-se-ão emsncontro a contar para o campeonato da Europa da categoria. Decerto que os mais jóvens de Portugal se irão (também) empregar a fundo, para que saiam vitoriosos do confronto.

É provável que a nossa selecção alinhe da seguinte forma: Conhé, Rodolfo, Barros, Laranjeira e Pietra; Matine, Vala e Vitor Martins; Chico («capitão»), Manuel Fernandes (CUF) e Jordão. Serão suplentes: Tibi, Esmoriz, Vitor Pereira, Cacheira Vitor Manuel e o farense Manuel Fernandes.

TORNEIO INTERNACIONAL O BENFICA

Realizou-se ontem a segunda jornada do Torneio Internacional do Benfica tendo-se apurado os seguintes resultados: Boavista, 0-Académica, 1; Estrela Vermelha, 2-Cagliari, 1; Benfica, 1-Vitória de Setúbal, 3 e Ajax, 2-Vitória de Guimarães, 1.

O SPORTING NA HORA DA ARRANCADA

O Sporting está na hora da arrancada: resolvido que foi o problema da sucessão, com a necessária formação do novo elenco directivo, outro problema de monta se levantou na vida directiva do clube. O presidente eleito viu-se na necessidade de renunciar, já que a sua cção era necessária num sector não menos importante da vida nacional.

Depois disto, e enquanto o impasse marca pausa na acção dos novos dirigentes, muita coisa se tem escrito sobre a actividade do elenco directivo: inventam-se (inclusivé) circunstâncias tendentes a levar o desânimo à massa associativa, numa campanha que terá tanto de mistério (nas intenções) como de desprestígio.

Nesta hora da arrancada «leonina», convém ter os olhos bem abertos, para que seja escolhido o melhor caminho aquele que reconduzirá o clube ao lugar a que tem direito e no qual esta fazendo falta. .

Que faz a nova direcção do Sporting parecer que nada faz?

A pergunta tem razão de ser, já que escasseiam as notícias da actividade dos dirigentes que (sabêmo-lo de fonte segura) continuam a reunir-se periodicamente. Pois, o que faz parecer que a nova direcção «leonina» nada faz, é exactamente a falta de um responsável, ou seja a inexistência de um presidente. Obrigado a renunciar ao cargo para o qual tinha sido eleito, o Dr. Orlando Valadão Chagas criou (sem querer) um grave problema de sucessão. Porque, se não tivesse sido obrigado a renunciar, certamente que ele e seus pares da direcção tinham já dado notícias concretas da sua actividade. Mas assim: nada transpira dessas reuniões: porque à falta de um responsável (um presidente) ninguém, (muito humanamente), está na disposição de resolver problemas que poderão ser encarados, por ângulo diferente, pelo presidente ainda por escolher e eleger.

Fundamentalmente, portanto, o que faz falta ao Sporting, neste preciso momento, é um presidente: um homem de coragem que dê a cara às decisões tomadas, que se responsabilize pelos passos dados a favor de um Sporting moderno e no caminho do engrandecimento.

Formou o Dr Valadão Chagas, um elenco directivo no qual se destaca uma onda de juventude: que está ansiosa por fazer coisas, que está desejosa de devolver ao clube a grandeza que já teve e que agora anda arredia Porque, verdade seja dita, o Sporting já foi maior do que hoje é, e é por encarar e aceitar esta verdade, que a onda de juventude do novo elenco directivo está disposta a sacrificar os seus melhores tempos, em prol do clube.

Teve o Dr. Valadão Chagas a sorte de conseguir reunir à sua volta uma série de homens do nosso tempo dispostos a dar o seu melhor ao clube: na hora da arrancada, viu-se forçado a abandonar, mas nem por isso os demais dirigentes esmoreceram no trabalho a executar. Só que agora não têm um nome que os defenda perante a massa associativa.

Bem equacionado o problema, e sem querermos determinar o rumo que o grande clube virá a trilhar, julgamos que a solução do problema está bem «dentro da casa»: juntamente com um presidente, foi igualmente eleito um vice-presidente que merecerá a mesma confiança (da massa associativa) do primeiro. Quer isto dizer que, analisado friamente o problema, a crise que o Sporting atravessa diz respeito, unicamente, à falta de um elemento do elenco directivo, que por acaso é o presidente. Mas, se está eleito, e em plenas funções um vice-presidente, porque não se «transfere» o lugar vago para a vice-presidência, resolvendo assim a questão que mantém o clube numa situação de impasse?

Sabemos da confiança que o sector mais jovem da direcção «leonina» deposita na figura e no prestígio do Dr. Manuel Nazaré, sabemos que eles lutam por uma solução urgente, para que as obras comecem a surgir aos olhos dos associados já um tanto desiludidos. Então, se o caso se nos apresenta assim, porque não o Dr Manuel Nazaré para presidente do Sporting? Da sua experiência, das suas relações sociais, do seu prestígio da sua capacidade de trabalho, bem como da sua modéstia, que até está a ser mal interpretada, muito viria a usufruir o grande clube: porque todos os novos dirigentes do Sporting apoiam a transferência, e estão ansiosos da solução que virá a mostrar a todos que o trabalho não parou. E porque todos acreditam que **«terá tempo para dar ao clube»...**

O Sporting está numa encruzilhada da sua história: se o passado foi glorioso, ninguém pretende que o futuro seja menos. Todos estão dispostos a trabalhar para devolver ao clube o prestígio que já teve: mas o que eles querem é um presidente: o Dr. Manuel Nazaré é figura de prestígio na vida pública portuguesa, homem capaz de pegar no leme e levar a nau «leonina» a bom porto «Marinheiros», para o ajudar, não faltam: a única coisa que está faltando, é pôr na prática aquilo que a lógica mais aconselha De outra forma valeria a pena escolher e eleger um vice-presidente?

HILÁRIO E GERMANO DÃO A MÃO AOS INICIADOS

Estão em plena rodagem os campeonatos regionais de Iniciados, uma nova categoria criada no futebol português e que abrange os miúdos dos 11 aos 14 anos. A última Associação a dar o pontapé de saida, foi a de Lisboa, que abriu a época de iniciados no passado domingo, com os seguintes resultados: **Série A** Domingos Sávio (A), 0-Benfica, 2; Carregado, 5-Sanjoanense, 0; Belenenses (A), 1-Santa Iria, 2. **Série B** Domingos Sávio (B), 0-Belenenses (B) 4; Sporting, 8-Boa Hora, 0 e Cacém 2-Ericeira, 1.

Vários antigos praticantes apoiaram a iniciativa, casos de Germano, que esteve no Boa Hora a falar aos jovens e Hilario (na gravura), que dirigiu a equipa do Sporting, detentora do melhor resultado na jornada inicial.

Continuaçao da pag. 16

O caso herança Sommer

via estar nos arquibos de Sommer.

Se não aparece não é por culpa do meu constituinte.

Como pode, pois Atónio Champalimaud, apresentar o que seu irmão Carlos subtraíu?

ficamente à carta de Montez Champalimajd para D. Maria Luísa, de 8-6-44, temos de ter presente, que a restituição a D. Maria Luísa das 1 000 acções que esta emprestara a Montez Champalmaud, foi logo pedida em Novembro do subsequente ano de 1945.

A carta de Montez Champalimaud deixou evidentemente de lhe interessar, a D. Maria Luísa.

Operada a restituição das acções emprestadas, não necessário conservar a carta do único valor resultava exactamente de substituir a prova de um empréstimo de acções, feito por D Maria Luísa a Montez Champalimaud

O que é certo, é que D. M. Luísa emprestou efectivamente a Montez Champalimaud 1 000 acções.

Estas 1 000 acções, juntamse às 9 000, total daquelas com que D. Ana António, Henrique Carlos e Maria Ana emprestaram por sua vez a Montez para a caução no Crédit; e todas as 10 000 acções foram efectivamente depositadas no Crédit Franco Portugues.

Operou-se, entretanto, a 8.ª emissão de acções da Empresa de Cimentos de Leiria, que, resultante duma simples incorporação de fundos de reserva no capital da Empresa, se traduziria na dúlicação, sem qualquer encargo para os accionistas, da quantidade de acções de cada um já antes possuia.

Por força da 8.ª emissão, as 10 000 acções depositadas por Montez Champalimaud no Crédit, seriam, também, consequentemente duplicadas.

Estando as acções no Crédit, era o Credit que por força da especial natureza do depósito de títulos, tinha de se apresentar, como fez, à subscrição, em consequência da qual. Montez Champalimaud passou a dever no Crédit, não apenas, as 10 mil acções oferecidas em caução, mas o dobro delas, ou sejam 20 mil acções.

Porém, a caução exigida pelo Crédit tinha sido limitada a 10 000 acções da Empresa de Cimentos de Leiria.

As 10 000 resultantes da 8.ª emissão eram desnecessárias ao Crédit, que com o depósito das 10 000 que já lá se encontravam, estava coberto e garantido, quanto à restituição ou pagamento do dinheiro adiantado.

As 10 000 acções da 8.ª emissão podiam, portanto, ser levantadas por Montez Champalimaud

E foi o que se fez: Montez Champalimaud levantou as 10 000 acções, as da 8.ª emissão, em 1-11-45, — depositando-as logo em seguida, em Novembro, e em seu nome, na Empresa de Cimentos de Leiria (cautela 442).

DORES DE CABEÇA, RESMAS DE PAPEL E TEMPO PERDIDO

D. Maria Luísa emprestara, como eu digo, 1 000 acções.

Mas porque estas 1.000 acções tinham dobrado, como todas as demais da Empreza de Cimentos de Leiria por força da 8.ª emissão Montez Champalimaud, para pagar a D. Maria Luisa as 1 000 acções dela recebidas, não tinha que lhe dar apenas 1.000; tinha que entregar-lhe 1.000 mais 1.000, ou sejam 2.000 acções.

E foi isso que fez Montez Champalimaud: levantou-as em 1-11-45 da Empreza de Cimentos de Leiria e entregou a D. Maria Luisa, 2.000 acções que tinha de entregar lhe, retirando-as das 10 000, que levantou do Credit e que eram as da 8.ª emissão da Empreza de Cimentos de Leiria

Por sua vez, e no mesmo dia em que as recebeu, D. Maria Luisa depositou-as novamente na Empreza de Cimentos de Leiria, através a cautela n.º 451.

As dores de cabeça que isto veio a causar ao perito Dr. Viegas, os problemas que ele levantou a respeito deste assunto, o desvio de acções que ele inventou perante um facto tão comezinho!

Para o Dr. Viegas, efectivamente quando Montez Champalimaud quisesse pôr fim ao empréstimo das 1.000 acções que D Maria Luisa lhe emprestara teria que entregar lhe, exactamente e não outros os títulos materiais das 1 000 acções que D Maria Luisa levantara de Sommer, do depósito sol dario dela e de seu irmão.

Ninguém curou efectivamente disso

O valor das 2.000 acções que D. Maria Luísa recebeu, era exactamente de valor rigorosamente igual ao das outras 2.000 acções, que o Dr. Viegas virá a entender, que eram aquelas que ela deveria ter recebido.

D. Maria Luisa deixou por pagar, com o recebimento das 2 000 acções que recebeu.

O que é que tem o Sr Dr Viegas com isso?

O que é que interessa a sua abstrusa doutrina da não fungibilidade dos títulos, se isso efectivamente apenas interessava aos proprios proprietarios deles?

De resto, explicou aqui António Dias de Sousa, perante V. Exas., quando foi inquirido sobre vários empréstimos caucionados, que Montez Champalimaud e a Sociedade Comercial Financeira já anteriormente, tinham celebrado com a Casa Bancária José Henrique Totta, que, nonguém apontava os números dos títulos que a cada um pertenciam, mas tão somente a quantidade com que cada um contribuiav.

A quantidade de folhas de papel que gastou o Sr. Dr. Viegas!

A quantidade de tempo que ele nos fez perder!

Isto aliás, é tão elementar que V. Exas. não encontram nos autos, vozes autorizadas a pronunciar-se exactamente no sentido de que «passe se com as acções ao portador o mesmo que se passa com as notas de banco: o título material faz apenas certos direitos que se não alteram pelofacto de aquele ter este certo número ou um outro, ter sido emitido em uma determinada epoca ou em poca diferente, etc». (parecer dos Drs. Manuel Baganha e Jaime Cesar Gonçalves).

E outro distinto economista e investigador, autor de numerosas obras da especialidade Martin Noël Monteiro, diria:

«A simples troca de títulos, detectada através de simples numeração, não afecta patrimonialmente qualquer entidade que tenha direito às acções que eles representam, se tais títulos conferem direitos iguais

E também o Dr. Sebastião Gonçalves se pronunciaria a este respeito, escrevendo:

«Não tem qualquer significado prático a troca de acções de igual espécie».

O que temos, pois, é que a Sra. D. Maria Luisa que tinha emprestado 1.000 acções ao portador de um valor X, recebeu essas acções duplicadas porque teve direito a essa duplicação por força da 8.ª emissão, recebeu as 1.000 acções mais 1 000, recebeu 2.000, recebeu precisamente o mesmo valor e não levantou nenhuns problemas.

Um lapso de linguagem, meramente ocasional, cometido pelo Dr. Palma Carlos, nas suas alegações de ontem, provocaria a descontração e boa disposição entre os presentes.

Efectivamente, em determinado passo da sua exposição, o Dr. Palma Carlos, por evidente lapso de linguagem, disse Dr. Má Fé», em vez de Dr. Viegas

O causídico, porem, reflectindo sobre o seu lapso, acabaria por considera-lo, imediatamente, um achado:

«Dr. Má Fé? Dr. Má Fé; até lhe fica bem o nome Sr. Dr. Má Fe igual a Dr Viegas!

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3,4	464$	464$	-
Cons 3 %	504$	504$	-
Cons 3 1/2	594$	594$	-
Centenários	1.330$	1.330$	-
Tes 5 % 57	-	1.005$	-
Tes 5 % 59	-	639$	-
Extern 1ªs	-	641$	
Extern 1ªc			
Extern 3ªs		730$	
Extern 3ªc			
Caut 3ªs			

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %			
C M L 5,3	900$		920$
C P 5 5 % 67	920$	920$	
C P 5 5 % 68	910$		
C P 5 5 % 69			930$
Corr 5 3,4 %	975$		975$
Metr 5 3,4 %			
Tur 5 3,4			
C P 63 4			1 025$

ELÉCTRICAS

G 5% 58			
G 5% 59			
G 5% 62	-		
G 5% 63	-	-	
G 5% 64	-		
G 5% 65	-	-	-
G 6% 67	-		-
G 6% 69	-	-	
G 7%	1.035$		
H E A A 5%	810$	810$	-
H E C 5%	750$	750$	-
H E C 6%	920$	-	920$
H E D 5%	-	-	750$
H E D 6%	920$	920$	-
H E N P 5%	-		
H E S E 5%	-	-	985$
H E S E 6%	-	-	940$
H E Z 5% 57	-	-	-
H E Zêz. 6%	-	-	-
N. Elec. 5%	-	770$	-
N. Elec. 6%	-	940$	-
Termoel 5%	-	700$	-
U E P 5% 60	-	-	-
U E P 5% 63	-	-	-
U E P 6%	-	920$	-
U E P 7%	-	-	1.000$

DIVERSAS

A P T 5 % 56	-	-	-
A P T 5 % 58	-	-	-
Lisnave 6 %	-	-	-
Nitratos 60	-	-	-
Pet 2ª e 3ª	-	-	-
Sacor 7 %	-	-	1.020$
Sacor 5 % 54	950$	-	-
Sacor 5 % 60	-		890$
Sid 5 % 2ª		700$	-
Sid 5 % 3ª	-	700$	-
Sid 5 % 4ª	700$	700$	-
Socel 5 %	-		-
U Fabril 67	925$	920$	-
U Fabril 68	-	920$	-

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	-		
Rev 5 % 57	-		-
Rev 5 % 59/60	-	-	-
Moçamb 5 %	-	-	600$
Sonefe 5 %	-	-	-

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	7.700$	7.700$	-
Algarve	4.000$	3.995$	4.000
Alentejo	4 000$	3.900$	4.000$
Angola	7.100$	7.000$	7.200$
Borges&Irmão	11.000$	11 000$	-
Crédito Predial	6.800$	6.800$	7.000$
EspíritoSanto	17.500$	17.400$	
Fomento	7 260$	7.260$	-
F &Burnay	83.000$	83.000$	-
Intercontinental Português	30.700$	30.700$	-
N.Ultramarino-m	-	8.500$	9.300$
N.Ultramarino-c.	12.600$	12.600$	13.000$
Pinto&SottoMayor	19.400$	19.100$	19.400$
Portugal-n	-	-	6.200$
Portugal-p	-	10.000$	10.500$
P Atlântico	18.500$	18.300$	18.500$
Totta&Açores	11.500$	11.400$	11.500$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

Indice de cotecão das accões (Base Dez 85=100)

	25/4/73	30/4/73	2/5/73
GERAL	377,1	351,6	355,8
METROPOL	395,1	365,4	372,0
ULTRAM	245,3	250,7	236,7

De Seguros

Alentejo	1 190$	1 190$	1 200$
Bonança	-	22.000$	24.000$
Império	-	-	-
Mundial	4.700$	4 700$	4.750$
Soberana	7 200$	-	7 500$
Tranquilidade	16.200$	16.000$	16.500$

Eléctricas

C P E p	-		
C P E n	-	-	-
E Beiras	-	-	-
G Elec c			
H E A A			
H E N P			
H E S E			
U E P			

Ultramarinas

	1 480$	1.480$	
Ag Cassequel	-		2.200$
Ag Incomáti		180$	
Ag S T e P	2 200$	2200$	2 250$
Aç Angola			350$
Alg Angola			850$
Ang Agric	305$	305$	320$
Boror		-	150$
Boror Com	200$		200$
Buzi	190$	180$	200$
Cabinda	900$		920$
Com Lobito	2.700$		2 700$
D A T 100		650$	700$
H E Revué	-	-	-
I do Princ	450$	450$	470$
Moçambique	450$	450$	-
Sonefe n	500$	470$	-
Sonefe p	-	-	100$
Zambézia			

Diversas

Ag Lx -ant.	-	-	-
Ag.Lx. -34	-	-	-
Ag.Lx -36	-	-	-
Cel.Guadiana	-	-	-
C.Leiria-p.	-	-	-
C.Tejo-p.	-	-	-
F. Ramada	-	-	-
Fornos Eléctricos	-	-	-
P.Celulose	-	-	-
Siderurgia-p.	-	-	-
Siderurgia-n.	-	-	-
Socel	-	-	-
Cidla	-	-	-
C.U.F.	4.950$	4.900$	5.000$
Intar	720$	710$	720$
Nitratos	1.760$	1.760$	-
Petroquímica	1.750$	1.750$	1.760$
Sacor	6.950$	6.950$	7.000$
Tab.Portugal	-	7.500$	-
Tabaqueira	14.000$	13.800$	14.100$
U.F.Azoto	1.280$	1.280$	-
Empor	570$	570$	-
Ind.Aliança	-	1.100$	-
I P.Colónias	2.550$	2.550$	-
Nacional Navegação	-	-	5.000$
Navegação(Col.)	2.400$	-	2.400$
P Pesca	-	-	1.500$
Matur	-	-	-
R Marconi	-	-	-
T.A.P	-	-	-
Compal	-	-	1 600$
Salvor	3.960$	3.960$	-
Penina	4.300$	4 200$	5.000$
Grão-Pará	4.300$	4.300$	4.400$
Lisnave	17.100$	17.000$	17.200$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico		
F. I. D. E. S.	248$90	256.40$

COTAÇÕES

PAÍSES		COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul	Rands	30$00	33$00
Alemanha	Marco	8$80	9$10
América			
Dollars de 1 a 2		24$50	25$30
Dollars de 5 a 20		24$80	25$60
Dollars de 50 a 1000		25$10	25$90
Argentina	Peso Novo	—$—	—$—
Austria	Schiling	1$22	1$28
Bélgica	Franco	$62,5	$65,5
Brasil	Cruzeiro	3$60	4$40
Canadá	Dólar	24$70	25$50
Dinamarca	Coroa	4$00	4$30
Espanha	Peseta	$43	$455
França	Franco	5$40	5$70
Holanda	Florim	8$50	8$80
Inglaterra	Libra	63$00	66$00
Italia	Lira	$041	$045
Marrocos	Dhran	—$—	—$—
Noruega	Coroa	4$15	4$45
Suécia	Coroa	5$45	5$80
Suiça	Franco	7$70	8$05
Ouro			
Inglaterra	Libra Isabel	620$00	670$00
Inglaterra	1/2 Libra	620$00	670$00
Ouro fino Barra		71$00	77$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praça D. João da Câmara 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão

MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados (Zé Colmeia)
13.00 Feminino singular
13.15 Gente miúda
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Terras de Portugal
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa (Iniciação desportiva)
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Vamos jogar no Totobol
19.55 Cinema 3
20.30 Livros e autores
21.00 Desenhos animados (Flintstones)
21.30 Telejornal — 3.ª Edição
22.00 Histórias da música
22.30 A Família Bellamy
23.40 Telejornal — 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Gente miúda
20.55 Desenhos animados
21.10 Terras de Portugal
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 Dr. Marcus Welby
22.50 Impacto
23.35 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados (Alvin Show)
13.00 Vária
13.15 Dick Van Dyke Show
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com ...
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa (Educação musical)
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 Crónica
20.10 Sangue na estrada
20.25 Em foco
20.55 Imagens da poesia europeia
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Noite de teatro
23.10 Museu do cinema
23.30 Telejornal — 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados (Alvin Show)
20.45 Um dia com...
21.00 Dick Van Dyke Show
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Os vingadores
22.55 Amaral Neto
23.40 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado com excepção de Algarve onde a neblina era fraca o vento era moderado de Sudoeste e caiam aguaceiros em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	—
P. DOURADAS	—
COIMBRA	18.º
PORTALEGRE	19.º
LISBOA	17.º
FARO	19.º
FUNCHAL	18.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima 24,2.º

PENHAS DA SAÚDE

Mínima 3,8.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 15,7.º
Atmosfera ..... 17, .º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.25	3,9 m	9.09	0,6 m
15.48	3,9 m	21.32	0,6 m
Dia 3			
4.10	3,0 m	8.31	0,6 m
16.32	4,0 m	22.15	0,6 m
Dia 4			
4.57	3,9 m	10.33	0,6 m
17.07	4,0 m	23.00	0,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos de muito nublado; vento moderado de Sudoeste podendo soprar com rajadas fortes; aguaceiros em especial nas regiões do Norte e Centro e possibilidade de trovoadas nas regiões do Norte.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.37
OCASO ÀS 20.30

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.05 Cançonetas.
16.30 Convívio, programa da juventude.
18.05 Rádio escolar, francês.
18.30 Programa do Serviço de Informação Pública das Forças Armadas.
19.10 Orquestras e canções.
19.30 Recordar é viver, por Maria Natália Bispo.
20.30 27.º episódio do folhetim «A Passagem».
20.50 Melodias.
21.00 Momento 73
21.20 Que quer ouvir?
21.55 Viagem ao passado, por Judite Navarro.
22.10 Vamos ouvir Carlos do Carmo.
22.30 Jazz.
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.45 Escala na madrugada, por Júlia Maria.
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Rádio Universidade
24.00 Junção com o 1.º programa.

2.º Programa

16.00 Uma obra.. duas interpretações: O «Concerto n.º 1», de Chopin.
17.45 Intercâmbio musical: Semana Internacional de Órgão em Nuremberga, 1972
18.17 «Poema lírico», em ré bemol M., op. 12 (Glazunov)
18.30 Gravações históricas
19.00 Dança e «baile», por Pedro Risques Pereira
19.30 Rádio educativa, auditório juvenil
20.20 O violista Andrés Segovia.
20.30 Orquestra de câmara
21.00 O Coro Académico Russo, dir. por Sweschnikov.
21.20 Tempo literário.
21.45 Recital de canto por Eny Camargo, colaboração da pianista Maria Manuela Araújo.
22.15 O gosto pela música, por João de Freitas Branco.
22.45 Música sinfónica: obras de Mozart.
23.00 Emissão em línguas estrangeiras.
01.15 Fecho.

Programa estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada.
22.00 Intercâmbio musical.
22.32 Grandes solistas.
00.12 Stabat Mater (Pergolesi): solistas: Coro Filarmónico Checo; Orquestra de Câmara de Praga, dir. de Massimo Bruni.
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC.
18.02/21.00 Programa «Movimento».
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0».
21.03 Rádio Placard.
21.17 Portugal além da Europa
2130 Quando o telefone toca
22.03 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca.
23.05 Varatojo conta-lhes
23.15 Vozes famosas
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diario rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC.
18.02 O nosso programa.
19.04 Vértice.
21.02 Boa noite em F.M.
22.02 Programa à Gô-Gô.
00.02 Em órbita-dois.
01.02 Banda sonora Sonipol.
02.00 Perspectiva.
03.00 Fecho.

Rádio Renascença

16.05 Radiorama
18.00 Diálogo.
18.30 Terço e bênção.
19.00 Jornal diário
19.30 Página 1
21.05 Meditando.
21.08 Selector.
21.30 Livros e leituras.
21.45 Pentagrama.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Esquema 13.
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das 6.00 às 11.00 e das 17.00 às 22.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 11 00 às 14.30

Clube Radiofónico de Portugal

Das 14 30 às 17 00

Radio Peninsular

Das 22 00 às 2 00

farmácias

LISBOA

TURNO C-I
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (Tel. 636704)
ALTO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235 (Tel. 728 7)
ALVALADE:
Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Avenida Rodrigo da Cunha); (Tel. 722384); **Rio de Janeiro,** (Av. Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América (Tel. 721409)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 às Galinheiras (Tel. 790969)
ARCO DO CEGO
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (Tel. 534027)
ARROIOS
Castro, Av Almirante Reis, 76-A (Tel. 821973
AVENIDA DA LIBERDADE
Liberal, 219 (ao Marquês de Pombal) (Tel. 43641).
AVENIDAS NOVAS:
Figueiras, Av. Marques de Tomar, 20 (Tel 44995)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11-A (Tel 311216)
BAIXA:
Silva Carvalho, Rua dos Fanqueiros, 126 (Tel 873875)
BENFICA
Santa Cruz, Av Gomes Pereira, 34-A (Tel 704828)
CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (Tel. 684424)
CAMPO DE OURIQUE
Elma, R Maria Pia, 358-A (telefone 686176); **Tagus,** Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162 (Tel 669485)
LAPA
Mota Capitão, Rua de S. Félix, 45-A (Tel. 660720)
LUMIAR
Matos Viegas, A. Rainha D Amélia (Quinta das Mouras) (Tel. 794141)
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (Tel 842725)
RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à Encosta do Restelo) (Tel. 612248)
SANTO AMARO
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Tel. 638193)
S. BENTO
Feniz, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 678531)
S. MIGUEL
S. Miguel, Praça de Francisco de Morais, 1 (Tel. 771469)
SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (Tel. 778439)

TURNO C-2
TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Dilema, Rua Aliança Operária, 49-B (Tel. 636620); **Vieira da Rosa,** Rua Prior do Crato, 74 (Tel. 660187).
ALVALADE
Sanex, Avenida da Igreja, 31-C (Tel. 717505)
AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (Tel. 731478)
ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 9 (Tel. 43340)
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (Tel. 41845)

BAIRRO ALTO
Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (Telefone 322798)
BELÉM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (Tel. 611454)
CAMPO DE OURIQUE
Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 5 (Tel. 662838).
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 133 (Tel. 686640)
CARNIDE
Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (Tel. 780969)
JANELAS VERDES
Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90 (Tel. 662327)
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)
MOURARIA
Silva, Calçada de Santo André, 16 (Tel. 862074)
OLIVAIS
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, lote 199 (Olivais Sul) (Tel. 313610)
PICHELEIRA
Luzmar, Rua João do Nascimento Costa, 16-A (Tels. 728395-720703)
RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (Tel. 681947)
SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (telefone 76 i035)
SOCORRO
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829)
XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (Telefone 381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070)
CAXIAS
Nova R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)
PAREDE
Aisir Av. Gago Coutinho-B.º DAS Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Suiça Cruzeiro (Telef. 260087)
CASCAIS
Cordeiro Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280171)
Nova Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019)
Flama R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485)
Confiança Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149)
DAMAIA
Damaia P. Alexandre Gusmão, 9 (Telef. 970523)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045)
CORREIA L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
CACÉM
Garcia Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)
MEM MARTINS
Química Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Misericórdia L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391)
COLARES
Colares Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Algarve R. Fernão Lopes, 1 (Telef. 270271)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO
Normal Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2073035)
WCOVA DA PIEDADE
J. Castro Rodrigues L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)
MOITA
União Moitense Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Montepio R. Almirante Reis, 93 (Telef. 230035)
SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Oliveira L. da Misericórdia (Telef. 22488)
SEIXAL
Soromenho R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

5.º TURNO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327. **Pereiro (de),** Rua da Preciosa, 35. **Sampaio,** Rua de Cedofeita, 636. **Saúde** Av. Com. G. Guerra, 689. **Vaz Teixeira, Sucra,** Rua do Heroísmo, 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125. **Costa Lima,** Av. da Boavista, 855. **Marques de Mendonça,** R. do Ameal, 251 **Monte Cativo,** R. do Monte Cativo, 444. **São Jerónimo,** R. Santos Pousada, 622

COIMBRA

TURNO A

Silva Soares, R. M. de Albuquerque, 26-28 (Tel. 71454); **Vilaça, Ld.ª;** R. Ferreira Borges, 132 (Tel. 22043, **Cruz e Costa,** R. A. Vasconcelos, 71-A (Tel. 22715)

LEIA
motor

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana «GETAWAY» (Tiro de escape) Steve Mcqueen, Ali MacGraw - um filme de Sam Pechinplan - Color

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00-19.00 e 21.45
(Grupo C-14 anos), colorido «OS CLOWNS DE FELLINI» «Estacionamento Parque Castil).

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana
Um filme de António Pedro Vasconcelos «PERDIDO POR CEM...», com José Cunha, Marta Leitão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins.

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15-18.30
(Grupo B-10 anos) 4.ª Semana
Jerry Lewis «O HOMEM DAS MULHERES». Technicolor.

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 6.ª Semana. Colorido. A obra-prima de Eric Rohmer «O AMOR ÀS 3 DA TARDE».

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
4.ª Semana Grupo B-10 anos) . CONTINUARAM A CHAMAR-ME RINITA Terence Hill e Bud Spencer

RESTELO (Tel. 610375)
21.30
(Grupo D - 18 anos)
«CÉSAR E ROSALIE» Com Yves Montand, Romy Schneider e Samy Frey

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana
Eastmancolor. Realização de Terence Young «O CASO VALACHI», com Charles Bronson e Lino Ventura.

MUNDIAL (Tel. 538743)
Às 22.00 Noite de Gala com a assistência do Presidente da República e embaixador de Inglaterra
(Grupo C - 14 anos)
«O JOVEM LEÃO» - Uma epopeia colorida com Robert Shaw e Anne Bancroft
18.30
(Grupo D - 18 anos)
«NOVA IORQUE CLANDESTINA»

VOX
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 4.ª E/:ª Semana
Um filme de Claude Chabrol «A CASA DOS DESEJOS», com Jean-Paul Belmonde e Mia Farrow.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana
William Holden, Alec Guiness em «A PONTE DO RIO KWAY» um filme de David Lean.
Sessão clássica hoje às 18.30 - Adultos. Um filme de Sidney Lumet «O AGIOTA» Com Rod Steiger e Geraldine Fitzgerald

ESTÚDIO Telef. 5551345)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana
Color. Um filme de Jan Kadar «MULHER À DERIVA» com Rade Marcovic e Milena Bravic. (Metropolitano: Alameda).

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C-14 anos)- 6.ª Semana
Uma sensacional e explosiva novidade espectacular como nunca se viu igual «O INVENCÍVEL» Com Bruce Lee - Um fenómeno de judo e karate

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Um filme de Luis Buñnel «LABIRINTO INFERNAL» com Simone Signoret, George Marchal e Charles Vanel.

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo B10 anos) 4.ª Semana
A alegria, a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss «A GRANDE VALSA» Com Horst Bucholz, Mary Costa e Nigel Patrick - Panavision-Metrocolor

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«OS PROFISSIONAIS» Panavision-Technicolor com Burt Lancaster e Lee Marvin

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
5.ª Semana. Cantinflas em «DOM QUIXOTE» (Cavalga de novo)

S. JORGE (Tel. 54151)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana
A sensacional comédia «PARIS MANICÓMIO DO AMOR», com Marthe Keller. (AMANHÃ O MESMO PROGRAMA).

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O GRANDE CONQUISTADOR» e em complemento «A HONRA DE UM HERÓI»
(Metropolitano: Arroios-P. Chile)

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 4.ª Semana. «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Terence Hiel e Bud Spencer.

POLITEAMA (Tel. 326303)
15.15-18.15 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 4.ª Semana
Terence Hill e B7d Spencer «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Gargalhada e um arraial de pancadaria, o melhor no estilo, «vale tudo».

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor. Um filme de Jean Pierre Melville «CAI A NOITE SOBRE A CIDADE» Alain Delon, Catherine Deneuve

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos) 8.ª Semana
«DESEJO DE AMAR» em complemento «UM CASO PERDIDO»

TIVOLI (Tel. 505950)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos). Colorido Dustin Hoffman em «CÃES DE PALHA» o filme de Sam Peckinpah.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos), 2.ª Semana
Eastmancolor «A ALIANÇA», com Anna Karina e Jean-Claude Carrière.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
21.45 (14 anos)
«Sua Excelencia o pendura»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Os amigos»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«O Princípe e a corista»

A. B. C.
21.45 e 23.00 (18 anos)
«Pró menino e prá menina»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

CAPITÓLIO
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (10 anos)
«Jerry 8 3/4»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«César e Rosalie»

MAYER
21.00 (10 anos)
«As aventuras de Gerard»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Lilith e o seu destino»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«O telefone fatal»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«História de um delito»

OLIMPIA
19.00 (14 anos)
«Se disparas mato-te»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (10 anos)
«Trinitá, Cow-Boy Insolente»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (14 anos)
«Os profissionais»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Desejo de Amar»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos)
«Macbeth»
ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Sem um Adeus»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Malpertius»

JÚLIO DINIZ
21.30 (14 anos)
«O Relicário»

OLÍMPIA
«Máscaras de cera»

S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«Pedro, o pescador»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Dom Quixote cavalga de novo»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Os 3 Mosquiteiros»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«A grande valsa»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Bandido Bem-Amado»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
Eva»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O assassínio de Trotsky»

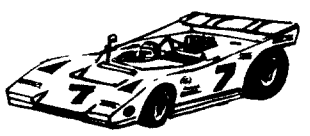
COIMBRA

GIL VICENTE
21.00 (10 anos)
«Real caçada ao Sol»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
Cantiflas «D. Quixote»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Deliverance»

motor
Leia às segundas-feiras Edição de todos os desportos


motor

bars boites

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

PRINCIPE NEGRO-Dancing com variedades. **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos. **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

NINA — **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167.**

EL CIDE — **Dancing** com variedades. Com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo». **Telef. 560538.**

CACO — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-b.** Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889.** Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422.** (Ar condicionado).

DL/NACIONAL

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

NOTA DA D. G. S.

A Direcção-Geral de Segurança distribuiu ontem aos orgãos de Informação uma nota em que se afirma:

«Apoiada sobretudo no chamado Movimento Associativo que tem dominado as Associações Académicas das Escolas Superiores e começa a perturbar os Liceus, tem-se desenvolvido a actividade de grupos extremistas que procuram a subversão violenta, danificam os edifícios escolares, fazem inscrições murais, partem montras de estabelecimentos bancários, distribuem propaganda subversiva e fabricam engenhos explosivos do tipo usado por ocasião da manifestação da Capela do Rato, causando a intranquilidade e perturbando a ordem pública.

Os engenhos oferecem perigo para as pessoas visto poderem causar ferimentos graves a quem inadvertidamente lhes tocar. Já fizeram algumas vítimas.

Desde o começo do ano, foram presos pela Direcção Geral de Segurança e por outros Corpos Policiais 87 elementos activistas pertencentes a esses grupos, dos quais 48 estudantes universitários de Economia, Técnico, Medicina, Direito, Letras, Agronomia e dos Liceus.

Alguns dos estudantes presos tinham em seu poder material de impressão furtado em vários estabelecimentos de ensino e em Associações de Estudantes, destacando-se uma tipografia clandestina que foi descoberta no Concelho de Sintra, equipada com algum material assim desviado e que estava sob o controle de um estudante de Economia que foi preso. Foram também, ultimamente, enviados a Tribunal processos em que são arguidos de actividades destas mesmas organizações os estudantes: Luís Filipe Coelho Braga da Silva, Pedro de Campos Alves, Maria Manuel Soares Gil, João Pedro de Lemos Santos Silva, Dália Rosa Falcato, Maria Teresa Tengarrinha Dias Coelho, Acácio Manuel Martins da Cunha, José Manuel Caneira Eglésias e os advogados Sebastião Augusto Bandeira de Lima Rego e Vítor Manuel Sampaio Caetano Ramalho. Estão ainda em instrução preparatória outros processos em que são arguidos estudantes e outros indivíduos de várias profissões.

Em Coimbra e no Porto foram identificados por estarem comprometidos na danificação de instalações escolares e de montras de estabelecimentos bancários 344 estudantes de várias escolas Superiores (325 no Porto) em Lisboa, no Instituto Superior de Economia e no Instituto Superior Técnico, desenvolve-se uma acção continuada de propaganda e agitação subversiva.

Ontem à tarde explodiram em lugares públicos, centrais, de Agueda, Vila Franca de Xira, Moita, Baixa da Banheira, Seixal, Cacilhas, Cova da Piedade, Grândola, Barreiro, Vila Real de Santo António, Olhão, Portimão e em Faro, Setúbal, Porto e Lisboa, engenhos daquele já referenciado tipo, espalhando manifestos que convidavam a paralizações, greves, manifestações e a lutar pela Revolução Socialista e contra o colonialismo, incitando à violência. Em Coimbra, Guimarães, Tavira e Oliveira de Azemeis foram recolhidos engenhos idênticos antes de explodirem.

A organização subversiva, instalada nos meios universitários e com comandos exteriores, espalha-se facilmente por todo o País. Dois ou três elementos são suficientes para executarem estas operações. Duas dúzias podem preparar uma vaga de explosões do tipo daquelas que ontem se verificaram

O treino de preparação e de colocação destes engenhos tem a sua lógica. Destina-se à preparação de quadros para acções revolucionárias mais graves.

A Direcção-Geral de Segurança conhece muitos destes elementos e, em virtude do surto de violência desencadeado e da propaganda que foi feita para as manifestações do dia de hoje, ordenou a prisão de indivíduos gravemente comprometidos e suspeitos destas organizações socialistas, anarquistas e comunistas».

Referindo-se à data de ontem, a nota acrescentava:

«Como não estão autorizadas quaisquer manifestações públicas neste dia 1 de Maio, os indivíduos que nelas tomem parte, obedecendo ás instruções daqueles agrupamentos, e que sejam detidos pela Guarda Nacional Republicana e pela Polícia de Segurança Pública, serão entregues nos termos legais a esta Direcção-Geral de Segurança, por ser a competente para a organização dos respectivos processos».

FEIRA DA PRIMAVERA

MOURA — De 12 a 14 do corrente, decorre nesta vila a tradicional Feira da Primavera, que todos os anos tem registado grande afluência de forasteiros.

PLENÁRIO CRIMINAL

Processo-crime contra dois advogados e dois militares

São acusados de filiação no Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP) e na sua organização de soldados e marinheiros, a Resistência Popular Anti-Colonial (RPAC), quatro das pessoas referidas na nota que a Direcção-Geral de Segurança ontem distribuíu: **Acácio Manuel Martins da Cunha e José Manuel Caneira Iglésias**, de 23 e 22 anos, que estavam a prestar serviço militar, e os drs. **Sebastião Augusto Bandeira de Lima Rego** e **Vítor Manuel Sampaio Caetano Ramalho**, advogados de 27 e 24 anos.

Os quatro jovens estão detidos na cadeia da D.G.S., em Caxias, onde aguardam o julgamento do Plenário Criminal de Lisboa. O processo foi remetido ao 1.º Juízo Criminal (corregedor Bernardino de Sousa) tendo o agente do Ministério Público, juiz-ajudante dr. Costa Saraiva, elaborado contra os arguidos uma acusação em 161 pontos. Não é conhecida ainda a data da audiência de julgamento.

O MRPP, que publica os órgãos **«Bandeira Vermelha»** e **«Luta Popular»**, é uma organização revolucionária de tendência maoísta que defende como um dos seus objectivos imediatos a reconstituição dum **partido comunista** do proletariado, e que se organiza em **comités**, tal como o seu braço estudantil (a FEML, Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas), o RPAC e o MPAC (Movimento Popular Anti-Colonial, constituído pelos Comités de Luta Anti-Colonial, CLACS). Deste esquema organizativo dá conta o Ministério Público, no seu libelo.

O dr. Lima Rego estivera preso durante alguns dias, no ano passado. Levado a julgamento, o Plenário absolveu-o das acusações. Foi novamente detido a 6 de Fevereiro de 1973, quando espalhava na zona da Estrela — segundo afirma o Ministério Público — um documento intitulado **«Os Colonialistas Assassinaram o Patriota Guineense Amilcar Cabral»**. É acusado de «tarefas de direcção» do RPAC, com o seu có-arguido José Iglésias.

Sobre o documento do acusador lavrará agora o juiz um despacho de pronúncia, sendo depois marcada a data do julgamento, que provavelmente só se efectuará no próximo ano judicial.

AMANHÃ NO PLENÁRIO

Prossegue amanhã às 10 horas, no Plenário de Lisboa, o julgamento de dois estudantes referidos na citada nota da D.G.S.; Maria Teresa Tengarrinha Dias Coelho e João Pedro de Lemos Santos Silva. A primeira audiência fora interrompida durante a audição das testemunhas de defesa da ré.

Conforme noticiámos, os réus são acusados de filiação na União dos Estudantes Comunistas (dependente do Partido Comunista Português), que junto da população universitária compete com duas outras organizações clandestinas, estas de orientação maoista: a União dos Estudantes Comunistas Marxistas-Leninistas (ligada ao Comité Marxista-Leninista Português) e a Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas (MRPP).

A audiência de amanhã será preenchida com os depoimentos das restantes testemunhas de defesa e, provavelmente, com as alegações dos advogados de defesa, drs. Palma Carlos e Salgado Zenha, e do acusador público, dr. Carlos da Costa Saraiva.

Escritores no banco dos réus

As três autoras e o editor das «Novas Cartas Portuguesas» vão responder em tribunal por «abuso de liberdade de Imprensa».

O livro, que a crítica definiu como trazendo contribuições significativas ao estudo da situação da mulher na sociedade actual, encontra-se já retirado do mercado, em consequência dos problemas de ordem moral que levanta. O título da obra, publicada pelos Estúdios Cor, faz referência às «Cartas Portuguesas» atribuídas a Soror Mariana Alcoforado, colectânea oitocentista inicialmente publicada em França e que reuniria as cartas de amor duma portuguesa para um oficial do exército napoleónico. Uma edição em língua portuguesa deste clássico da literatura europeia foi recentemente publicada no Porto.

As «Novas Cartas Portuguesas» são assinadas por Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta, que nos anos sessenta se destacaram no panorama literário português publicando romances e livros de poesia. Réu no mesmo processo é o dr. Romeu de Melo, responsável editorial dos Estúdios Cor.

A audiência de julgamento, no 3.º Juízo Correccional de Lisboa (Boa Hora) foi marcada para as 10 horas do próximo dia 3 de Julho. Como testemunhas de defesa serão ouvidas algumas das mais conhecidas personalidades da nossa vida cultural.

Os advogados de Isabel Barreno são os drs. Salgado Zenha e Duarte Vidal; de Maria Velho da Costa, os drs. António Alçada Baptista e Jorge de Sá Borges; de Maria Teresa Horta, o dr. Luís Francisco Rebello. O editor é defendido pelo dr. Silva Fereira.

Os réus encontram-se e liberdade provisória, por lhes ter sido admitido o pagamento de cauções.

SOLDADOS MORTOS EM COMBATE

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate no Estado de Moçambique os seguintes militares: soldado n.º 061893/71, Rogério Urbano de Sousa Andrade, natural de Vila do Porto, santa Maria, Açores; filho de João Soares de Andrade, já falecido, e de Alexandrina do Espírito Santo Sousa; soldado n.º 069428/72, Ulcino Martins Lima, natural de Vila Nova de Famalicão, filho de António Fernandes Lima e de Maria Jesus Martins e o 1.º cabo n.º 069234/72, Manuel Joaquim Janeiro, natural de Torre de Moncorvo, filho de Manuel Pinto Janeiro e de Maria Emília Rei, casado com Custódia Maria Grilo Marício Janeiro.

Feridos nos incidentes de ontem

Dos incidentes que se registaram ontem, entre as 19 e 30 e as 21 e 30, no Rossio, ruas próximas ficaram feridas pessoas que foram atingidas por bastonadas, quando forças da P.S.P., carregaram sobre a multidão, após a ordem do oficial da Polícia que comandava a operação de limpeza da via pública, ter ordenado a sua intervenção.

Levados ao Hospital de S. José, receberam tratamento a contusões no corpo tendo sido depois detidos e enviados para o Governo Civil, com excepção do primeiro que ficou internado, sob prisão, naquele hospital, muito traumatizado pelo corpo, César Silva Morais Mesquita, de 33 anos, trabalhador, Rua 5, Barraca 2, à Charneca do Lumiar; José Barbosa Carrasco, de 29 anos, empregado comercial, Rua das Fontaínhas, 11, 1.º, Almada; Luis Pessoa Lopes Malacuto, de 37 anos, marítimo, Beco dos Espanhois, 3, Moita; Fernando Ferreira Gomes, de 55 anos, motorista, Rua Pedro Dias, 49, 1.º esq.º, Lisboa; António Maria Graça Marques, de 19 anos, desenhador, Rua K, lote 4, Benfica; Ernesto Tiago, de 45 anos, ajudante de escrivão, Avenida Estados Unidos da América, 5, r/c, Dt.º; António Serafim Pereira, de 26 anos, serralheiro, Rua D. Duarte, 2, 2.º dt.º; João Hugo Pires Pinto, de 42 anos, serralheiro, sem residência certa; Júlio Coutinho Coelho Tuna, de 40 anos, professor do Ensino Tecnico, Rua Dr. Botelho Moniz, 5, r/c, Caldas da Rainha; António Ivo Lopes, de 38 anos, radiotelegrafista, Avenida Infante D. Henrique, 43, 2.º, frente, Oeiras; Nestor Abel Tortorelli, de 26 anos, artista de variedades, de nacionalidade argentina, acidentalmente em Lisboa, hospedado numa pensão na Praça da Figueira; Tito Carvalho Migueis, de 38 anos, gerente comercial, Rua Penha de França, 132, cave, dt.ª; Joaquim Varela Alves Ferreira, de 34 anos, empregado de escritório, Rua de Moçambique, 50, 1.º.

TIROS NA GRAÇA

Cerca das 4 e 30 de hoje, uma rajada de cinco tiros de metralhadora pôs em alvoroço os moradores do bairro da Graça. Segundo conseguimos apurar, os tiros foram disparados do quartel do Largo (Depósito dos Indisponíveis), onde há tempos se registou a explosão de uma bomba. Um dos sentinelas teria visto um vulto no muro daquele aquartelamento; e, tendo perguntado várias vezes em voz alta, quem se encontrava ali, como não obtivesse resposta, resolveu disparar com a arma que lhe estava distribuída.

Dia da Unidade na B.A. 1

Decorreram ontem na Base Aérea n.º 1 (Agrupamento de Transporte Aéreo) as cerimónias do Dia da Unidade, a que presidiu o comandante da 1.ª Região Aérea, general Ivo Ferreira.

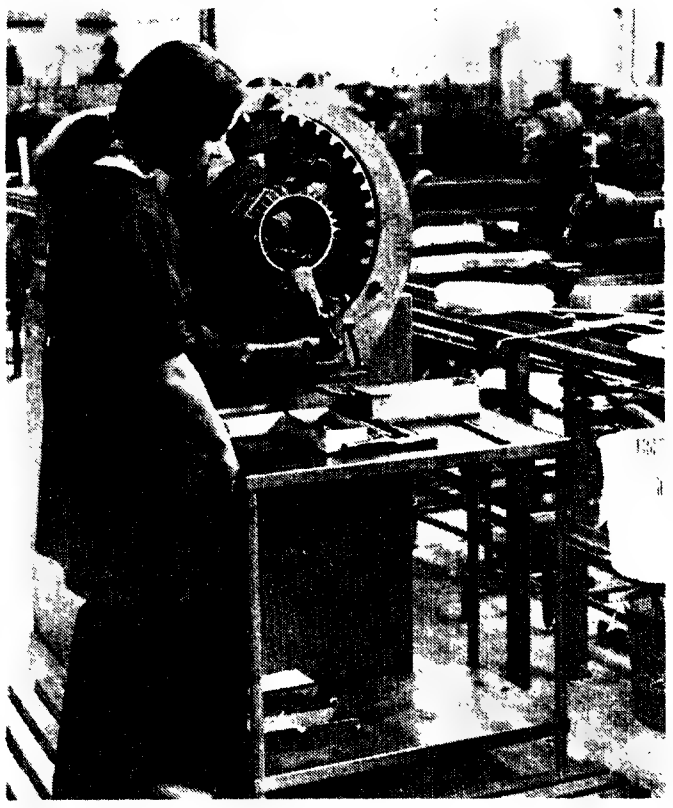
Após distribuição de numerosas condecorações e desfile de forças, a banda da Força Aérea exibiu-se num curto «tatoo», executando marchas militares. Às individualidades presentes foi depois oferecido um almoço na messe dos oficiais.

PARTIU PARA PARIS

Partiu para Paris, onde vai participar na reunião do Comité da Política Científica e Tecnológica da OCDE, o Dr. João Salgueiro, Presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

No mesmo avião seguiram os restantes membros da Delegação Portuguesa, Preofessor Doutor José Pinto Peixoto, Delegado Nacional adjunto e Dr. Joaquim Seabra Lopes, Director dos Serviços de Identificação.

6ª FEIRA
"ANDA A RODA"
LOTARIA COMEMORATIVA
DA DESCOBERTA
DO BRASIL
"TALUDA" 8 MILHÕES



PARTICIPAÇÃO NO TRABALHO

Mulher

...Ao contrário das comunidades primitivas, em que o trabalho e as actividades sociais eram comuns ao homem e à mulher, com o aparecimento da família patriarcal, a vida social dividiu-se em duas esferas nitidamente diferenciadas: a esfera doméstica e a esfera pública. À mulher foi atribuída a esfera doméstica, com as atribuições da reprodução biológica, educação dos filhos, e reprodução da força do trabalho. (...) A insuficiência do salário masculino para o sustento da família obrigou a mulher, em muitos casos, a procurar um emprego dando o seu contributo ao deficitário orçamento familiar. (Centrais).

Para a mulher que não se deslocou para a cidade, esta evolução não chegou a verificar-se. Trabalhando, ao lado do homem, primeiro, ela acabou por ficar sozinha, à medida que o marido e os filhos abandonavam o campo, a caminho de cidades industrializadas, da construção civil no estrangeiro, do Ultramar. (Pág. 8).

MÓVEIS
CAMPO GRANDE, 294-A
Telef. 79 29 21
PARA O POUCO ESPAÇO A GRANDE SOLUÇÃO
VEJA A NOVA «LINHA FUTURO»
NOSSO EXCLUSIVO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Vitor António Figueira, Rua do Penedo, 63-3º-Esq.º BRANDOA

MÓVEIS ESTOFOS DECORAÇÕES
MÓVEIS VARANDAS
Av. Almirante Reis, 89, 93-A e C
Telefone 53 12 94 LISBOA

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao SALDANHA)

MÓVEIS PORTUGÁLIA
MOVEIS DE ESTILO ESTOFOS CARPETES E ALCATIFAS CAPACHOS PARA AUTOMOVEIS E ELEVADORES, ETC
Av. Almirante Reis, 100-A e D
LISBOA Telef. 82 16 12

Herman Michaelis, cultivador sul-africano, descobriu — terá razão? parece-nos, estranho — que as suas vacas fornecem mais leite quando lhes dá os jornais da manhã. Claro que não se trata de notícias mas de papel que as vacas de Michaelis devoram com sofreguidão.

●

Referindo-se a Marlon Brando, seu partenaire em **O último tango**, Maria Schneider teria dito: «É um velhote que nos inspira compreensão e ternura. «A semana passada falámos de outro velhote que Maria classifica de amargo, o seu hipotético pai Daniel Gelin. Esta menina Schneider...

NOTÍCIAS

— **Salvatore Guliotta, barbeiro de Milão, utiliza cabelo e barba de clientes para decorar os seus quadros. Na foto um VERDI, de Guliotta.**

— **Esta senhora, pois claro, dirão todos, é a rainha Isabel. Mas os polícias não estarão muito familiares, muito próximos, enfim, da soberana? Pois claro. Trata-se de um número de music-hall actualmente em exibição em Londres, e em que a actriz, já de si parecida com a rainha, se veste exactamente como ela.**

..Linda Allen, de 19 anos, é auxiliar da aviação militar inglesa e faz parte do clube dos heróis do seu regimento. De facto ela conseguiu que um helicóptero não se incendiasse, arriscando a vida.

ALESSIO da MAX FACTOR

Convida-a a evidenciar melhor o seu encanto através do "charme" e da experiência de um dos maiores visagistas internacionais.

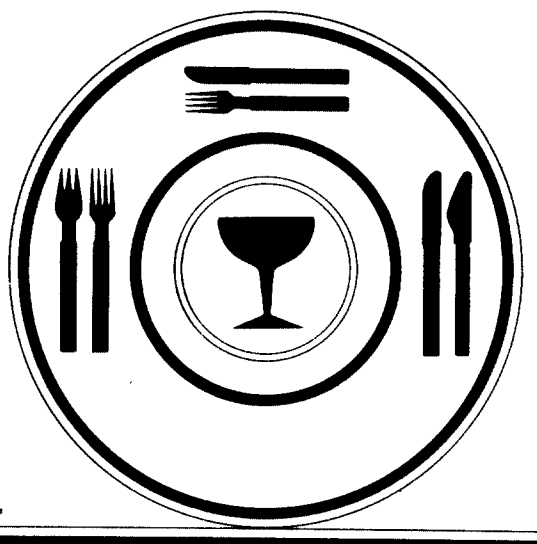
Às ordens da sua beleza nos

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO
DE 1 A 11 DE MAIO

HORA - SR0173

Sir

um problema resolvido...



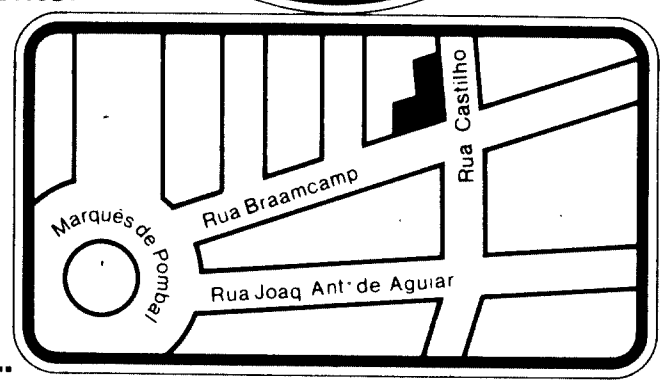
...a partir de agora, perto do Marquês de Pombal e junto do parque automóvel Castil.

SIR, um self-service cómodo e moderno com facilidades de acesso e de estacionamento.

SIR alia a superioridade e variedade dos seus pratos à rapidez do seu serviço.

SIR põe igualmente ao seu dispor um esmerado serviço de cafetaria.

SIR, um problema resolvido!...



Sir o restaurante onde comer bem não leva tempo

SAUNA
PARA CONSULTÓRIOS MÉDICOS, GINÁSIOS INSTITUTOS DE BELEZA
VÁRIOS MODELOS FIXOS E PORTATEIS
A MELHOR MARCA
A MAIS EFICIENTE DESINTOXICAÇÃO REUMATISMO — OBSIDADE, ETC.
PEÇA FOLHETOS TELEF 68 49 58

RECEBA
1900$00
Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a pronto ou em 24 mensalidades.
CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A

SENSACIONAL...

Enceradora	1000$00
Secadores Cabelo	140$00
Aspiradores	1200$00
Frigoríficos Mol	1790$00
Panelas Pressão	290$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500$00
Sofás Camas	1800$00

Mercado de Electrodomésticos
ESTRADA DE BENFICA, 705

OS ALUNOS VÃO A EXPOSIÇÃO

Estamos no ano das comemorações camonianas. A assinalar o acontecimento, acaba de ser inaugurada uma exposição sobre o «Épico Português», no liceu D. Dinis, em Olivais.

Os jovens interpretaram, através do desenho ou das colagens a opinião e a imagem que criaram de Camões e dos «Lusíadas». Poema que eles dissecam palavra por palavra, frase por frase, construção por construção, para conseguir alcançar uma boa nota final. Pena é que Camões seja apenas mostrado parcialmente aos estudantes. E o resto da obra do poeta? Porque não é ela mais aprofundada? Porque são tão ignorados os poemas líricos de Camões?

Aspecto da exposição. Eis como um jovem aluno desenhou Camões

Na sala da exposição encontravam-se vários jovens. Conversámos com alguns. Branca de Lurdes de 17 anos, aluna do 5.º ano e elemento primordial na elaboração desta mostra, disse-nos:

Não devia ser obrigatório o estudo de Camões no liceu. Principalmenteda forma como ele é feito. Tira a beleza toda ao texto, ter de estar a dividir as orações ou a contar as sílabs métricas. Quanto a mim a leitura de «Os Lusíadas» seria estupenda apenas com a interpretação do texto e do tema.

Qual a parte do poema que preferes?

A fala do Velho do Restelo. Simboliza o espírito do povo português, na altura, contrário às descobertas. Acho esse episódio bastante significativo e sempre actual. Camões foi genial nesse aspecto.

CAMÕES O MAIOR NA LITERATURA

A exposição foi organizada por alunas do 5.º ano. Uma das principais coordenadoras foi Maria de Lurdes Marques Costa de 16 anos. Tenciona formar-se em Filosofia.

Fui eu que orientei, mais ou menos, isto, porque alguém tinha de o fazer. Foi um trabalho que me agradou particularmente realizar.

Na sua opinião: «**Camões é um dos maiores nomes da literatura portuguesa. Quanto aos trabalhos aqui expostos acho que os desenhos executados pelos alunos são os mais conseguidos, pois trata-se de um esforço pessoal**».

Qual a crítica à maneira como se ensina «Os Lusíadas» nos nossos estabelecimentos de ensino?

Acho que está muito mal. Vive-se demasiado a pensar nas orações e esquece-se a beleza do poema. Só muito mais tarde se começa a gostar desta obra sensacional.

A exposição estará patente ao público até ao fim do ano. A sua concretização roubou muitas horas das férias da Páscoa a algumas alunas. «**Foi uma experiência extraordinária de camaradagem e de convívio. Deveria haver mais exposições nos liceus sobre outros temas. Dá mais formação às pessoas que as fazem e às que as visitam**» esta declaração foi-nos feita por Maria Jorge Casimiro Almeida, também do 5.º ano e de 17 anos: Decoração e arquitectura é o curso que tenciona tirar.

«Um homem infeliz no amor» foi assim que Branca de Lurdes nos falou de Camões.

Mas não só. Camões, objecto daquela exposição e que hoje é motivo das mais variadas manifestações de preito à sua obra; Camões que em todas as conferências, palestras e comunicações aparece como o génio que conseguiu imortalizar a «**gente lusa**» foi essencialmente um homem infeliz. Incompreendido. Humilhado. Desprezado. Esquecido. Passados bastantes decénios o povo português presta-lhe justiça.

«Só muito mais tarde se começa a gostar da obra».

A CASA E A CRIANÇA

ILSE LOSA

Como é íntima, profundamente importante a relação entre a casa e a criança! As nossas recordações da infância não se podem desligar da casa — luxuosa ou pobre, a sua imagem fixou-se em nós com todos os seus pormenores.

Desde o instante em que a criança acorda, pela manhã, até àquele em que se deita, a casa é o seu mundo. Embora seja também de enorme importância para o adulto, este tem o seu mundo mais vasto — a sua profissão, os seus amigos, os acontecimentos nacionais ou internacionais, que prendem a sua atenção. E, nem para a chamada «dona de casa» a moradia tem significado tão especial como para a criança. Se a mulher limita, por estas ou aquelas razões, a sua vida a este espaço, é porque ele constitui o seu local de trabalho, a sua canseira diária.

Poucos são os anos da infância comparados com os que se seguem depois. Mas são muito mais intensos. Enquanto que cada instante, na idade infantil, é preenchido, tornando o dia cheio de acontecimentos e descobertas, os dias, semanas e meses dum adulto arrastam-se, duma maneira geral, numa monotonia, numa rotina igual, que poucas vezes é marcada por alguma coisa inesquecível. E por esta razão que os anos da infância nos parecem maiores do que na verdade foram. E por isso que nos vêm à memória tantas vezes.

A casa e a criança! Experimente pôr um lápis na mão do seu filho e verá que ele desenhará uma casa, um quintal, uma árvore ou flores. Ele mostra-nos: «Vês o meu mundo?» — Sim, inconscientemente, quer chamar a nossa atenção: «Vês o meu mundo?» Mas o adulto só raras vezes vê. Está sempre ocupado, não tem tempo para ver. E quando se lembra que também foi pequeno, não é para tirar conclusões.

Mas de certo lembramo-nos que tudo na nossa casa nos parecia enorme. Que nos sentíamos demasiadamente pequenos, e que qualquer peça de mobília feita para o nosso tamanho despertava o nosso entusiástico aplauso. Todos ainda recordamos aquele desejo intenso de olhar pela janela para ver o que se passava na rua, e não esquecemos que os peitoris eram sempre altos de mais. Só com uma cadeira se podia lá chegar. Mas havia a proibição de puxar a cadeira, porque, se a janela estivesse aberta, podíamos cair à rua. E a casa de repente parecia-nos uma prisão. Ouvíamos música lá fora, o trotar de cavalos, o pífaro do amolador ou o que quer que fosse que chamava a nossa curiosidade: mas por não haver quem nos segurasse, perdíamos algo que era um novo motivo para a nossa imaginação e para a nossa alegria. Lembremo-nos que também as salas nos davam às vezes a sensação de clausura quando queríamos abrir a porta e não o conseguíamos: porque os puxadores estavam altos de mais. Chamávamos, mas nem sempre nos atendiam com a rapidez desejada. E invadia-nos então, por instantes, aquela sensação de medo que só se apagava quando alguém vinha em nossa ajuda. Não poucas vezes se seguiam ralhos, por sermos maçadores, por não deixarmos as pessoas em paz. E tudo por causa dum puxador...

Quem se esqueceu de ter sido o indesejável na sala onde estavam os grandes? «Não mexas», «não estragues», «não sujes»! Quem não se lembra destas palavras adomináveis?

(Extraído do livro «Nós e a Criança», de Ilse Losa)

Sinó

CONVIDA À RENOVAÇÃO

NA SUA TÉCNICA

CORTE MAQUILHAGEM COR

JOVENS PROFISSIONAIS

PRECISA PARA A SUA NOVA EQUIPA RESPONSÁVEIS

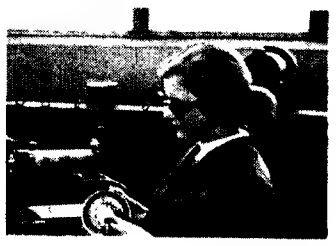
CABELEIREIROS TINTUREIROS MAQUILHAGEM

AVENIDA DA REPÚBLICA, 5 — TEL. 52401 — Junto à Praça do Saldanha

Sinó

CABELEIREIROS

METRO ESTAÇÃO SALDANHA



Trabalho: a participação da mulher

Defender a «emancipação da mulher» ou uma «promoção feminina» como atitude particularista mostrou-se inoperante dentro da sociedade dos fins dos anos sessenta.

Os movimentos feministas, que mais ou menos sempre existiram mas eclodiram principalmente na última década, pretendiam uma igualdade perante o homem.

A mulher, insatisfeita na condição de «ser passivo» a que fora reduzida com a saída do homem para a actividade pública, desejava participar na nova sociedade masculina que nascera com a revolução industrial.

As primeiras tentativas de emancipação foram principalmente uma imitação do comportamento social do homem, quando não das suas extravagâncias. Hoje reconhece-se que o processo poucos benefícios trouxe em favor da mulher, para além de ter provocado um certo sentido de incomodidade de tanto na mulher como no homem. Este caminho foi abandonado pelos movimentos ou pessoas mais esclarecidas por não conduzir às aspirações inicialmente formuladas.

Os contactos com o ambiente social e com o mundo masculino do trabalho revelaram os vícios de que a sociedade sofria. E as dúvidas surgiram: estará o homem suficientemente liberto para que só a mulher aspire a uma «libertação»? Ou ainda: «emancipar» não será tentar contrapor utopicamente um ideal diferente do masculino como perfeito realizado e, ao mesmo tempo levar a Humanidade a um cisma» com base no sexo, quando a moral, a legislação e a cultura, motivados originariamente pela divisão do trabalho são, afinal, as responsáveis pela consolidação e sustentação das tipologias sexuais opostas?

Conquistar um determinado número de privilégios até aí negados à mulher mostrou-se insuficiente. A descoberta de aptidões ignoradas, por parte da mulher, para o trabalho e o despertar paralelo do homem inconformado com a sua situação, igualmente desumana, levou-nos à conclusão de uma idêntica situação de conflito.

O salto realizado pela ciência e pela técnica sobre a civilização industrial nos últimos decénios cavara um fosso no próprio Homem.

Entretanto, ele não conseguira libertar-se das noções tradicionais nem definira novos valores para que pudesse reger-se.

A inadaptação à nova forma de vida, cheia de incertezas e inseguranças, marca um novo período de transição global do Homem, que, por sua vez, dificulta as relações homem-mulher. Mas, precisamente a consciência dessas dificuldades pode encaminhá-las no sentido da cooperação. Têm (temos) uma tarefa comum: promover o Homem total.

À partida, os papéis serão necessariamente diferentes para uma completa abolição das disigualdades existentes, o que implica um esforço também colectivo.

A garantia de êxito, no caso particular da mulher,depende da capacidade em destrinçar a desigualdade de base daquilo que são consequências dessa desigualdade. A confusão implantada na mente de muitas mulheres incidindo a sua acção «emancipadora» sobre estes aspectos parcelares e a incapacidade inicial em estabelecer esta distinção levou, por exemplo, muitas campanhas feministas a imitar simplesmente o tipo de comportamento masculino como afirmação de liberdade... Ou então, a divertir-se em atitudes de desforra contra o sexo masculino. Outras mulheres, ainda, agarradas à escala de valores que lhe foi atribuída por um mundo hostil ao seu pleno desenvolvimento, estão convencidas de que a sua promoção social depende da utilização das suas características e atitudes sexuais.

A DIVISÃO DO TRABALHO

Ao contrário das comunidades primitivas, em que o trabalho e actividades sociais eram comuns ao homem e à mulher, com o aparecimento da família patriarcal, a vida social dividiu-se em duas esferas nitidamente diferenciadas: a esfera doméstica e a esfera pública. Desde este momento as profundas alterações históricas realizadas no campo económico, político e cultural só tardiamente ou nunca, foram extensivas ao circulo doméstico, que, entretanto, se consolidou como família individual e célula económica. À mulher foi atribuida a esfera doméstica com as atribuições de reprodução biológica, educação dos filhos e reprodução da força do trabalho (ao assegurar os elementos de consumo diário). O trabalho invisível da mulher no lar, ao longo de milénios, apagou toda a sua imagem de trabalhadora.

Uma poderosa ideologia do sexo cimentou a estabilidade de tal posição, em que depressa se esqueceu a importância económica da função doméstica, identificando-a, antes, como característica sexual secundária, sendo, portanto, degradante para o homem participar nela.

O trabalho doméstico não se vende nem se troca. Porque não expresso em termos económicos, imediatamente concretos e visíveis, foi relegado para plano secundário no nosso padrão de vida económica e social. E nada havia a recear que alterasse a estabilidade do sistema: os processos de educação que preparam o homem para o exercício do trabalho ou vida pública garantem igualmente uma formação da mulher com vista às futuras funções de mãe e esposa. O contrato jurídico matrimonial fecha a cúpula da catedral familiar em que a mulher se compromete numa função doméstica e em troca recebe o **status social** determinado pela posição do marido.

O período semiagrário que precedeu a indústria artesanal manteve uma proximidade relativa entre o trabalho doméstico e artesanal (masculino). Com a chamada do homem aos «burgos medievais» acentuou-se a separação entre o lar e o «trabalho». Nos tempos modernos, em que se ergueram as grandes cidades industriais deu-se a ruptura completa, com a ausência de participação feminina no trabalho, tanto industrial como comercial. A constituição da sociedade urbana determinou a migração simultânea da mulher para a cidade, mas ela continuou a realizar as tarefas que sempre vinha realizando, agora mais afastadas de qualquer semelhança com as funções masculinas. Nestas, mormente a invenção da máquina, predominava, como anteriormente, a utilização da força física.

Só o homem podia vender essa força, porque a possuía. A nova situação consagrara ainda mais a desvinculação da mulher ao trabalho profissional. Neste novo de estado de coisas apenas lhe eram admitidas funções que muito de perto se assemelhavam às realizadas no lar. O fenómeno da divisão do trabalho e as consequências que daí advinham pareciam ter-se instalado definitivamente no seio da sociedade. Estariam realmente?

«O TRABALHO «LIBERTA»?

..A insuficiência do salário masculino para o sustento da família obrigou a mulher em muitos casos a procurar um emprego, dando o seu contributo para o deficitário orçamento familiar. Desprevenida e desdenhada pela massa operária, desceu à rua. Um pouco por toda a parte, ela embrenhou-se no mundo quotidiano do trabalho.

..Enquanto o fenómeno colectivo, foi visto como penetração abusiva no campo exclusivamente masculino. O patronato, por seu turno, viu nela uma força não muito eficiente que podia justificar reduzidíssimos salários e susceptível de ser aproveitada, em condições de subemprego, em substituição de mão-de-obra masculina que, entretanto, se organizava como classe em sindicatos e reivindicava melhores condições de trabalho e remuneração.

..As injustiças de que foi alvo e as explorações a que se submeteu foram silenciosamente caladas pela mulher trabalhadora, colocada na difícil opção de as suportar ou ser despedida. Simultaneamente dona de casa, ela foi considerada reserva de mão-de-obra destinada a ser utilizada complementarmente ou em caso de carestia da mão-de-obra masculina. Aos olhos do operariado ela apareceu como uma simples concorrente e de quem esperavam uma permanência temporária. Utilizada, porém, sistematicamente para determinadas funções e em casos de despedimentos colectivos, mostrou a sua vinculação definitiva ao mundo do trabalho, facto que não podia ignorar-se por mais tempo. Havia, antes, que admitir a sua presença a todos os níveis do trabalho.

..O homem apercebeu-se da força potencial que a mulher representava: no trabalho, na vida social, na vida política, na ciência. A mulher, ao ser arrancada ao exclusivo trabalho doméstico, revelou capacidades ignoradas e até aí inexploradas. Não houve uma revolução para a «emancipação» da mulher. A sua situação foi-se definindo aos olhos de todos como injustiça. Reformaram-se os estatutos jurídicos com uma vasta gama de legistações. Legalmente, salvo pormenores discriminativos, ela encontra-se em plano de igualdade; de facto, pela falta de idênticas oportunidades, facilidades de promoção, desvios à margem da lei e sob o peso de uma tra-

P

Durante anos o mal-estar conservou-se escondido, inconfessado, no espírito das mulheres americanas. Era uma sensação estranha, um senti-

(T

O MAL-ESTAR INDEFINIDO

PROFISSÃO: DONA DE CASA

mento de insatisfação, uma aspiração a outra coisa, que as mulheres sentiram em meados do século XX nos Estados Unidos. Todas as mulheres casadas residentes nos grandes subúrbios viam-se obrigadas a encontrar, sòzinhas, um remédio para este mal-estar. Sempre que faziam as camas, ou iam fazer compras na mercearia, sempre que barravam as fatias de pão para os filhos ou levavam de carro os jovens escutas e os guias, sempre que reflectiam durante a noite, deitadas ao pé dos maridos, tinham medo de, interiormente, fazerem a si mesmas esta pergunta: «Nada mais além disto?»

dição que insiste em conservá-la o mais possível idêntica a si mesma (mãe, esposa e dona de casa), de facto ainda existem numerosas consequências desse papel milenário de responsável pelo lar. Remando contra a corrente, a mulher vai dando os seus passos tímidos, incertos, no caminho que só lentamente conduz à «emancipação» desejada.

A era do botão pôs termo à supremacia da força muscular e a mulher vê-se subitamente em plano igualitário perante o trabalho e vê uma possibilidade de unir os extremos afastados pela divisão do trabalho. O trabalho «liberta» porque possibilita uma paridade exacta entre o homem e a mulher. Um e outro poderão escolher as suas vidas sem dependências ou condicionalismos económicos, psicológicos e culturais mútuos que aquela divisão e uma ideologia de tipologias sexuais opostas provocaram.

(Transcrito da revista «Indústria de Moçambique»)

. Durante mais de quinze anos, em tudo o que se escreveu sobre as mulheres e para as mulheres, nem uma só palavra traiu esta insatisfação, esta espera, inexplicável; os especialistas explicavam em jornais e livros que a realização completa da mulher acabava plenamente no seio da família, junto dos filhos e do marido. Incansavelmente, as tradições e as interpretações fantasiosas do pensamento freudiano insistem em que não havia para elas destino mais nobre que o de enaltecer a sua própria feminilidade. Especialistas ensinavam-lhes como fazer para atrair e seduzir um homem, como haviam de dar o seio ao seu bebé, como era necessário fazer a sua toilette, como haviam de combater o ciúme entre os seus filhos, resolver as crises da adolescência que os opõem aos pais, como comprar uma máquina de lavar louça, outros especialistas ensinavam-lhes a fazer pastelaria, a preparar caracóis, a construir sozinha uma piscina. Ensinavam-lhe tudo: a vestir-se, a fardar-se, a tomar cuidado com elas próprias, a tornar-se mais femininas, a tornar a sua vida conjugal mais apaixonante. Explicavam-lhes o que deviam fazer para preservar os seus maridos duma morte prematura e as crianças da delinquência. Ensinavam-lhes a ter piedade das infelizes mulheres desarranjadas e muito viris, que pretendiam tornar-se poetisas, físicas, funcionárias da indústria ou da administração. Ensinavam-lhes que a «Verdadeira Mulher» não tem necessidade de fazer carreira, não tem necessidade de fazer estudos superiores, não tem necessidade de votar nem de tomar parte em políticas; numa palavra, que ela não tem necessidade dessa emancipação e desses direitos pelos quais as feministas doutra época se tinham batido. Havia ainda algumas mulheres entre os quarenta e os cinquenta anos que se lembravam da dor que tinham sentido ao renunciar aos seus sonhos, mas a maior parte das jovens já não tinham a menor ideia disso há muito tempo. Milhares de especialistas aplaudiam a sua feminilidade, a sua nova maturidade, a prudência que as tinha levado a retomar o seu lugar. Já nada se lhes pedia desde a sua mais jovem idade senão que se consagrassem à tarefa de encontrar marido e procriar.

No fim dos anos 50 as jovens americanas casavam-se a partir dos vinte anos e mais novas ainda. Quatorze milhões de jovens estavam casadas aos dezassete anos. A percentagem das mulheres que entravam na universidade desceu em comparação com os seus condiscípulos masculinos de 47 por cento em 1920 a 35 por cento em 1958. Um século antes, as mulheres tinham-se batido por obter o direito de ascensão aos estudos superiores. Agora as jovens entram na universidade para encontrar marido. Por volta de 1955, 60 por cento das mulheres abandonavam a universidade quer para se casar, quer porque julgavam que um excesso de cultura as impedia de encontrar marido. As universidades construíram cidades para os estudantes casados, mas a maior parte do tempo só os maridos frequentavam os cursos; pensou-se num novo diploma para as mulheres, o «Ph. T.» (l'art de faire réussir son mari).

Depois as jovens americanas começaram a casar-se no fim dos estudos secundários. Os semanários femininos começaram por deplorar as consequências desastrosas destes casamentos prematuros realçados pelas estatísticas e reclamaram com força a instituição, no seio do ensino secundário, de cursos sobre o matrimónio, e de conselheiros matrimoniais. As jovens começaram a «flirtar» seriamente nos liceus desde a idade dos doze e treze anos. Industriais lançaram no mercado soutiens fortemente reforçados e seios artificiais em mousse para as rapariguinhas de dez anos; e no Outono de 60 pôde ver-se no New York Times um anúncio publicitário para vestido de criança que proclamava: «ela Pode, também, Participar na Caça ao Marido».

Em fins de 1950 a taxa de natalidade nos Estados Unidos ultrapassava a da Índia. Pediu-se ao Centro de Contrôle dos nascimentos, rebatizado «A Maternidade voluntária», que persuadisse as mulheres de que para lá do terceiro ou quarto, os seus filhos não seriam nem nados-mortos nem anormais como se lhes tinha afirmado antes. Os estatísticos ficaram particularmente admirados com o aumento da taxa de natalidade entre os estudantes. Enquanto tinham noutros tempos vulgarmente dois filhos, são quatro, cinco ou seis bebés que lhes nascem agora. Mulheres que tinham antigamente desejado fazer carreira entravam de repente na carreira de mães de família. Em 1956 a revista «Life» entoava um cântico de alegria por constatar este retorno ao lar da mulher americana. Num hospital nova-iorquino uma mulher teve uma depressão nervosa quando soube que não poderia amamentar o seu filho. Noutro hospital mulheres cancerosas recusavam um remédio que poderia salvá-las seguramente sob pretexto de que se arriscavam ao mesmo tempo a diminuir a sua feminilidade. Um cartaz gigante representando uma linda rapariga com ar perfeitamente idiota ostentava-se nos jornais, nos semanários, e nos quadros publicitários dos grandes armazéns. Proclamava: «Não há senão uma vida, eu quero vivê-la com os cabelos louros», e três americanas em dez pintaram os cabelos. Para emagrecer e assemelhar-se aos manequins da moda, começaram a tomar, para substituir toda a alimentação, um pó branco chamado Metrecal. Os responsáveis das medidas de senhoras nos grandes armazéns, aperceberam-se que as medidas da mulher americana tinham reduzido três e quatro tamanhos desde 1939. Um deles declarou: «As mulheres são demasiado magras para os seus vestidos enquanto que antigamente era o contrário». Os decoradores de apartamentos propuseram cozinhas decoradas com mosaicos nas paredes e quadros originais porque a cozinha era precisamente o centro da vida da mulher. Os trabalhos de costura da dona de casa tornaram-se uma indústria que atingiu o milhão de dólares. Muitas mulheres não abandonavam o seu lar senão para fazer compras, levar os filhos de carro ou acompanhar os maridos a recepções. As jovens americanas atingiam a idade adulta sem terem trabalhado fora de casa. Entre 1955 e 1960 surgiu bruscamente um fenómeno sociológico. Um terço das mulheres americanas trabalhava, mas a maior parte já não era muito jovem e muito poucas faziam carreira; tratava-se de mulheres casadas que ocupavam empregos de part-time como vendedoras ou secretárias a fim de permitir ao marido ou aos filhos pagar os estudos ou ajudar a reembolsar empréstimos. Ou ainda viúvas com filhos a seu encargo. De mês a mês as mulheres procuravam um emprego. Torna-se cada vez mais difícil encontrar enfermeiras, assistentes sociais e professoras e daí resultaram crises em quase todas as cidades americanas.

Quando o mundo científico tomou consciência do avanço que a União Soviética conquistara na corrida espacial, houve sábios que fizeram notar que os maiores recursos intlectuais do país deixados ainda em bruto se encontravam entre as mulheres. Mas as jovens não queriam voltar-se para as ciências: não era uma ocupação feminina. Uma jovem recusou uma bolsa de estudos científicos na Universidade John Hopkins e preferiu trabalhar no escritório duma agência imobiliária. O seu único desejo, dizia ela, era o de toda a jovem americana: casar-se, ter quatro filhos e viver numa casinha situada nos agradáveis subúrbios.

Ser dona de casa era o ideal de toda a jovem americana e era esse o desejo — dizia-se — das mulheres do mundo inteiro: a dona de casa americana que a ciência e o equipamento moderno para o lar tinham libertado das maçadas domésticas, dos perigos do parto e das doenças do tempo das avós. Era bela, saudável, culta e consagrava-se inteiramente ao seu marido, aos filhos, ao lar. Atingiu o auge da sua feminilidade. Ao mesmo tempo mãe e dona de casa, era respeitada e considerada como igual ao homem. Era ela quem escolhia o automóvel, os vestidos, o equipamento doméstico, as compras no supermercado; possuía tudo o que a mulher jamais sonhou possuir.

Durante os quinze anos posteriores à segunda guerra mundial este mito da não-emancipação da mulher tornou-se a pedra angular, imutável e venerada da cultura americana. Milhões de mulheres reconheciam-se na imagem que lhes oferecia um arrebatador instantâneo da dona de casa americana abraçada ao marido antes de ele sair de casa todas as manhãs, dona de casa que levava à escola uma quantidade de filhos e sorria numa cozinha de pavimento lustroso mostrando a sua nova enceradora eléctrica. Ela mesma cosia as roupas, suas e dos filhos e punha a funcionar durante todo o dia as novas máquinas de lavar e de secar a roupa. Ela mudava as roupas da cama duas vezes por semana em vez duma só, seguia cursos de adultos para aprender a fazer tapetes de crochet, e lamentava os esforços da sua pobre mãe frustrada que tinha sonhado fazer carreira. A sua única ambição era tornar-se uma esposa e uma mãe modelo, o seu sonho era ter cinco crianças e uma casa maravilhosa, o seu único combate era descobrir um marido e conservá-lo. Não tinha um único pensamento para o mundo à sua volta. Pensava que só aos homens competia tomar as decisões vitais. Fiel à sua condição de mulher, escrevia com orgulho nas folhas do recenseamento: «Profissão: Dona de casa».

(Excertos do livro «A Mulher Mistificada», de Betty Friedan)

EVOLUÇÃO DO TRABALHO FEMININO

A despeito de todas as dificuldades, a evolução do trabalho feminino prossegue. Em 1900, contavam-se ainda, na França, 900 000 operárias trabalhando em domicílio e fabricando roupas, objectos de couro e pele, coroas mortuárias, bolsas, adornos de missangas, bijuterias, mas esse número diminuiu consideravelmente. Em 1906, 42 por cento das mulheres em idade de trabalhar (entre os 18 e 60 anos) estavam empregadas na agricultura, na indústria, no comércio, nos bancos, nas companhias de seguros, nos escritórios e em profissões liberais. Esse movimento precipitou-se no mundo inteiro em virtude da crise de mão-de-obra, de 1914-18 e da última guerra mundial. A pequena e média burguesia decidiram segui-lo e as mulheres invadiram também as profissões liberais. De acordo com um dos últimos recenseamentos de antes da última guerra, verifica-se que sobre a totalidade das mulheres de 18 a 60 anos trabalham, na França, cerca de 42 por cento, na Finlândia 37 por cento na Alemanha, 34,2 por cento, na Índia 27,7 por cento na Inglaterra, 26,9, na Holanda 19,2 por cento, nos Estados Unidos 17,7 por cento. Mas na França e na Índia é por causa do trabalho rural que as cifras são tão elevadas. Exceptuando-se as mulheres que trabalham nos campos, contavam-se, na França, em 1940, cerca de 500 000 chefes de estabelecimentos, um milhão de empregados, dois milhões de operárias e um milhão e meio de trabalhadoras isoladas ou desempregadas. Entre as operárias há 650 000 domésticas; 1 200 000 trabalham nas indústrias de transformação, sendo 44 000 na indústria têxtil, 315 000 na confecção, 380 000 em domicílio como costureiras. No que diz respeito ao comércio, às profissões liberais, aos serviços públicos, França, Inglaterra e Estados Unidos encontram-se mais ou menos em pé de igualdade.

Vinte e um gramas de alma

EMÍLIA BRAVO

Encontro a notícia num jornal italiano. Transcrevo-a: «O psiquiatra sueco Nils Jakobson declarou, após uma longa série de experiências feitas durante anos com moribundos (colocados numa balança), que a nossa alma pesa exactamente 21 gramas.»

Alma imortal, simples sopro de vida, máquina em movimento que, de súbito, parou? De qualquer modo, as almas, todas elas, as puras e as impuras, as simples, as negras, as perdidas, as almas inquietas e as serenas, as boas almas, as caridosas, as sublimes, as heroicas, as almas de Deus e as do Diabo, as almas danadas, as grandes almas e as mesquinhas, as almas fortes e as almas fracas, teriam, a acreditar no doutor Jakobson, o mesmo peso, 21 gramas, nem mais nem menos.

Aqui temos pois o psiquiatra sueco com a sua balança de pesar moribundos e defuntos, os primeiros ainda com alma, os outros já sem ela. E certo que **il faut de tout pour faire un monde.** Mas que é deprimente, lá isso é.

Receita vaqueiro

sardas marinadas

INGREDIENTES

4 sardas médias; 2 colheres, das de sopa, de Vaqueiro; 1 cebola grande; 1 cenoura; 1 dente de alho; 1 limão; 2 decilitros de vinho branco; 2 decilitros de vinagre; 4 cravos-da-índia; 5 pimentos em grão; 1 colher, das de sopa, de salsa picada; 1 folha de louro; sal, q. b.; 5 decilitros de água.

PREPARAÇÃO

Derrete-se a margarina num tacho, junta-se-lhe a cebola e a cenoura cortadas em rodelas, o alho picado, o louro, a salsa, a pimenta e os cravinhos. Deixa-se alourar levemente em lume brando.

Aquece-se o vinho com vinagre e a água e junta-se-lhes os ingredientes anteriormente preparados. Mistura-se-lhes rodelas finas de limão. Deixa-se ferver durante quinze minutos. Passadas doze horas, e nos dias seguintes, servem-se frias, acompanhadas de batatas cozidas, bem quentes.

HORÓSCOPO DA MODA

Miss Rikki vaticina: Na próxima época, as camisas vão ser largas e as calças continuam a alargar para baixo. As primeiras serão de tecidos de lã leve e as segundas de flanela.

Downtow, de Londres faz saber: As tendências da moda para o Inverno repisam os estilos inspirados em modas masculinas; chapéus pequenos, gabardinas de duas faces, camisolas «Donegal» e tacões altos.

A Associação de Moda para Homem diz: Exemplo perfeito da elegância simples, este conjunto realça a importância do branco para o Verão. A malha do casaco e a flanela das calças fazem um jogo perfeito.

Dorothy Gray anuncia: Uma colecção de belas cores para os lábios, em cremes e lápis, eis uma novidade da temporada. No total, chegam a trinta, com proteínas, leve humidade e grande brilho.

Um conselho

Para dar transferência aos vidros, com calcário, bastará mergulhá-los em água evinagrada, na qual tenha deitado rodelas de batata crua. Passados 30 minutos, já vê o resultado que pretende obter.

COMO COMEÇA O REUMATISMO?

O reumatismo assume muitas formas mas há características invariàvelmente comuns – uma pontada aqui, e ali, menor facilidade de movimentos, endurecimento gradual das articulações, etc.

A progressiva acumulação de toxinas no sangue é um dos grandes responsáveis pelo reumatismo que, por fim, ataca as articulações. Os SAIS KRUSCHEN ajudam à eliminação das toxinas, através de uma combinação equilibrada de seis sais minerais e de uma dupla acção: diurética e laxativa.

Tomando regularmente os SAIS KRUSCHEN – uma colher de chá num copo de água tépida, todas as manhãs, em jejum – poderá contribuir para o desaparecimento dos primeiros sintomas de reumatismo.

Não consinta num reumatismo crónico – consulte o seu médico se não experimentar quaisquer melhoras.

nova frescura!

novo prazer de lavar os dentes!

A nova Pasta Couraça – agora com cálcio – maior protecção e beleza para os seus dentes!

BOUTIQUE DE ILUMINAÇÃO

Candeeiros
Lâmpadas
Acessórios
para:
Boutiques
Lojas
Habitações
Escritórios
Modelos design de luxo
Económicos

JF

JF DE AZEVEDO E SILVA & Cª LDª

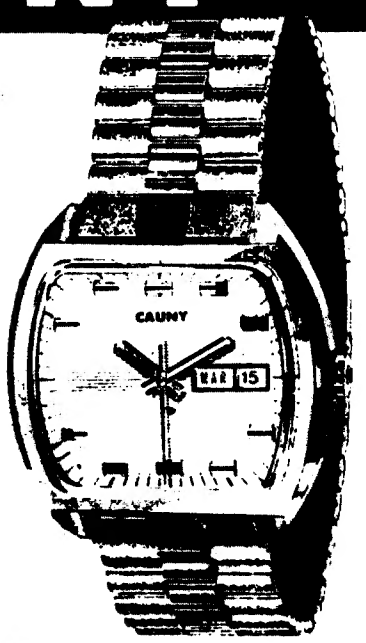
PREÇOS DE LIQUIDAÇÃO

EM TODO O «STOCK» DE TAPETES
POR REMODELAÇÃO DO ESTABELECIMENTO

A PERSIA ANTIGA
R. da Imprensa Nacional 116 B (a Esc. Politécnica)
Lisboa 2 – Telef. 674493

CAUNY

AUTOMATICO
CALENDARIO
DIA E DATA
ANTICHOC



EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

Garantido 1 ano

Que grande boca tem o pelicano do parque de St. James em Londres! Está à espera que os visitantes lhe atirem os peixinhos de que o seu companheiro tem o papo cheio. Ao contrário de Lisboa, Londres tem estado cheia de sol. Para alegria dos animais. Os parques enchem-se de empregados de escritório que ali vão passar o intervalo do almoço. (Telefoto UPI)

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Jacinto Francisco, Largo da República, 57-2º CANEÇAS

MARIA ADELAIDE TRIGO DA ROZA DE CASTRO

Missa do 30.º Dia e Agradecimento

Sua família, participa que será celebrada missa em sua memória, amanhã, às 19 horas, na Capela do Colégio do Sagrado Coração de Maria (Av. Manuel da Maia, 2).

Agradecem reconhecidamente às pessoas que lhes manifestaram o seu pesar, e a quem o não fizeram directamente, por desconhecimento de moradas.

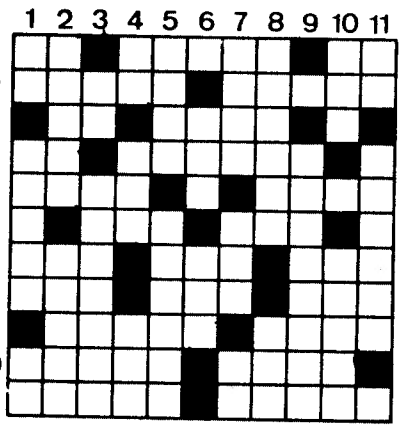
PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10414

HORIZONTAIS

1 Língua antigamente falada a oeste do rio Loire. Mais cedo. Berilo (s.q.)
2 Curai. Congelar
3 Despido. Cá.
4 Ruim. O mesmo que aluato.
5 O mesmo que ulmeiro (árvore). Rio de Espanha.
6 Pega. Membro de ave.
7 Bigorna de aço sem hastes. Três mil em romano. Ponta aguda.
8 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do conselho de Anadia. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ha. oh! Doutora (inv.º).
9 Borla de barrete. Escuro.
10 Receio. A Tailândia.
11 Antiga cidade da Arcádia. Freguesia do conselho de Guimarães.



VERTICAIS:

1 Artigo definido. Dafunto. Basta.
2 Tubo. Serra de Portugal.
3 Estrépito de desmoronamento. Cordoalha de navio.
4 Em partes iguais. Preposição e artigo definido (pl). Tritura.
5 O mesmo que ninho. Causará amuo a.
6 Pronome relativo. Mágoa.
7 Fêmea do cavalo. O mesmo que âmio. Sadia.
8 Bandos. Oásis.
9 Ervilha da Índia.
10 Botequim. Rugidos.
11 Erbio (s.q.) Que casou.

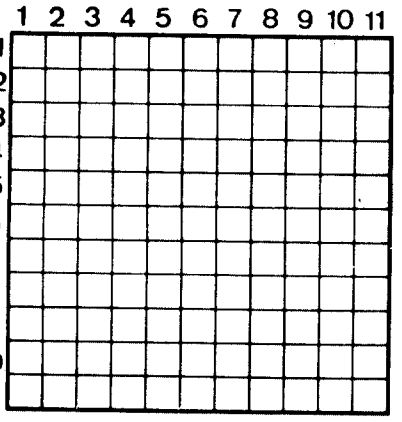
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6571

HORIZONTAIS

1 Travar luta com.
2 Arremesse. Conselho.
3 Título do antigo rei da Calicut, na costa do Malabar.
4 Bário (s.q.). Invulgares. Rio de Itália.
5 Avaliar. Freguesia do conselho de Loulé.
6 Nome de homem. Transpiração.
7 Gosta muito de. Por muito obséquio (abrev). Senhora.
8 Antiga moeda de Ormuz. Diabo.
9 Tempo do verbo ser. Tramo.
10 Sarja de seda, fina e preta, com que se faziam mantilhas para senhoras. Glóbulos.
11 Preposição e artigo definido (pl). Freguesia do conselho de Penafiel.



VERTICAIS

1 Reino da Federação Indochinesa a nordeste da Cochinchina. Pronome pessoal.
2 Perfumara.
3 Suspiros. Cidade do Paraguai.
4 Conduzirão para cá. Relativo à Lídia ou à Meónia (ant).
5 Mover os remos. Prasiodímio (s.q.) Manuscrito.
6 Sufixo que designa estado. Milímetro (abrev).
7 Rostos. Artigo definido. Grosa (abrev).
8 Prevines. Brisa.
9 Víscera dupla. Envernizas.
10 Agravado.
11 Antiga cidade da Palestina destruída com Sodoma pelo fogo celeste. Sufixo que designa abundância

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10413

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 NÃO. Nunca. HÁ.	1 Nas. BONITA.
2 Amimo. Anual.	2 Amares. Ripa.
3 Saro. Arma.	3 Oirem. Citar.
4 Rera. Mora.	4 Mor. Arai.
5 Bem. Use. Ada.	5 No. Autos. Be.
6 Os. Atela. Am.	6 SEM. Pag.
7 Cromais.	7 Cá. Melão. Úa.
8 Irias. Orear.	8 Anão. Airó.
9 Titi. Onda.	9 Urra. SENÃO.
10 Apa. Bau. Ais.	10 Hamadã. Adiu.
11 Arregalou.	11 Alá. Amaras.

Provérbio: NÃO HÁ BONITA SEM SENÃO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º. 6570

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Palermo.	1 Aproa. Tropa.
2 Presa. Elisa.	2 Riria. Arar.
3 Riso. Irás.	3 Pescada. Aru.
4 Cró. Cua. Olá.	4 Aso. Recosta.
5 Aiara. Natal.	5 La. Camal. As.
6 Adem. Oleo.	6 Pu. Réu.
7 Acartas.	7 Re. Anoto. Cr.
8 Rã. Oleos. Ni.	8 MLI. Alastro.
9 Oras. Tri.	9 Oirotes. Rum.
10 Parta. Cruza.	10 Salão. Niza.
11 Aruãs. Romão.	11 Casal. Fi. Ao.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

ANÚNCIO

Concurso n.º 37 — FORNECIMENTO E INSTALAÇÃO DE DISPOSITIVOS DE INCINERAÇÃO

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 29 de Maio próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão obter no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 23 de Abril de 1973.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) **Alexandre Pinheiro**

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONCESSÃO DE LICENÇA DE OCUPAÇÃO DE UMA ÁREA COM VISTA AO EXERCÍCIO DA INDÚSTRIA DE SEGUROS DE VIAGENS AÉREAS NO AEROPORTO DO FUNCHAL

1. — Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 22 de Maio de 1973, no Aeroporto do Funchal e perante a comissão para essa fim nomeada, se procederá ao concurso público para a concessão de licença de ocupação de uma área com vista ao exercício da indústria de seguros de viagens aéreas no Aeroporto do Funchal.

2. — Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de Esc.: 1 000$00 (MIL ESCUDOS), na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou nas suas filiais, à ordem da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Aeroporto da Madeira —, até às 15 horas da véspera do dia do concurso, mediante guia passada pela Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, ou pela Secretaria do mesmo Aeroporto, no Funchal.

3. — O depósito provisório pode ser substituido por garantia bancária prestada a favor da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Aeroporto da Madeira —, devidamente aceite pelo Ministério das Finanças.

4. — O depósito definitivo será de Esc.: 10 000$00 (DEZ MIL ESCUDOS).

5. — O programa do concurso e o Caderno de Encargos relativos à concessão, poderão ser consultados ou adquiridos, durante o prazo do concurso, na Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, sita na Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, ou na Secretaria do Aeroporto do Funchal.

Lisboa, em 26 de Abril de 1973.

O DIRECTOR-GERAL,
Eng. Victor Veres

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONCESSÃO DE LICENÇA DE OCUPAÇÃO DE UMA ÁREA COM VISTA AO EXERCÍCIO DA ACTIVIDADE DE ALUGUER DE AUTOMÓVEIS SEM CONDUTOR NO AEROPORTO DO FUNCHAL

1. — Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 22 de Maio de 1973, no Aeroporto do Funchal e perante a comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para a concessão de licença de ocupação de uma área com vista ao exercício da actividade de aluguer de automóveis sem condutor no Aeroporto do Funchal.

2. — Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de Esc.: 2000$00 (DOIS MIL ESCUDOS), na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou nas suas filiais, à ordem da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Aeroporto da Madeira —, até às 15 horas da véspera do dia do concurso, mediante guia passada pela Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, ou pela Secretaria do mesmo Aeroporto, no Funchal.

3. — O depósito provisório pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil — Aeroporto da Madeira —, devidamente aceite pelo Ministério das Finanças.

4. — O depósito definitivo será de Esc.: 30 000$00 (TRINTA MIL ESCUDOS).

5. — O programa do concurso e o Caderno de Encargos relativos à concessão, poderão ser consultados ou adquiridos, durante o prazo do concurso, na Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, sita na Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa, ou na Secretaria do Aeroporto do Funchal.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 26 de Abril de 1973

O DIRECTOR-GERAL,
Eng.º Victor Veres

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 63/73

Faz-se saber que no dia 22 de Maio de 1973, pelas 15,30 horas terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171, o concurso público para a «CONCESSÃO DA EXPLORAÇÃO DA LOJA C DA PASSAGEM INFERIOR PARA PEÕES, DE ALCÂNTARA», com a base de licitação mensal de 2.000$00. (Processo n.º 27/73/CP/DSTE).

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida Repartição.

Paços do Concelho, de Lisboa, em 26 de Abril de 1973.

O PRESIDENTE
António Jorge da Silva Sebastião

MANUEL FERREIRA

FALECEU

Ruth Noémia Ferreira da Silva Ferreira, Rogério da Silva Ferreira, sua mulher e filhos, Rosa da Silva Ferreira Carpinteiro, seu marido, filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu chorado marido, pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã, às 15 horas, da capela da Senhora dos Remédios, à Rua dos Remédios, para o cemitério do Alto S. João.

Agência Silva, T. 865387

MARIA ANTÓNIA VIEIRA MONTEIRO

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

Dr. Mário Vieira de Miranda Monteiro, mulher e filhos, Maria Beatriz Vieira de Miranda Monteiro Domingos Barreiro e filha, Maria Amélia Cabral Sacadura Monteiro e filhos, Maria Teresa Lane Monteiro, Maria Beatriz e Maria Antónia Monteiro de Morais Pinto e Maria Emília Monteiro de Moraes Pinto da Câmara e marido participam o falecimento de sua querida mãe, sogra e avó ocorrido no passado dia 27 de Abril e que amanhã, às 12 horas, na Igreja de Santa Isabel, será rezada missa pelo eterno descanso de sua Alma.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 543167

"A TERRA FAZ-SE ROGADA"

(Entrevista com uma camponesa)

Maria de Jesus tem 55 anos mas ninguém o diria, aqui, na cidade, porque o seu rosto há muito tempo que começou a avançar pela velhice dentro. Mas os seus braços parecem não ter dado por isso. Atiram-se à enxada e com ela desafiam a terra, onde lançam as sementes do trigo que depois hão-de mondar, ceifar, carregar comer também, mas apenas uma pequena parte, comprada na padaria da aldeia.

Maria de Jesus é camponesa de uma região onde o Ribatejo toca a Beira Baixa e onde a terra, quando não dá trigo dá vinho, quando não dá vinho dá figo mas às vezes não dá coisa nenhuma. De uma terra que a «crise da agricultura» não isolou, antes abriu para novas necessidades. Homens partiram para a cidade, para o Ultramar, para as capitais estrangeiras onde o seu trabalho encontra a remuneração suficiente para sustentar a família. Com esse dinheiro, os filhos puderam estudar. Partiram ou partirão também. Nem uns nem outros se tornaram mais felizes. Nem os que partiram nem os (as) que ficaram. Os primeiros, no regresso curto para férias, trazem à aldeia uma forma de insatisfação encontrada no trabalho assalariado, uma sensação de exploração. E também a angústia resultante da inadaptação, do choque de uma cultura que inesperadamente embateu no seu espírito de homens da terra. As suas raízes sofrem. Os (as) que ficaram não compreendem, e sofrem também. Como Maria de Jesus.

Como todas as Marias de Jesus que há por essas aldeias fora, amanhando, ainda, a terra que se recusa.

— **A terra faz-se rogada...**

— Como?

— **Se não lhe dermos trabalho, ela também não nos dá nada. E às vezes damos-lhe trabalho e ela também não produz. Damos-lhe adubo e água e ela não produz. Este inverno quase não choveu e a terra vinga-se em nós...**

— Mas a terra não é sua...

— **Mas se não trabalho, não ganho. Se não ganho, não compro. Se não compro, não como.**

— Não tem terras suas?

— **Tenho uma horta que herdei do meu pai, mas fica longe de casa. Tem uma nora com água nascente, mas uma pessoa sozinha não pode regar. Se tivesse um burro, o burro puxava a nora e eu regava. Mas talvez não valesse a pena, porque a terra está cansada, o adubo está caro, e produz-se cada vez menos. No Inverno, o gelo e a geada dão cabo das culturas. No Verão, é a seca, são os bichos. Não dava para a família viver. Abandonei a horta para trabalhar para outros, porque o dinheiro é certo.**

— Quanto ganha?

— **Agora ganho 40$00 por dia. Neste campo, há pouco trabalho. Já passaram as mondas e ainda não chegaram as ceifas. Rega-se e colhe-se alguma coisa, sacha-se, limpam-se as hortas. São trabalhos mais leves.**

— Que outros trabalhos faz?

— **Apanho azeitona no tempo dela. Nessa altura, há muito trabalho, até contratam pessoal de fora. Os grandes proprietários fazem ranchos para varejar e apanhar azeitona. O trabalho chega a durar um mês, dois meses e se é de empreitada, uma mulher chega a juntar três contos e um homem mais. Mas trabalha-se do nascer ao pôr-do-sol, enquanto se vê a azeitona.**

Os homens trabalham mais?

— **Os homens sempre têm mais força. São eles que sobem às árvores para varejar a azeitona, porque às mulheres ficava mal. As mulheres apanham a azeitona. Nessa altura, se for um ano em que haja muita azeitona, um homem chega a tirar 120$00 por dia e uma mulher 80$00. Mas se houver pouca, não pagam tanto.**

— E agora, quanto ganha, um homem no campo?

— **Entre 70 e 80$00 por dia.**

— Qual é o trabalho mais difícil?

— **As ceifas, que estão quase a vir. É pior por causa do calor e porque temos de andar todo o dia debruçados.**

— Aqui não há máquinas para ceifar?

— **Só os maiores é que têm, porque parece-me que são caras. No Alentejo é que me parece que há muitas máquinas. Antigamente os homens iam para lá e ao fim de dois meses traziam bom dinheiro. Mas tinham de dar o corpo ao manifesto, alguns até vinham doentes ou desistiam... E um trabalho muito duro.**

Não há falta de trabalhadores no campo?

Homens não há muitos, mas há mulheres, assim como eu. E algumas raparigas novas, que não tenham ido servir para a cidade. Do que os patrões se queixam é da falta de homens e são capazes de lhes pagar um dinheirão.

— Acha muito dinheiro?

— **Muito não é, mas quer-se dizer que dão muito mais valor ao trabalho de um homem, mesmo que já não seja novo. Mas eles também têm mais força...**

— Porque é que há poucos homens?

— **Os mais novos vão quase todos para a cidade, para a construção de prédios. Outros vão para Angola. Aqui também há rapazes nas obras, mas esses não trabalham no campo. Também há alguns que vão para fora: França, Alemanha. Mas poucos têm coragem.**

— Dão o salto?

— **O meu homem foi para França, mas com os papéis. Arranjou-me caixa de previdência e tudo**

— Quanto ganha ele em França.

— **Não sei bem, mas de vez em quando manda-me dinheiro.**

— O que faz ele?

— **É pedreiro. Eu disse-lhe muita vez que ele devia ir era para Lisboa. Também se arranjam lá bem e ao menos estava com pessoas que falam a nossa língua e podia vir a casa mais vezes.**

— Como se dá ele?

— **Nos últimos tempos tem adoecido. Veio cá pelo Natal e eu achei-o muito mal. Eu não queria que ele voltasse para lá. Disse-lhe: «Ó homem, a gente já não precisa e os filhos hão-de arranjar-se». Mas parece-me que é uma teimosia que ele tem lá dentro, ou que está cansado da família. E tem a mania de comprar terras. Diz que quer comprar para poder deixar alguma coisa aos filhos. Eu digo-lhe que não vale a pena, porque as terras não dão.**

— Quantos filhos tem?

— **Tive sete, mas morreu uma que nasceu antes do tempo. Se fosse agora tinha escapado, mas nesse tempo não havia estufas. Fiquei com três casais.**

— São casados?

— **Só uma é que é casada. Parece-me que os meus filhos não são muito da raça de casar. São muito pensativos e dizem que quem pensa não casa. Dos solteiros, o mais velho tem 27 anos, mas diz que gosta de liberdade. Esteve na Guiné. Ganha para ele e ainda anda a estudar.**

para ele e ainda anda a estudar.

— E os outros?

— **Tenho uma rapariga com 25 anos que é colega do irmão. Também ganha para ela e estuda de noite. É um bocado esquisita, diz que não quer casar e é capaz de ter razão. Tenho outro rapaz em Moçambique que é o que me dá mais preocupações. Quando não recebo aerograma, fico logo com o credo na boca. E não fico por aqui em preocupações, porque outro rapaz, que tem 19 anos, foi agora para a tropa. Até ia doente. Não sei o que ele tinha, mas estava doente e não falava com ninguém.**

As raparigas?

Andam a estudar. Há aqui um colégio até ao sétimo ano. O pai quis que os filhos estudassem, para arranjar um trabalho mais limpo do que ele. O pai andou na escola, mas eu não e tenho muita pena de não saber ler. Por isso, também fiquei contente por os meus filhos aprenderem bem, chegaram a arranjar bolsas de estudo, mas não davam muito. Os mais velhos estão empregados, outros na tropa. Se não ficarem por lá, daqui a três ou quatro anos, todos trabalham e têm a sua vida. Nessa altura, já o meu homem pode vir de França.

— Os seus filhos costumam vir cá?

— **Vêm. Trazem-me dinheiro bacalhau e outras coisas que aqui não há muito. Mas fazem-me muita impressão. O meu filho. O meu filho mais velho deu em dizer que não valeu a pena terem-no mandado estudar e arranjado um emprego limpo. Diz que não se adapta que não se sente bem. Eu penso que é das leituras que eles fazem. E já não sei se o melhor é estudar ou ficar ignorante para toda a vida como eu.**

— Tem saúde?

— **Tenho uma doença no coração. O médico da Previdência disse que não e pôs-se a reinar comigo, que o que eu não queria era trabalhar. Mas eu sei que preciso de trabalhar, doente ou com saúde. Como aquele nem sequer me media a tensão e eu sofro de tensão alta, fui a outro médico. Receitou-me uns fortificantes, mais uns comprimidos para dormir. Disse-me que esta doença não se dava com preocupações. Para eu não pensar em nada, esquecer os desgostos Já o meu pai que Deus tem morreu com uma crise no coração, por causa de um desgosto.**

— Que idade tinha quando começou a trabalhar?

— **Sei lá, desde que nasci. Mas aí até aos 12 anos não ia para o campo, porque tinha que ficar com os meus irmãos mais novos, enquanto os outros iam para trabalhar. Os meus pais tinham umas terras, mas também tinham de trabalhar por fora. Comecei por ajudá-los nas regas, que era um serviço mais leve. Mas depressa me habituei a tudo: apanhar trigo, azeitona, vindimar ceifar. A pouco e pouco, o meu pai teve de ir vendendo as terras. Ainda me lembro que no tempo da guerra, chegámos a não ter um bocadinho de pão. Mas também era por causa do racionamento. Foi nessa altura que o meu pai arranjou a doença. Mas nunca deixou de trabalhar, o que é que julga? Foi até o coração parar.**

— E a sr.ª Maria de Jesus não pensa «reformar-se»?

— **Reforma? Aqui no campo não há disso. Quem nasce no campo não aprende outra coisa que não seja trabalhar. Trabalha-se até morrer ou ficar inutilizado para sempre. É a lei da vida.**

REGINA LOURO

Como todas as «Marias de Jesus» que há por essas aldeias fora...